

Não Quero Perder-te

M. Baldanderzo

2007

Copyright © M. Baldanderzo, 2007

All rights reserved

«Com alívio, com humilhação, com temor,
compreendeu que ele próprio também era uma
aparência, que outro estava a sonhá-lo.»

Jorge Luís Borges, "As Ruínas Circulares"

Insuportável é a tua ausência, demasiado presente para me permitir uma paz pela qual já não sei se anseio e, mesmo que finja procurar algo mais, é a ti que persigo, são os teus vestígios que pretendo encontrar, porque nada me resta, ou interessa, para além de seguir os teus passos, imaginando onde poderiam ter conduzido, sonhando inúmeras possibilidades para uma história que não pudemos concluir.

1.

Quando era já demasiado tarde, sobre o Atlântico entre Nova Iorque e Lisboa, pensou que não deveria ter aceite aquele pedido, se é que poderia chamar-lhe assim. Depois, tomou um comprimido e só sentiu que acordava verdadeiramente na manhã do dia seguinte, quando percorria de táxi as ruas de uma cidade que também acabava de acordar. Entrou no hotel e subiu para o quarto, a pensar que talvez fosse possível dormir um pouco mais. Deitou-se na cama e deixou-se ficar muito quieto, fazendo de conta que ainda se encontrava do outro lado do oceano, mas sem conseguir adormecer. Então, o telefone começou a tocar e, do outro lado, alguém da recepção, respeitando as indicações que ele próprio deixara, informou serem nove horas da manhã. Nove da manhã no país deles. O seu relógio de pulso permanecia acertado pela hora da Costa Leste e o biólogo também. Arrastou-se até à casa de banho e deixou-se ficar sob o duche mais tempo do que o habitual, protelando o momento em que teria de retirar da carteira o papel onde se encontrava anotado o número de telefone que daria início ao jogo. Nem sequer estava certo do que realmente aceitara jogar. Não tinham sido discutidas as regras, nem quem determinaria os vencedores. Algo dentro de si lhe dizia que dificilmente se encontraria entre eles. De certa forma, era-lhe indiferente.

2.

«Fiquei muito contente quando aceitou o meu convite para almoçar, professor.»

Não mentia completamente. Na verdade, o termo mais adequado teria sido “surpreendido”. Todd Carver, antigo senador e patrocinador daquela viagem, descrevera com cores tão carregadas o velho professor, fruto do primeiro casamento da mãe, que quase ficara sem esperança de chegar a falar com ele. No entanto, o homem fora cordial quando recebera o seu telefonema e aceitara de imediato o convite para o almoço, desde que pudesse escolher o restaurante. Jack não colocara objecções; em parte, porque decorrera demasiado tempo desde a última vez que estivera em Lisboa para que se sentisse seguro perante a escolha de um local adequado, mas igualmente porque tivera a certeza de que o restaurante escolhido por Nigel Haslam seria uma boa alternativa à comida que lhe haviam servido no avião, ainda que não tivesse viajado em classe económica. Não se enganara. Pouco depois de se terem encontrado na estação de metro da Baixa-Chiado, já ele seguia o professor por ruas íngremes, transpirando sob um calor intenso, mesmo para uma cidade do Sul da Europa, em busca de um qualquer oásis gastronómico. A caminhada terminou num prédio antigo, cuja única indicação sobre a existência de um restaurante no interior era dada por uma pequena montra frigorífica, onde se expunham peixes, carnes e mariscos, que Nigel Haslam observou com monossílabos de aprovação. Passaram por

uma porta estreita e entraram numa sala ampla, parcialmente forrada com garrafas de vinho, onde várias pessoas pareciam apreciar os prazeres de uma boa comida, conjugada com os agradáveis efeitos do ar condicionado. A reacção dos empregados à entrada do professor deixou claro que se tratava de um cliente habitual e não tiveram de esperar muito para se sentarem. O professor nem sequer pegou nas listas colocadas sobre a mesa; limitou-se a conferenciar em português com um empregado, que respondeu afirmativamente a todas as suas questões e, depois de este ter desaparecido, presumivelmente na direcção da cozinha, sorriu para Jack e comunicou:

«Vai comer santola recheada, seguida por uma sopa de garoupa, como só o cozinheiro deste restaurante sabe fazer. Parece-lhe bem?»

Jack concordou, correspondendo ao sorriso do professor, e este resolveu colocar outra questão:

«É o idiota do meu meio-irmão quem paga a conta, não é verdade?»

A pergunta deixou-o desconcertado, apesar de ter sido feita sem a menor nota de hostilidade. Havia algo naquele velho homem, de cabelos brancos, rosto redondo e sorriso irónico, que lhe fazia lembrar o gato de Cheshire, de Alice no País das Maravilhas, e que o deixava pouco à vontade. Era, no entanto, verdade: Todd Carver responsabilizara-se por todas as despesas da viagem. Fora algo que quisera deixar imediatamente esclarecido, quando lhe pedira para tentar descobrir o paradeiro do filho: «Eu pago tudo o que for preciso.» A frase poderia muito bem ser o lema de Carver, barão do Direito, antigo e, como alguns jornalistas teimavam em escrever, provavelmente futuro senador da Carolina do Sul. Jack aceitara a tarefa sem que a ironia da situação lhe escapasse: muitos anos antes, decepcionara irremediavelmente o velho tubarão ao recusar trabalhar para ele.

«Sim, é verdade.» admitiu Jack. «O dinheiro de Mr Carver paga a conta.»

Durante alguns momentos, temeu que, afinal, os comentários de Todd Carver fossem completamente verdadeiros e que a refeição se tornasse num penoso interrogatório, mas o sarcasmo na expressão de Nigel Haslam durou apenas alguns segundos, rapidamente afastado pelo regresso do empregado e pela garrafa de vinho que fez abrir no seu rosto um sorriso de perfeita satisfação.

«Vinho verde, Mr O'Maley, mas não um vinho verde qualquer: Alvarinho. Eu sei que O'Maley é um nome irlandês e que, provavelmente, preferia uma Guinness, mas hoje vamos beber Alvarinho. À saúde do imbecil do meu meio-irmão, claro!»

Jack não conseguiu evitar sorrir e brindar também.

«Os meus avós maternos eram portugueses.» informou, depois de provar o vinho.

«Mas os paternos...?»

«De Dublin, sim. Emigraram para os Estados Unidos nos anos cinquenta. Fugiram seria o termo apropriado. Mas nem sempre é possível fugir completamente daquilo que tememos...»

A chegada da santola e de um peixe grelhado cortou-lhe a frase. O empregado colocou o crustáceo na frente de Jack e o peixe perto do professor.

«Não vai comer santola?» perguntou Jack.

«Prefiro um belo robalo grelhado. O marisco e eu...» respondeu Nigel Haslam, acompanhando a frase com um gesto que parecia significar que deixava esses prazeres para os jovens.

Ficaram em silêncio durante algum tempo, enquanto Jack provava o recheio da santola, feito com a carne das pinças, e outros ingredientes que ele não conseguiu identificar e o professor começava a comer o robalo, tratando-o da forma meticulosa característica dos verdadeiros apreciadores de peixe. Foi, no entanto, o professor quem quebrou o silêncio:

«Então, é metade português...»

«E metade irlandês.» completou Jack.

«Isso faz de si...?»

«Americano, parece-me.»

O professor riu.

«Certamente que sim. Há muito tempo que não vinha a Lisboa?»

«Há muito, realmente. Costumava vir a Portugal com o meu avô, que sempre recusou perder aquilo a que ele chamava “ligação à terra”, mas depois da morte dele ainda não tinha voltado. De qualquer forma, passávamos pouco tempo em Lisboa. Ele nasceu no Minho. Era para lá que seguíamos sempre.»

«Minho... Então, já tinha provado deste vinho.»

Jack sorriu em sinal de assentimento.

«Muitas vezes.»

«Lá se vai o efeito da surpresa...» lamentou o professor. «E, provavelmente, teria preferido um restaurante onde servissem sarrabulho e rojões, ou lampreia. Não é isso que costumam comer no Minho?»

«O meu avô costumava levar-me a um sítio perdido na serra onde serviam a melhor carne que alguma vez comi. Parece-me que tem algo que ver com o facto de o gado andar à solta e de só se alimentar de pasto... De qualquer modo, naquela altura, ainda não havia muita *junk food* por aqueles lados.»

«Estou certo disso.» aquiesceu o professor.

Jack achou que não estava a jogar mal. Entretanto, o recheio desaparecera, mas, conforme prometido, à santola seguiu-se uma sopa de garoupa que teria sido impossível fazer desaparecer sem a ajuda do ar condicionado e de outra garrafa de Alvarinho.

«Então, que tal?» quis saber Nigel Haslam, depois de terem igualmente feito desaparecer duas fatias de pudim Abade de Priscos, apenas porque o professor defendera de forma brilhante a tese: «Os doces são necessários para uma boa digestão.»

«Excelente.» concedeu Jack. «Valeu bem a escalada ao sol.»

«Isso é o seu lado português a falar?»

«Nunca me dou conta que haja dois lados.»

«De verdade?» perguntou Nigel Haslam num tom jocoso.

Em prol do jogo, Jack permitiu-se um compromisso:

«Bem, quando se bebe este vinho verde, talvez sobressaia um lado mais português...»

O professor levantou o copo, onde ainda restava um pouco de líquido.

«Acha que beber este vinho também me torna um pouco português?»

«Está a viver em Portugal há muito tempo?»

Ele abanou a cabeça e comentou:

«As pessoas tendem a voltar aos locais onde foram felizes.»

«O meu avô Manuel não gostava de ingleses...»

Dissera a frase sem pensar, apenas porque se lembrara do avô Manuel Barreira, sentado numa esplanada de Gaia, havia mais de quinze anos, destilando veneno contra os ingleses que se tinham apoderado do negócio do vinho do Porto e, se pudesse, tê-la-ia suprimido de imediato, mas era demasiado tarde. O vinho verde sempre tivera esse efeito sobre ele, recordou. Temeu pelo jogo, mas Nigel Haslam não pareceu importar-se.

«Aposto que o seu avô O'Maley também não.» contrapôs e continuou: «Acho que percebo por que diz não acreditar ter um lado português e outro irlandês. Quando os celtas do continente se cruzam com os celtas das ilhas, o resultado só pode ser...»

«Trágico?» ironizou Jack.

«Eu não diria tanto, mas... De qualquer forma, não me vejo como uma dessas personagens que vêm para Portugal e nem se dão ao trabalho de aprender a língua. Nem sequer estive muitas vezes no Algarve. Gosto demasiado desta cidade... ou do seu passado, já não sei.»

«Talvez seja a mesma coisa.»

«Talvez... E você, Jack, porque está em Lisboa? Não se importa que o trate por Jack, em vez de Mr O'Maley, pois não? Tem idade para ser meu filho.»

Jack dissipou a importância do nome com um gesto. Perturbara-o bastante mais a pergunta do que a forma de tratamento. Soubera que o assunto teria de ser abordado desde o momento em que se apresentara como um amigo de Michael Carver — era esse um dos objectivos do jogo — mas esperara poder ser ele a tomar a iniciativa de o trazer para a conversa. Não seria assim.

«Mr Carver está preocupado com o Michael. Aparentemente, ele deixou de dar notícias algum tempo depois de ter chegado a Lisboa.» confessou.

Sentia novamente o peso do vinho na forma como articulava as palavras.

«Você é um investigador privado? É assim que lhes chamam agora, não é? Já não são detectives, são investigadores.»

Jack negou.

«Sou apenas um amigo.»

«Apenas um amigo.» repetiu o professor. «Um amigo a quem o generoso Todd Carver paga para descobrir onde está o Michael?»

«Um amigo a quem Mr Carver pediu que verificasse se o filho se encontra bem.»

«Foi isso que ele lhe disse?»

As palavras exactas tinham sido «Veja se descobre onde se enfiou aquele inútil.» mas Jack manteve-se fiel à sua interpretação. Michael fugia desde a Universidade. Na verdade, era provável que tivesse desenvolvido o hábito muito antes, mas só se tinham conhecido em Harvard e o assunto estava longe de se ter convertido num tema para as suas conversas. Talvez o fizesse por se cansar da prepotência do pai Carver, que Jack acabaria por experimentar também, ou por deixar de conseguir suportar o peso dos fantasmas dos irmãos mais novos, que uma qualquer doença levava implacavelmente, antes de completarem cinco anos de idade. Uma dessas crianças chamara-se Jack.

«E Mrs Carver?»

A pergunta trouxera-o de volta à mesa do restaurante.

«Mrs Carver?»

«Também está preocupada com a ausência de notícias?»

«Não conversei com ela, mas presumo que esteja tão, ou mais, preocupada. É a mãe.»

«É sim, é a mãe, mas há muito tempo atrás, numa outra vida, foi também Emma Knighthley. E era linda... Aquilo a que chamaríamos uma visão. Simonetta Vespucci como Piero di Cosimo a viu. Tinha algo que fazia com que todos os olhares convergissem para ela.»

Parecia ter viajado para outro tempo, mas regressou abruptamente, com uma pergunta:

«O Michael herdou isso, não lhe parece?»

A perplexidade de Jack obrigou-o a continuar:

«Refiro-me a essa capacidade de fazer com que os outros se sintam especiais, apenas por estarem na sua presença. Também sentia isso, quando eram colegas em Harvard?»

Jack não respondeu e o professor aproveitou o seu silêncio para fazer outra pergunta:

«Porquê você, Jack?»

«Não entendo a pergunta.»

«Por que foi que o meu meio-irmão o escolheu? Se nem sequer é um profissional...»

Jack encolheu os ombros. A pergunta instalara-se na sua mente desde que Todd Carver lhe pedira para procurar o filho, mas preferira não pensar numa resposta e, naquele momento, irritou-o que alguém tentasse abrir essa porta.

«Porque sou amigo do Michael? Porque estava disponível? Não sei. Realmente, não sei. Acha que interessa?»

No rosto do professor surgiu de novo um sorriso irónico.

«Eu diria que é a única pergunta verdadeiramente interessante.»

3.

Para lá do restaurante, o mundo continuava quente. Demasiado. Sem saber bem porquê, recordou uma personagem de Camus — talvez apenas porque estivesse demasiado calor. Precisava de um café, para afastar os efeitos do vinho. Lembrava-se de ter visto a esplanada da Brasileira quando saíra do metro e perguntou ao professor se não gostaria de o acompanhar. Nigel Haslam acedeu e iniciaram a descida na direcção da esplanada, onde acabaram por se sentar sob um guarda-sol, rodeados por verdadeiros turistas.

Jack pediu um café cheio e uma garrafa de água, mas o professor corrigiu:

«Um *abatanado*.»

«*Abatanado?*» questionou Jack.

«Maior do que um *espresso*, menos forte do que um duplo.»

Ele concordou, agradecido, e o professor pediu um *whiskey* ao empregado que aguardava.

«É incrível como conseguem andar por aí...» comentou Jack, observando as pessoas que subiam e desciam a rua, aparentemente pouco incomodadas pelo calor.

O professor não respondeu. Limitou-se a provar o *whiskey* que o empregado acabara de colocar na sua frente. Depois, sem desviar o olhar do copo, perguntou:

«Durante o almoço, disse algo sobre ser impossível fugir completamente daquilo que tememos. Acredita nisso?»

Jack parou de mexer o café e fez uma pausa, antes de responder com outra pergunta:

«Conhece aquela história sobre o criado que fugiu para Meca?»

«Há muitas histórias sobre fugas, algumas para Meca, outras na direção oposta, mas, de uma forma ou de outra, somos todos criados.»

«Ouvi esta história há muito tempo e não consegui deixar de associá-la aos meus avós... e ao meu pai.»

Percebeu que a expressão de Nigel Haslam o incitava a continuar e prosseguiu:

«Parece que, há muitos séculos atrás, o velho criado de um poderoso homem árabe estava a fazer compras no mercado da sua cidade...»

«No *souq*.» interveio o professor, acrescentando: «Se vai contar uma história árabe, deve saber que é assim que se chama o local.»

«O homem estava, então, a fazer compras no *souq*.» corrigiu Jack, «quando reparou que a Morte o observava. Aquilo incomodou-o. Tentou despistá-la, mudando várias vezes de lugar, fingindo interessar-se por mercadorias que não tinha a menor intenção de comprar, mas, para onde quer que fosse, quando olhava por cima do ombro, lá estava a Morte a observá-lo. Por fim, foi demasiado para ele.

Abandonou o mercado e correu para a casa do seu senhor, olhando sempre para trás, para ver se a Morte continuava a segui-lo...»

«E a Morte continuava a segui-lo?»

«Não, mas, quando chegou a casa do seu senhor, o velho criado começou de imediato a arrumar as suas coisas. Os outros criados foram avisar o amo, que quis saber o que se passava com ele. O criado informou-o do que acontecera quando estivera no mercado e comunicou-lhe que pretendia partir imediatamente para casa do irmão. Se não perdesse tempo, poderia estar em Meca antes do anoitecer. O amo considerou aquela atitude uma perfeita loucura, mas o desespero no olhar do homem impediu que o proibisse de partir. Autorizou-o mesmo a levar um dos seus melhores cavalos, para garantir que o pobre homem não seria apanhado pela noite em pleno deserto. Após essa boa acção, o senhor deixou o criado entregue aos preparativos da viagem e dirigiu-se ao mercado, para tentar perceber o que tinha suscitado aquele comportamento e, depois de lá estar, não levou muito tempo até descobrir a Morte, que passeava tranquilamente, aparentemente invisível para a maioria das pessoas que faziam os seus negócios. Abordou-a e perguntou-lhe por que motivo se divertia a assustar um velho homem que sempre fora um bom servidor. A Morte pareceu estranhar a pergunta e garantiu que não fora sua intenção assustar o pobre homem. Ficara apenas espantada por o encontrar ali, naquela manhã, porque...»

«Tinha um encontro com ele nesse dia, em Meca, um pouco antes do anoitecer.» concluiu o professor.

«Conhece esta história.» constatou Jack, com algum desânimo na voz.

«Conheço algumas histórias, mas não todas. Quem sabe se não haverá uma história nova que me possa contar? De qualquer forma, disse que esta história tinha algo que ver com a sua família.»

«Tem realmente a ver com uma história de família. Os meus avós fugiram de Dublin para evitar que o filho mais novo morresse como os dois mais velhos... e tantos outros homens da família O'Maley.»

«E o que foi que aconteceu ao seu pai?» «Ficou algures no Vietname. Nunca encontraram o seu corpo.»

«Lamento. Você devia ser muito pequeno.»

«Muito pequeno.» repetiu Jack.

Durante alguns momentos, permaneceram em silêncio. Uma mulher de aspecto andrajoso aproximou-se e pediu-lhes esmola, mas o professor afastou-a com um simples olhar e ela trocou-os pela restante clientela. Jack achou que talvez fosse melhor pedir a conta e procurar outro local para continuar a conversa. Fez um sinal ao empregado, que acabava de servir um casal de alemães, vermelhos e quase apopléticos, que se sentara na mesa ao lado da deles, e conseguiu obter um olhar de assentimento.

«Leu Homero, Jack?» perguntou o professor, aparentemente perdido na contemplação de algo que Jack não conseguia ver.

«Há muito tempo.»

«As lendas da fundação desta cidade ligam-na à guerra de Tróia, mais precisamente aos esforços de uma mãe para salvar o seu filho da destruição predita pelos oráculos. Tétis teria enviado Aquiles para este lugar, onde esperava que se mantivesse protegido, mas Ulisses encontrou-o e ele acabou por regressar à guerra... e à morte. Por que escolheu ser Ulisses, Jack?»

Jack hesitou antes de fazer a pergunta, ainda incerto sobre a leitura que fizera das palavras do professor:

«Foi Mrs Carver quem enviou o Michael para Lisboa?»

«De certa forma...»

«E por que faria ela isso?»

O empregado apareceu subitamente com a conta, que Jack recusou ver paga pelo professor. Entregou uma nota e o empregado desapareceu, deixando-o na expectativa de ouvir a resposta à sua pergunta, mas o professor pareceu ignorá-la por completo.

«A lenda também afirma que, após a guerra, Ulisses regressou e fundou Lisboa, onde ergueu um templo a Palas Atenea. É interessante, não lhe parece? A lenda diz que ele ergueu um templo, não simplesmente em honra de Atena, mas de Palas Atenea, o nome que a deusa tomou após ter matado a sua melhor amiga. Acidentalmente, segundo alguns, mas a culpa não costuma reconhecer essas distinções.»

«Por que é que Mrs Carver enviou o Michael para Lisboa, professor?» insistiu Jack.

«Talvez não o tenha feito conscientemente.» acabou por responder Haslam. «Apesar do que muitos defendem, acho que o subconsciente é a nossa parte mais sensata... e perigosa, porque conhece sempre um lado da verdade que não estamos preparados para aceitar.»

«Vai dizer-me onde está o Michael?»

O professor bebeu o *whiskey* que restava no copo e inspirou profundamente.

«Posso dizer-lhe onde estive até há pouco tempo... Tem uma caneta?»

Jack não tinha, mas, procurando nos bolsos da larga camisa, o professor fez surgir um pequeno lápis.

«Um velho hábito.» comentou.

Em seguida, retirou um guardanapo do suporte em forma de lata de refrigerante e escreveu algo no papel quase translúcido. Depois, entregou-o a Jack.

«Sabe onde é Colares?»

«Perto de Sintra?»

«Exactamente. Se resolver aparecer nessa morada, diga que é um amigo do Michael Carver. Talvez consiga começar a perceber...»

«Talvez consiga começar a perceber o quê? O que se passa com o Michael?»

Nigel Haslam voltou a oferecer-lhe um sorriso de gato de Cheshire e levantou-se.

«Obrigado pelo almoço e por um início de tarde muito agradável. Espero que o possamos repetir, mas, da próxima vez, com histórias originais.»

Sem aguardar por uma reacção, afastou-se da esplanada e começou a descer a rua. Jack ainda se levantou com intenção de o seguir, mas o empregado do café aproximou-se com o troco e, quando voltou a olhar na direcção que o professor tomara, já não conseguiu distinguir o vulto dele entre as pessoas que enchiam a rua naquela tarde quente.

4.

«O meu nome é Jack O'Maley. Sou um amigo do Michael Carver.»

A casa precisava de obras e ficava no meio de um jardim de grandes dimensões que também beneficiaria com alguns cuidados. Jack questionou o efeito das palavras mágicas sugeridas pelo professor enquanto esperava junto do intercomunicador. Finalmente, ouviu um zumbido eléctrico e o portão abriu-se. Empurrou-o e entrou na propriedade, rezando para que não houvesse cão. Percorreu a alameda que conduzia à porta principal da casa, onde percebeu que uma mulher o esperava. Era ainda jovem e também atraente, mas parecia cansada, como se tivesse passado a noite sem dormir.

Estendeu a mão e voltou a dizer: «Sou Jack O'Maley, um amigo do Michael.», desta vez, no português que aprendera com o avô Manuel Barreira e que sabia ser muito pouco e carregado de sotaque.

A mulher sorriu tristemente e cumprimentou-o.

«Marta Mascarenhas.» disse, perguntando de imediato, num inglês bem melhor do que o português dele: «Foi o Michael que lhe pediu para passar por cá?»

«Não.» confessou Jack. «Foi o tio, o professor Nigel Haslam, que o sugeriu.»

Marta Mascarenhas fez uma expressão de desalento e convidou-o a entrar com um gesto.

«Na verdade, não tinha esperança que tivesse sido o Michael. De qualquer forma, talvez consiga fazer com que ela saia do quarto.»

«Ela?» perguntou Jack, entrando num hall imerso em penumbra.

«Venha para a sala. A casa está meia às escuras por causa do calor. Estava a falar da minha irmã... O que é que o professor lhe contou?»

Passaram para uma sala de estar espaçosa, igualmente mantida na obscuridade. Ela indicou-lhe um sofá e sentou-se numa larga cadeira de vime. Depois, subitamente, levantou-se.

«Desculpe. Nem sequer lhe perguntei se queria beber alguma coisa... Quer beber alguma coisa?»

Houve algo naquela atitude infantil que agradou a Jack. Seria talvez um vislumbre da sua verdadeira personalidade, para lá do cansaço que lhe marcava o rosto. Aceitou chá gelado, que ela trouxe passados poucos segundos.

«Sou eu que o faço. Cidreira. É engraçado que seja nome de mulher, não acha?»

Jack concordou, sorrindo, e aproveitou para perguntar:

«Há pouco, quando me perguntou se tinha sido o Michael a... Sabe onde ele está?»

Ela franziu ligeiramente as sobrancelhas.

«Pensei que você soubesse. Afinal, o que é que o tio dele lhe contou?»

«Disse-me que ele tinha vivido aqui até há pouco tempo e sugeriu que eu passasse por cá.»

A expressão de Marta pareceu sucumbir a mais uma vaga de desalento.

«Ele viveu realmente aqui,» admitiu e acrescentou: «com a minha irmã Catarina.» Bebeu um pouco de chá, como se pretendesse ganhar energia, ou tempo, para o que iria falar a seguir. «Ela tentou suicidar-se quando ele a deixou.»

Jack viu claramente o sorriso irónico do professor flutuar na sua frente.

«Lamento muito. Não imaginava... O tio do Michael não me disse nada e eu não o vejo há algum tempo...»

«E por que quer vê-lo agora?»

Jack hesitou.

«Sabia que ele tinha vindo para Portugal. Eu estava em Portugal. Então...»

«Compreendo.» afirmou Marta e Jack ficou sem saber se ela quisera dizer que entendera o que ele dissera ou a razão da mentira. «Por que é que o tio dele lhe disse para vir aqui?»

«Não disse. Bem, disse que eu talvez entendesse...»

Não terminou a frase.

«Entendes, o quê? O motivo que levou o Michael a deixá-la? Acho que ela conhece o motivo. Simplesmente, não fala disso. Nem disso, nem de qualquer outra coisa. Limita-se a ficar no quarto. Os meus pais queriam que ela fosse para um sítio onde... Sabe como são esses locais; entopem as pessoas com medicação. Não acho que seja por aí... Continuo a acreditar que ela vai conseguir superar esta fase.»

«Claro que vai.» assegurou Jack, sem fazer a menor ideia sobre aquilo de que falava.

Marta levantou-se novamente, como se lhe tivesse ocorrido que havia algo de importante para fazer.

«Vou dizer-lhe que está aqui um amigo do Michael. Pode ser que... Nunca se sabe, não é?»

«Nunca se sabe.» repetiu Jack, desta vez acreditando verdadeiramente naquilo que dizia, e ela abandonou a sala, deixando-o sentado no sofá, com o copo de chá gelado nas mãos, a observar os padrões que a luz fazia através das persianas quase cerradas.

Permaneceu assim durante alguns minutos, sem prestar demasiada atenção ao ruído abafado que chegava do lado oposto da casa. Alguém parecia suplicar. Jack não duvidava que fosse a sua anfitriã. Depois, ouviu passos e Marta voltou a entrar na sala.

«Ela não quer sair.»

Jack sentiu-se agradecido. Não saberia o que dizer àquela mulher que, aparentemente, preferia recusar a realidade a vivê-la sem Michael. Mais do que qualquer outra coisa, temia que as suas perguntas pudessem desmascará-lo. Não saberia como jogar aquela parte. Marta pareceu compreender a sua reacção.

«Realmente... Veio à procura do Michael e eu já estava disposta a envolvê-lo nos nossos problemas.»

Jack sentiu-se constrangido a garantir que estaria pronto a ajudá-la no que fosse necessário, mas foi impedido de o fazer pelo ruído de um carro que se aproximava da casa.

«São os meus pais.» informou ela, olhando na direcção da porta, por onde, um momento depois, entrou um casal de meia idade, que observou Jack com uma expressão inquisitiva.

O cansaço também dominava os seus rostos, que se alteraram assim que Marta explicou quem ele era. Jack não precisou que ela lhe traduzisse as palavras deles para perceber o quanto estavam irritados com a sua presença. A filha tentava argumentar, sem qualquer resultado.

«Desculpe.» acabou por dizer Marta. «Os meus pais estão muito perturbados com esta situação.»

Limitava-se a constatar o óbvio.

«Eu é que peço desculpa. Não devia ter vindo aqui. Não podia imaginar que... Peço imensa desculpa.»

Voltou a pedir desculpa em português, embora soubesse ser desnecessário. Os Mascarenhas tinham percebido as suas palavras. O homem afastou-se e Jack passou, em direcção à porta. «E não volte!» ouviu ainda a voz do pai Mascarenhas gritar, um segundo antes de sair. Percorreu de novo a alameda, onde agora se encontrava estacionado um carro, e só voltou a olhar para a casa quando fechou o portão atrás de si. Foi então que reparou no vulto que se encontrava meio escondido atrás de uma das árvores do jardim. Uma mulher.

«Catarina?» perguntou Jack, mas a mulher pediu-lhe de imediato silêncio com um gesto, e correu para o portão.

Era parecida com Marta, mas seria certamente mais jovem. Ao contrário da restante família, não tinha um ar cansado. Era diferente, talvez mais como a expressão dos fanáticos, ou de alguém que descobriu algo que permanece desconhecido para os outros.

«Catarina?» voltou a perguntar Jack. Em vez de responder, ela empurrou um pequeno livro através das grades do portão, fazendo com que caísse aos pés de Jack, e voltou a correr na direcção da casa.

Pensou em pedir-lhe para regressar, mas temeu que os seus gritos atraíssem a família. Os pais, porque Marta fora tudo menos antipática. Desistiu. Apanhou o pequeno livro e leu a capa: “Ficções”, de Jorge Luís Borges. Folheou-o. Tinha algumas passagens marcadas, mas o seu português não lhe permitia traduzir o que ali se encontrava escrito. O que quisera ela dizer-lhe com aquilo? Talvez nada. Talvez os pais tivessem razão e ela precisasse de mais ajuda do que aquela que a família lhe podia dar em casa. Virou costas e refez o curto caminho que o separava do táxi, parado atrás de um pequeno carro vermelho, sob a sombra de um enorme plátano.

«Voltamos para Lisboa?» perguntou o taxista, quando ele entrou.

«Não sei.» respondeu, observando novamente o pequeno livro.

Em Nova Iorque, ter-lhe-iam respondido: «É o seu dinheiro.» Mas o homem limitou-se a ficar calado e, de qualquer modo, o dinheiro era de Todd Carver.

5.

Acabara por dizer ao taxista que o levasse até à Praia Grande, ao hotel que se prolongava na direcção do mar, como se o arquitecto tivesse imaginado um navio de cruzeiro encalhado, e sentara-se na esplanada sobre a piscina, onde estivera com os avós e a mãe, quando era ainda criança. Depois da morte do pai de Jack, o avô tratara sempre neto e filha como se tivessem ambos a mesma idade. Insistira para que comprassem alguma coisa no pequeno quiosque da cafetaria, que entretanto desaparecera, e escolhera os maiores gelados da lista. A mãe rira, mas Jack sabia que a situação a incomodava. Talvez tivesse sido isso que a levara a casar-se novamente, pouco tempo depois. Era provável que esse casamento não tivesse passado de uma forma de retomar o controlo sobre a sua própria vida, de reassumir uma maioria entretanto perdida aos olhos do pai. O homem escolhido, que mudara o nome para John Cross como um modo fácil de evitar os inconvenientes estereótipos do “João Cruz” que recebera dos pais, tinha ambições, estava cheio do mais americano espírito empreendedor, e, depois do casamento, conseguira a proeza de se mudar para Manhattan, arrastando com ele a mulher e o enteado. Jack, que decidira odiar o padrasto no exacto momento em que a mãe lhe anunciara a intenção de contrair matrimónio «com alguém que vai ser muito bom para nós” viu naquela mudança para Nova Iorque a confirmação da justiça do seu ódio. De nada valeu à mãe argumentar com a qualidade das escolas, das oportunidades, com a importância do código postal para alcançar sucesso na vida, uma teoria do homem que preferia a cruz em inglês, porque Jack sabia que se acabavam os passeios com o avô e que o Hudson ficaria convertido em fronteira intransponível. Não se enganara. Só no final da adolescência pudera voltar a acompanhar o avô, mas apenas por alguns anos, porque a morte não esperara muito para requisitar a sua presença. Por vezes, perguntava-se que conselhos lhe teria dado o avô e se teriam servido para impedir o que acontecera. Manuel Barreira não acreditava no divórcio. «O casamento é como a paternidade; raramente os filhos são como os imaginámos, mas não os devolvemos por causa disso.» costumava dizer. Falava com experiência, tanto no que dizia respeito aos filhos, quanto no que se relacionava com o seu próprio casamento, que estivera longe de ser pacífico. Ter-lhe-ia dito que fosse atrás de Sarah, que recusasse assinar os papéis do divórcio, recebidos por correio como se fossem uma conta? Fez um esforço para não pensar no assunto. Pediu uma cerveja gelada ao empregado quando este se aproximou e, com espanto, viu aparecer por trás dele Marta Mascarenhas.

«Tentei apanhá-lo logo depois de ter saído, mas já só vi o táxi a afastar-se. Então, fiz uma espécie de perseguição... Achei que lhe devia uma explicação... e um pedido de desculpas.»

Jack convidou-a a sentar-se.

«Não acho que me deva qualquer pedido de desculpas. Eu é que apareci sem sequer telefonar primeiro. Foi muito idiota da minha parte. Acredite que não costumo agir normalmente assim...»

Marta sorriu. Um sorriso bonito, que lhe iluminou a face e afastou o aspecto cansado. Jack descobriu que estava contente por ela ter aparecido.

«Vão desejar mais alguma coisa?» perguntou o empregado em inglês.

«O que é que toma, Marta?» e acrescentou: «Agora, era eu quem se estava a esquecer de perguntar...»

Ela sorriu novamente, fez o pedido e acendeu um cigarro. Pareceu-lhe nervosa. Jack pensou que era pouco provável que houvesse americanos a aparecer-lhe todos os dias em casa e, menos ainda, que ela tivesse o hábito de os seguir.

«Acabei por ver a sua irmã.»

Observou a expressão de incredulidade que se instalou no rosto de Marta Mascarenhas.

«Pelo menos, acho que era a sua irmã. Não falou comigo. Apenas me deu isto.»

Da cadeira ao seu lado, retirou o pequeno livro, que lhe entregou.

«É de Jorge Luís Borges.» comentou Marta.

«Tem algumas passagens assinaladas.» informou ele.

Marta folheou o livro e encontrou-as rapidamente.

«São partes do conto "As Ruínas Circulares". Conhece esta história de Borges?»

«Não.» admitiu Jack. «Lamento dizê-lo, mas, de Jorge Luís Borges, conheço pouco mais do que o nome. O que é que acha que ela estava a tentar dizer-me com isso?»

«É difícil saber...» murmurou Marta, sem levantar os olhos do livro.

Acha que tem alguma coisa que ver com o Michael?»

Ela apagou o cigarro, fechou o livro e encarou Jack.

«Desde que a Catarina conheceu o Michael, acho que tudo na vida dela se relaciona de alguma forma com ele.»

«Como é que eles se conheceram?»

«Na inauguração da exposição de pintura de uma amiga minha.» respondeu ela, com um travo de recriminação na voz. «A minha amiga conhecia o tio do Michael. Ele é professor de História de Arte... Suponho que saiba isso.»

Jack sabia apenas que Nigel Haslam era professor, mas não fez qualquer comentário.

«Acho que essa minha amiga tinha frequentado um dos cursos que o professor costuma dar na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Não sei se foi exactamente por causa disso, mas a verdade é que o professor estava lá e o Michael também. Eu tinha convencido a minha irmã a ir comigo. Ela também pinta, sabe? Costumava pintar...»

A frase ficou a meio por causa do empregado, que colocou uma cerveja e uma cola sobre a mesa, juntamente com dois copos e um pequeno papel com a conta, que prendeu sob o cinzeiro.

«Na verdade, o Michael estava acompanhado nessa noite.» começou Marta, logo que o empregado se afastou. «Eu pensei que fosse a namorada dele. Se calhar, até era, mas, pela forma como o Michael se comportou, ninguém diria...»

Jack não conseguiu evitar um sorriso.

«A minha irmã também não foi exactamente discreta.» admitiu Marta. «Ficou encantada com ele, entende?»

«Bem, esse é o efeito que o Michael costuma ter nas mulheres.» comentou Jack, recordando os velhos tempos de Harvard e as palavras do tio dele, mas arrependeu-se imediatamente do comentário desastrado.

«Seja como for, a mulher com quem ele chegara desapareceu e nós os quatro acabámos a jantar num restaurante do Bairro Alto. Depois

disso, só descobri o que se passara quando o tio dele me telefonou do hospital a informar que a Catarina tinha sido admitida para uma lavagem ao estômago.»

«Meu Deus!» exclamou Jack.

Não recordava qualquer história de Michael que tivesse terminado assim, nem mesmo nos tempos alucinantes de Harvard, em que por vezes acordava e, olhando para a cama do companheiro de quarto, percebia que lá se encontravam dois corpos. Aparentemente, Michael conseguira ultrapassar os seus próprios limites, mas o relato começara a perturbá-lo por motivos mais pessoais.

«Parece que a Catarina e o Michael tinham estado a viver juntos na casa de Colares.» continuou Marta. «Os meus pais só a usam no Verão e a minha irmã tinha, mais ou menos, requisitado a casa como estúdio. Por isso, foi fácil viverem lá os dois sem que eles se apercebessem.» Fez uma pausa para acender outro cigarro. «Assim que recobrou a consciência, a Catarina insistiu em voltar para a casa de Colares. Repetia que tinha de ficar lá, à espera do Michael. Foi impossível convencê-la a ficar com os meus pais. A verdade é que a Catarina e o pai nunca se entenderam especialmente bem e, depois de ela ter desistido do curso na ESBAL, as coisas ficaram muito piores.»

«ESBAL?»

«Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.»

«Entendo.» afirmou Jack, recordando novamente os tempos em que Michael desaparecia durante semanas, colocando em risco o aproveitamento de um semestre inteiro.

«Os meus pais são muito conservadores no que respeita a essas coisas. Essas e outras...»

A pausa que se seguiu não pareceu ser intencional e Jack quase apostou que aquilo que silenciara Marta em nada se relacionava com o comportamento da irmã. Aproveitou para provar a cerveja, que ameaçava morrer sobre a mesa.

«Mas a sua irmã ficou bem, não é verdade? O que quero dizer é que, fisicamente, o incidente não parece ter tido consequências...»

Marta fez rodar ligeiramente o copo onde acabara de deitar a bebida, mas sem parecer interessada em beber o refrigerante.

«Fisicamente, parece ter ficado tudo bem, mas psicologicamente... O tio do Michael defendeu sempre que se tratou de um acidente. De acordo com ele, a Catarina tomou os comprimidos porque não conseguia dormir e, infelizmente, exagerou na dose. Sinceramente, não sei o que pensar. Por um lado, olho para o estado em que ela está e acho que algo se passa, mas, por outro... A verdade é que eu sei que não foi ela quem comprou os comprimidos para dormir.»

Jack temeu uma frase que destruísse por completo algumas boas memórias que ainda guardava de Michael, mas Marta limitou-se a dizer:

«Eram da minha mãe.»

O olhar inquisitivo dele fez com que acrescentasse:

«Estavam lá em casa, em Colares. A minha mãe sempre sofreu de insónias terríveis. Deve ter julgado que perdera aqueles comprimidos e quem os encontrou foi a Catarina. O professor Haslam tentou explicar ao meu pai que a Catarina começara a queixar-se de insónias alguns dias antes do incidente, ou acidente, como queiramos chamar-lhe... Para o professor, tratou-se de um acidente. Aliás, ele acha que complicou tudo ao tomar a decisão de levar a Catarina para o hospital e de entrar em contacto comigo.»

«Não percebo.»

«Foi ele quem a encontrou, deitada no jardim, com o frasco dos comprimidos por perto. Como não consegui acorda-la de imediato, entrou em pânico, chamou uma ambulância e levou-a para o hospital.»

«Parece-me sensato.»

«A mim também me pareceu muito sensato, mas foi uma surpresa, entende? Para mim e, especialmente, para os meus pais... Eu ainda fiz um esforço para aceitar a teoria do professor, mas o meu pai...»

«E por que é que não pode ter acontecido exactamente como o professor Haslam acredita que aconteceu?» perguntou Jack. A teoria que agradava-lhe bastante mais.

«Se ele fosse um médico,» contrapôs Marta, «talvez o meu pai tivesse acreditado nisso. Mas é um professor de História de Arte e, pior ainda, tio do Michael. Para o meu pai, tomar conhecimento da tentativa de suicídio da Catarina, ou da intoxicação, se quiser chamar-lhe assim, e, no mesmo dia, descobrir a relação que ela mantivera com um homem que ele nem sequer imaginava quem pudesse ser, foi demasiado.»

Houve algumas conversas sobre instituições especiais para casos como o dela, o que quer que isso queira dizer...»

«Presumo que tenha sido você a impedir que o seu pai a internasse.»

Marta sorriu, mas apenas tristemente.

«Convenci-os a deixarem-na voltar para Colares, mas foi a escolha entre um mal maior e outro menor. É óbvio que eles só o permitiram mudando-se também para lá e, desde essa altura, a Catarina tem recusado sair do quarto.»

«E o Michael? Nunca mais souberam nada dele?»

«Não. Nem mesmo o tio parece saber onde ele está.» e, lançando-lhe um olhar penetrante, perguntou: «Acha que ele está a mentir?»

Jack encolheu os ombros.

«Acabei de o conhecer. É difícil saber se está, ou não, a mentir. De qualquer forma, por que haveria de mentir?»

«Não sei. Talvez esteja a ficar um bocadinho paranóica...»

«E a outra mulher?»

«Que outra mulher?» perguntou Marta, franzindo as sobrancelhas.

«Não me disse que o Michael estava com outra mulher, quando se conheceram na exposição de uma amiga sua? Até disse que talvez fosse a namorada dele...»

«Sim, é verdade.»

«Sabe quem é, onde vive?»

Por momentos, Jack sentiu que se comportava como um verdadeiro *private eye*, investigando o paradeiro de alguém a troco de dinheiro.

«Não. Não sei nada sobre essa mulher. Só a vi naquela noite e nem sequer fomos apresentadas. Ela estava lá e, depois, já não estava... Acho que, mesmo que fizesse um grande esforço, não seria capaz de me recordar do rosto dela. Mas por que é que está interessado nessa mulher? Acha que o Michael pode estar com ela?»

Era óbvio que a ideia lhe trazia algum incómodo.

«Não. Não sei... A Marta nem sequer tem a certeza sobre a relação que havia entre ela e o Michael. Foi só uma ideia que me ocorreu... Uma ideia idiota.»

«Não foi nada uma ideia idiota... Se calhar, até tem razão. Se calhar o Michael até está com essa mulher e nem sequer se lembra da minha irmã... Seja como for, só o facto de ela ter querido comunicar com alguém, já me parece muito bom, não concorda?»

Jack concordou e ela voltou a sorrir como fizera anteriormente, pegou no livro e entregou-lho.

«Talvez ela apenas quisesse que lesse este livro...»

«Talvez...» aquiesceu ele. «Mas o que percebo do idioma não é suficiente para isso. Tenho de encontrar uma versão em inglês, ou inscrever-me num curso de português para estrangeiros. Um curso intensivo, claro. Muito intensivo.»

A expressão com que o dissera fora certamente engraçada, porque ela riu e perguntou:

«O que é que faz, Jack?»

Ele hesitou um pouco, antes de responder:

«Ensino inglês.»

«Não parece muito convencido.» comentou ela.

Jack fez outra careta.

«Digamos que ensinar inglês não foi exactamente a minha primeira escolha.»

O olhar curioso de Marta obrigou-o a oferecer mais explicações.

«Há algum tempo atrás, publiquei um livro.» acabou por confessar.

«Então, é escritor?!» exclamou ela. «Qual é o título do seu livro?»

«O meu livro foi um fracasso. Se quiser, arranjo-lhe um exemplar. Acho que a editora ficaria agradecida. Seria menos um a ocupar espaço.»

Marta voltou a rir.

«Tenho a certeza que está a exagerar...»

«A seguir, vai dizer-me que trabalha para uma editora.» brincou Jack.

«Não. Sou professora de inglês.»

Foi a vez de Jack rir.

«Bem, isso explica...» parou.

«Bem, isso explica...?» repetiu ela. «Acabe o que ia dizer.»

«Ia dizer que isso explica porque motivo fala tão bem inglês, mas, em Portugal, parece que toda a gente o faz.»

«É verdade: muita gente fala inglês... e é um péssimo hábito. Devíamos ser mais como os espanhóis.»

«Arrogantes?» perguntou ele, escondendo a provocação sob uma expressão quase inocente.

«Orgulhosos da nossa cultura. Bem, pelo menos do nosso idioma. Acho que eles são um exemplo a seguir.»

«Pensei que fizesse parte da cultura portuguesa odiar os espanhóis. Aljubarrota e tudo isso...»

«Está a provocar-me?» perguntou Marta Mascarenhas, com ar desafiador.

«Sim.» admitiu Jack. «É bem provável.»

Ela abanou a cabeça, fingindo desagrado, e acendeu mais um cigarro.

«Não vejo motivos para odiarmos os espanhóis. Nunca fui maltratada em Espanha. Talvez seja verdade que nos estejam a reconquistar, com armas económicas, claro, mas apenas porque lhes deixámos espaço para o fazerem.»

Jack pensou que, se Manuel Barreira ali estivesse, seria o início de uma discussão que duraria toda a noite, mas ele não era o avô e poderia até imaginar algo mais interessante para fazer com Marta Mascarenhas, embora esses pensamentos lhe chegassem como uma surpresa.

«De qualquer modo, como é que sabe de «Aljubarrota e tudo isso»? Pensei que fizesse parte da cultura americana ignorar o resto do mundo.» continuou ela, em tom irónico.

«Avós portugueses.» confessou Jack.

«Verdade? De onde?»

«Nova Jersey.»

«Não! Sericamente...»

«Sericamente? Minho, mais precisamente de uma aldeia próxima de Ponte de Lima.»

Marta elogiou de imediato a região, explicando que a conhecia bem graças aos dois anos em que estivera a dar aulas na capital do distrito.

«É verdade, somos colegas.» lembrou Jack.

«Não somos bem colegas... Eu não sou escritora.»

«Eu também não.» garantiu ele. «Há escritores de êxito único e escritores de insucesso único. Eu pertenço a essa última categoria. De qualquer forma, há muito que não escrevo uma linha.»

«Foi por isso que veio para Portugal? Em busca de inspiração?» quis saber Marta.

Jack recordou a pergunta que o professor lhe fizera ao almoço. Por que teria ele aceite fazer aquela viagem? Por que teria aceite uma missão tão completamente fora dos seus planos, que envolvia uma pessoa que desprezava e outra de quem há muito se afastara? Michael estivera no lançamento do seu livro. Fora a última vez que se tinham visto. Passara metade do tempo a conversar com Sarah e saíra depois de fazer um qualquer comentário obscuro sobre o livro. Provavelmente, limitara-se a enfiar a cópia que ele autografara num canto qualquer. De qualquer forma, a sua opinião não teria tido qualquer importância. Tinham sido as vendas a ditar o destino da sua primeira obra. E Gwen. Gwen Hart selara a sua sorte. Ali estava um nome que teria preferido esquecer, bem como a culpa a ele associada.

«Não respondeu à minha pergunta, Jack.» queixou-se Marta.

«Tem razão. Desculpe. Estava a pensar na resposta e a verdade é que não sei.»

Ela recompensou a sua honestidade com um olhar que lhe pareceu de ternura e verificou as horas no relógio de pulso.

«Está a ficar tarde e eu ainda preciso de voltar para Lisboa. Tenho assuntos para resolver amanhã. Não são urgentes, mas...»

«Por que é que não janta comigo?» sugeriu Jack. «Aproveitamos para acabar de ver o pôr-do-sol. Eu também tenho de voltar para Lisboa. Talvez possa dar-me boleia...»

Marta hesitou durante alguns momentos, fitando Jack como se quisesse perscrutar os seus pensamentos. Por fim, aceitou.

Em Londres, poderíamos ter sido felizes. Nos meus sonhos, poderíamos ter sido felizes. Talvez os sonhos tenham sido demasiado pobres e Londres simplesmente cinzenta.

6.

O Sol já decretara vitória quando a espada de um moribundo roubou a glória do dia. O senhor da Torre caiu e, com ele, caíste também tu, subitamente envolvida pela escuridão. Uma escuridão sem sonhos, pela primeira vez. Eu acordei. Teria sonhado? Raramente me recordo dos sonhos; ao contrário de ti, que os vives. Estarei a utilizar o tempo errado? O homem que se aproximou naquela noite, quando te julgavas sozinha na galeria, conhecia a verdade.

Primeiro, foi apenas a voz que surgiu do nada:

«Todo este sangue...»

Viraste-te e encaraste a pessoa que se encontrava no meio da sala salpicada pelas tuas telas.

As palavras continuaram:

«Todas estas batalhas, todo este sofrimento... Ele foi feliz um dia, sabe? A dor transtorna os homens; mas, por vezes, pode iluminá-los.»

Um misto de suspeita e espanto invadiu a tua mente.

«A Torre retorce-se como num sonho, mas a vida não é mais do que isso...»

Apontava para uma tela atrás de ti e não conseguiste evitar observá-la também. Representava a Torre, isso era incontestável, mas nunca imaginaras que alguém conseguisse vê-la. Pertencia aos teus sonhos, tal como as batalhas e o sangue, memórias de um tempo passado entre o céu carregado de nuvens e o mar verde das pastagens, lutando, lutando sempre. Manchas de cor sobre o branco da tela para todos os outros, mas não para aquele homem. Quiseste saber quem era. Não houve resposta para a tua pergunta. Quem quer que fosse, desaparecera. Percebeste que voltaras a estar sozinha no momento em que a dor, súbita e aguda, se apoderou do teu corpo e te fez cair, envolta em escuridão. Uma escuridão sem sonhos, diferente daquela em que caíra o conde, apanhado no último estertor do inimigo, quando a vitória era já sua, decretada pelo Sol que declinava no horizonte.

7.

Estás deitada no chão. O rosto de Hilary tapa a luz ao inclinar-se sobre ti. Ouves a sua voz que chama o teu nome, pergunta se estás bem, se precisas de um médico, e não respondes. Queres entender o que se

passou, mas a insistência de Hilary Simmons impede-te de o fazeres. Sentas-te no chão, com a sua ajuda, e garantas que está tudo bem.

«Deve ter sido uma tontura.»

Ela explica-te como entrou na sala e te encontrou caída, sem sentidos.

«Está tudo bem.» repetes.

«Sinto-me tão culpada!»

Fazes um esforço e encaras aquele rosto que te recorda Hortense Cézanne, com o seu queixo um pouco forte demais.

«Acho que te fiz trabalhar demasiado nestes últimos tempos, mas queria apenas garantir que os quadros ficavam prontos para a exposição...»

As justificações dela fazem-te sorrir, algo que Hilary interpreta como um sinal de perdão, quando na verdade estás a pensar: «Desde quando precisei de incentivo para trabalhar, idiota?» São os sonhos que te impelem a pintar; essa outra vida na qual mergulhas todas as noites. Sentes uma súbita náusea, como se algo quisesse abandonar-te. Levantas-te rapidamente e corres para a casa de banho. Enfias a cabeça na sanita, mas não o suficiente para bloquear as suspeitas de Hilary, que esta insiste em gritar: «Eu bem disse para não jantarmos naquele indiano!» Mas não há nada, nem sequer indiano, que se tenha revoltado no teu estômago. Regressas à sala, onde ela continua de pé, com ar aflito.

«Não será melhor irmos ao hospital? Pode ser uma intoxicação alimentar...»

«Estou ótima.» asseguras, e perguntas se chegou a comprar o *mocaccino* que lhe tinhas pedido.

Hilary olha em redor para descobrir onde pousou os copos quando te viu.

«Já não está quente.» lamenta. «Se calhar, não devias beber isto...»

Abanas a cabeça e estendes a mão para receberes o copo. Sentam-se no enorme sofá que ocupa o meio da sala, estrategicamente colocado em frente da maior tela, e começam a beber café morno.

«Viste sair um homem?» perguntas, observando a Torre que se contorce na tua frente.

«Um homem? Que homem? Só cá estavas tu quando saí. Até o Ewan já tinha ido para casa e eu tive o cuidado de fechar a porta... De que homem estás a falar?»

O seu tom desesperado relembra-te o quanto ela é paranóica no que diz respeito à segurança da galeria, falando frequentemente em contratar um vigilante e sempre atenta ao funcionamento das câmaras. Viras a cabeça na direcção de um dos cantos da sala e lá está uma. «Apanhei-te!» pensas, e perguntas:

«Podemos ver as filmagens daquela câmara?»

Hilary vira também a cabeça na direcção do aparelho e responde:

«Claro. As imagens ficam num computador. Amanhã, peço ao Ewan para...»

Pára de falar e encara-te com um ar novamente aflito.

«Porquê? O que é que se passou aqui, Sarah?»

Não te apetece falar sobre o que aconteceu, mas sabes que ela não irá desistir.

«Havia um homem aqui. Não percebi quando entrou. Fez uns comentários sobre os meus quadros e desapareceu.»

«Vou telefonar para a Polícia. Isto é um caso de invasão de propriedade privada!»

Impedes que Hilary se levante.

«Calma.» pedes. «Parecia um padre católico...»

Esta última parte, que servirá para apaziguar um pouco a ansiedade dela, é uma revelação também para ti e espantas-te por não teres percebido isso antes.

«Amanhã, vemos as imagens e, então, se quiseres, podes chamar a Polícia.»

Hilary abana a cabeça, bebe um pouco do seu café e faz uma careta porque está frio.

«Vou contratar um segurança.» declara.

Não comentas. Queres ir para casa. Insiste em acompanhar-te, apesar de viveres a um quarteirão da galeria. Percorrem a rua sem trocar uma palavra — em parte, porque pretendes evitar mais perguntas — e não a convidas para entrar, mesmo compreendendo que ela gostaria de representar o papel de irmã mais velha por uma noite. Entras em casa e o cheiro das tintas devolve-te alguma da serenidade que, por momentos, julgaras perdida. O apartamento, no qual apenas restam as paredes mestras, mais não é do que um estúdio, onde as telas tomaram o lugar dos móveis, reduzidos ao estritamente indispensável, para horror da tua mãe, que ainda não desistiu de tentar fazer com que aceites os seus conselhos decorativos. Tens sede. Abres o pequeno frigorífico, um daqueles que facilmente se encontra nos quartos de hotel, e retiras uma garrafa de água, que bebes de seguida, observando a enorme tela em branco que domina o espaço e espera ainda por uma história. Sentes que te observa também e que aguarda. Espera pelas recordações de tempos e lugares longínquos, traduzidas em traços largos de cores fortes — mas o que quer que venhas a pintar nessa tela, no entanto, não será produto dos sonhos desta noite, porque, quando finalmente conseguires adormecer, depois de tentares, vezes sem conta, perceber o sentido das palavras que te surpreenderam, cairás num sono pesado, escuro, sem histórias para contar.

8.

O dia amanhece de um tom como só Londres sabe imaginar. Acordas no chão. Não sabes por que ficaste ali. Há algo duro sob a tua cabeça. Sentas-te e observas o livro que serviu de travesseiro: um trabalho sobre Marc Chagall. Não te recordas de o ter consultado na noite anterior, mas no chão do estúdio há vários outros livros, empilhados em pequenos montes, por isso, o facto de acordares com aquele sob a cabeça está longe de te surpreender. E, para além do mais, gostas de Chagall, dos seus tormentos e dos seus fantasmas. Folheias o livro e o teu olhar detém-se numa das estampas. O fantasma de Bella Rosenthal, eterna noiva, eleva-se no céu escuro dos sonhos premonitórios do pintor. Então, percebes que não sonhaste. Por momentos, fitas, perplexa, a imagem, como se esperasses que o fantasma te indicasse a resposta. Depois, fechas os olhos e fazes um esforço para recordar as cores e os sons desse mundo que visitavas durante a noite; mas não há nada, não restou qualquer eco. A náusea parece querer regressar.

9.

«Estás preparada para hoje à tarde? Não poupei em nada. O *buffet* vai ser fantástico! Há que deixar as pessoas certas no estado de espírito certo.»

Hilary está num estado de quase euforia que te irrita.

«Achas que vão novamente comparar-me com Albert Irvin?»

Ela emite um som agudo, que é suposto ser uma risadinha, e tu sabes o que isso quer dizer: pouco lhe interessa com quem irão comparar os teus trabalhos, desde que não fique um por vender, como aconteceu nas duas últimas exposições.

«A tua mãe telefonou para confirmar que o jantar de amanhã se mantém. Aparentemente, tem deixado milhões de mensagens no teu gravador de chamadas e no *voice mail* do telemóvel, sem conseguir obter uma resposta.»

«Eles não vão estar aqui hoje?» perguntas, sabendo perfeitamente que a tua mãe não perderia o *acontecimento*, como ela lhe chama, por nada deste mundo.

«Claro que sim, mas tinha medo que, entretanto, combinasses alguma coisa. Também me perguntou se eu gostaria de ir. É tão querida! Tive imensa pena de lhe dizer que não podia aceitar... Combinei jantar com o Rupert Best.»

«Esse idiota?»

«Esse idiota vai escrever uma crítica fabulosa, acredita. Vale bem o sacrifício de um jantar e não posso honestamente dizer que seja um sacrifício. Depois de meia garrafa de clarete, a conversa dele até começa a fazer algum sentido.»

Ri da sua própria piada e adjectiva-se de forma vulgar. Tu acendes um cigarro e ela reclama.

«Voltaste a fumar? Pensei que tivesses desistido...»

Não podes dizer-lhe que voltaste a fumar, porque deixaste de sonhar. Pelo menos, achas que deixaste de sonhar. Naquela manhã, entraste na loja de tabacos que não visitavas há quase um ano e compraste um maço de cigarros.

A chegada de Ewan Thomas à sala de Hilary permite uma fuga às justificações e devolve-te alguma esperança.

«Queriam falar comigo?» pergunta, com o seu sotaque galês.

«Precisamos de ver o que a câmara de vigilância da sala principal filmou ontem à noite, por volta das dez.» e acrescenta, no tom solene de quem viu confirmadas todas as suas preocupações: «Tivemos um intruso.»

Ewan ergue as sobrancelhas e concorda de imediato em lhes mostrar as filmagens. Mudam-se para a sala dele e aguardam enquanto recupera o ficheiro.

«Aqui está.» informa e acrescenta: «Ontem à noite, por volta das dez.»

Observam, em silêncio, enquanto tu, sozinha na sala, olhas em várias direcções e, depois, caís.

«Sentiste-te mal?» pergunta Ewan, mas não respondes. Aguardas que na imagem apareça Hilary para dizeres: «Havia um homem...»

Ele volta atrás e limita-se a confirmar aquilo que as filmagens revelam:

«Não há aqui mais ninguém. Estavas apenas tu na sala.»

«Havia um homem.» insistes. «Eu vi um homem.»

Ewan observa-te com uma expressão preocupada.

«Talvez estivesse fora do ângulo da câmara.» sugere, mas tu descartas essa possibilidade, garantindo que o homem se encontrava atrás de ti e, depois, ao teu lado.

«Alucinei? Estarei a ficar louca?»

As perguntas são apenas para ti, mas Hilary responde, num tom despreocupado:

«Os pintores loucos costumam ter imenso sucesso.»

O teu olhar fá-la reconsiderar o comentário.

«É claro que não estás a ficar louca! Estás cansada, é só isso. Depois da inauguração, tiras umas férias, viajas, e vais ver como ficas ótima.»

Ewan volta a dizer que o homem poderia estar fora do ângulo de filmagem. Agradeces a sua simpatia e abandonas a sala, seguida por Hilary que te garante ir, de qualquer forma, contratar um segurança.

«É melhor prevenir que remediar.» sentencia, quando se despedem.

Deixas a galeria e começas a andar sem destino definido, talvez porque te sintas já suficientemente perdida. Quando percebes, estás em frente da Bompton Oratory, mas não entras, nem mesmo para reverer as esculturas de Mazzuoli. Acabas por regressar ao estúdio, embora gostasses de ir até Bayswater, conversar com Trevor. Sabes que ele não está em casa. Prometeu que não faltaria à inauguração e, neste momento, parece-te ser o único motivo para estares presente no *acontecimento*. Deitas-te sobre a cama, que também serve de sofá, e adormeces de puro cansaço. Também desta vez não irás sonhar.

10.

Chegas atrasada à galeria. Hilary está nervosa.

«Gostaria imenso que, de vez em quando, ligasses o teu telemóvel.» recrimina.

«Estou muito atrasada?»

«Atrasadíssima! Está cá toda a gente!» responde, excitada.

Não é verdade: Trevor ainda não chegou. Embora sem esperança, procuras que ela contrarie as tuas suspeitas, mas a sua resposta apenas confirma o que adivinhaste:

«Não, o teu tio ainda não chegou.»

Os teus pais, pelo contrário, já ali estão. A tua mãe cumprimenta-te efusivamente. Os seus elogios vão mais para a fauna arregimentada por Hilary, da qual conhece os mais importantes espécimes, que para os teus trabalhos, com os quais persiste em manter uma firme incompatibilidade, mas o mesmo não se pode dizer do doutor Townsend. Admira a tela onde a torre se retorçe e, depois, olhando-te com admiração, comenta:

«Sempre soube que eras especial. Soube disso no primeiro momento em que te vi.»

«Isso é conversa de pai.»

«Não é, não.»

Hilary impede que ele formule outros elogios ao arrastar-te na direcção de um casal de coleccionadores com quem é importante conversar.

Fazes um esforço para sorrir e responder sem demonstrares demasiado enfado. Há alguns amigos teus, poucos, entre os presentes, que te cumprimentam e oferecem comentários que agradeces, mas ela faz questão em te apresentar a mais meia dúzia de convidados «que estão quase decididos a levar um Sarah Townsend para casa» e, quando pensas que estás prestes a atingir o limite da tua resistência a conversas de circunstância, Trevor aparece finalmente e declara:

«Os colecionadores que pertencem à família têm prioridade.»

Leva-te para o extremo oposto da sala, sem atender aos pedidos da galerista, e conclui:

«Pelo menos, ser da tua família serve para alguma coisa.»

Riem, mas tu sabes que aquele parentesco é algo que ele, como tu, suporta com dificuldade.

«Já pensava que não vinhas.» reclaims.

O ressentimento na tua voz é desmentido pelo olhar.

«E deixava-te sozinha com os lobos? Nunca! Tive uma emergência.»

Olha em volta e reclama:

«Esta gente toda mal deixa que se vejam os teus quadros.»

«A Hilary tem as suas estratégias...»

«Sim, a tua amiga Hilary Simmons está histérica hoje. Não imaginei que fosse estratégia...» comenta, no seu habitual tom sarcástico.

«É a tua opinião como psiquiatra?»

«Bem, nem todos podemos ocupar-nos a colocar crianças no mundo, como faz o teu pai. Eu sempre achei que seria mais interessante tratar da depressão pós-parto.»

«Trevor...!»

«Preciso de uma bebida.» anuncia, e regressa, pouco depois, com dois copos.

«Tu também pareces precisar de uma bebida. Qual é a crise?»

«Nunca páras de trabalhar?»

«Claro que sim: quando durmo. E, mesmo nessa altura, devo sonhar com... O que é que se passa?»

«Nada.»

«Ou seja: tudo.»

Olha novamente em redor e comenta:

«Este não é propriamente o melhor local para conversarmos e suponho que a tua amiga teria um ataque se eu tentasse levar-te daqui. Aposto que há uma festa algures, onde já decidi apresentar-te como atracção principal... Amanhã, vais estar no jantar familiar?»

Franzes um pouco as sobrancelhas e confessa:

«Estava a tentar encontrar uma maneira de fugir.»

«Não fujas. Uma distração familiar faz sempre bem.» aconselha Trevor. «É claro que, depois, temos de combinar um jantar no Mandarin Kitchen, ou no Vama, para desintoxicares da fantástica comida inglesa que a tua mãe irá oferecer.»

«Porquê num restaurante?»

«Porque tu cozinhas pessimamente e eu não tenho tempo para nos preparar um jantar decente.»

Franzes de novo as sobrancelhas.

«Começo a desconfiar que irás ficar longe da distração familiar que faz sempre bem.»

Trevor sorri como uma criança apanhada numa falta menor.

«O teu pai telefonou-me para informar que, afinal, a minha convocação deixou de ser imperativa; em parte, porque parece que a tua amiga Hilary não estará presente.» Ri e pergunta: «O que é que eles teriam em mente?» Depois, continua: «De qualquer forma, prometo ir em teu socorro, logo a seguir ao jantar.»

Agradeces-lhe com o olhar, pouco antes de os teus pais interromperem a conversa, para se despedirem.

«Não te esqueças do jantar, querida.» pede novamente a tua mãe. «O Sean e a Julia não te vêem há séculos e o George também vai lá estar. Disse-me que deixou uma mensagem no teu gravador de chamadas, a explicar por que é que não poderia estar presente hoje. Um caso importantíssimo, ao que parece. Suponho que nem sequer a tenhas ouvido.»

O teu sorriso é uma admissão de culpa. George Howland — nem sequer tinhas pensado nele.

«Eu só devo chegar por altura do brandy e dos charutos.» informa Trevor. O irmão sorri, mas a tua mãe lança-lhe um olhar de desaprovação.

«O George vai ficar desolado se não apareceres.» acrescenta ela, antes de dizerem adeus.

«Muito subtil... Acho que ela tem treinado.» comenta Trevor, enquanto eles se afastam. «Os primos Sean e Julia e George Howland, o apêndice. Esse jantar promete... Acho que, afinal, talvez devas fugir.»

«O George diverte-me.» admites.

«Claro que sim.» ouves Trevor dizer, e ainda vais a tempo de ver a sua expressão ligeiramente aborrecida, mas não de tentar suavizar os efeitos do teu comentário, porque Hilary já se prepara para te lançar novamente numa conversa sacrificial com mais um potencial comprador.

11.

Não trabalhaste o dia todo. Acordaste tarde, ainda sob o efeito dos excessos da noite anterior, e ficaste a olhar para a tela em branco sem saber exactamente o que fazer, comeste qualquer coisa que ainda não criara pernas no frigorífico e adormeceste novamente ao som de Sting. Irrita-te adormecer tão facilmente, agora que deixaste de sonhar, mas é como se uma força te obrigasse a fechar os olhos e a deixares que uma lenta mas irresistível corrente te arraste para um mar profundo, de onde regressas sem memória. Ouves o som da campainha e reparas que apenas entram no estúdio os restos da luz do dia. Por segundos, pensas que é Trevor, mas recordas o que ele disse e já não tens vontade de abrir a porta. Quem quer que seja, não parece estar disposto a desistir. Rezas para que não seja Hilary, mas os teus receios são substituídos por outros: quando perguntas quem é, responde-te a voz bem disposta de George Howland. Pressionas o botão que abre a porta do prédio e meditas sobre a vontade que realmente tens de o rever. Não consegues chegar a uma conclusão, porque ouves primeiro o som de dedos na porta do estúdio, fingindo

arranhá-la, e ao abri-la encontras o seu rosto alegre, que logo de seguida se transforma com uma expressão divertidamente escandalizada.

«Ainda estás assim? Então, fiz bem em passar por cá. Precisas mesmo de uma boleia. Posso entrar?»

Afastas-te para lhe dares passagem.

«Eu telefonei.» informa, justificando a sua presença.

«Imagino que sim.» dizes, e olhas para o gravador de chamadas, onde uma luz acesa lhe serve de testemunha abonatória.

George passa revista às telas que se encontram arrumadas a um canto e pergunta:

«Desculpas-me por não ter passado ontem pela galeria? Ouviste a minha mensagem?»

«Estás desculpado.» dizes e, em vez de responderes à segunda questão, perguntas: «Queres café?»

Em tempos, o apartamento teve uma cozinha americana; agora, percebe-se que há um microondas no meio de uma bancada repleta de materiais de pintura.

«Obrigado, mas não. Se tomo um café, fico agarrado ao tecto.»

«Não tenho chá.»

Ele olha para ti com ar divertido.

«Desde quando é que esse facto se tornou novidade? Nunca vi alguém beber tanto café...»

«Devo ter antepassados brasileiros.» respondes, enquanto retiras a caneca do microondas.

Acabas de preparar o café e encostas-te à bancada, saboreando-o.

«Vamos chegar atrasados, sabes?»

Não há recriminação na sua voz, apenas o tom de quem sabe que tu estás longe de considerares esse facto como sendo importante.

«Estava a pensar seriamente em não ir a esse jantar. Poderia desenvolver uma súbita enfermidade, um daqueles vírus que duram apenas vinte e quatro horas...»

«A tua mãe ficava *passada*.»

«Foi ela quem te pediu para passares por cá, para garantires que eu não teria um ataque de amnésia parcial?»

«Não.»

«Então, por que é que resolveste aparecer?»

Tens noção de que acabaste de fazer uma pergunta insultuosa, mas George desarma-te ao responder simplesmente:

«Tive saudades.»

«Tenho estado ocupada.»

«Eu sei.» admite ele, prontamente. «Foi por isso que te deixei em paz. Sei como detestas ser interrompida quando estás a trabalhar...»

«Pensei que andasses ocupado com um caso importantíssimo.»

Ele ri, aparentemente divertido com o comentário.

«Foi a tua mãe quem te disse isso?»

«A não ser que constasse na tua mensagem...»

«Mais uma que tu nem sequer ouviste, claro.»

«Tenho estado ocupada.» repetes secamente.

«Hoje, passei pela galeria.» declara George, ignorando o teu mau humor.

«E...?»

«O teu trabalho continua fantástico. Especialmente aquela tela maior... Gostaria de te dizer qual é, mas tu não lhes dás títulos... A Hilary, pelo contrário, parecia o resultado de um cruzamento entre os trabalhos de Edvard Munch e Francis Bacon.»

Faz uma careta, tentando imitar o ar de Hilary depois de uma noite de excessos e tu acabas por rir.

Ainda assim, tentas explicar que precisas de tomar um banho e escolher uma roupa que não escandalize demasiado Mrs Townsend e que podes muito bem ir de metro; mas George abana a cabeça, senta-se na única poltrona que existe em toda a casa, imposta pela generosidade decorativa da tua mãe, levanta um livro do chão, e diz: «Eu espero.»

12.

Trevor não está atrasado, mas tu preferias que ele já tivesse chegado. Detestas aqueles jantares, que suportas apenas por considerares que deves esse sacrifício ao teu pai.

«Está tudo bem?» perguntou ele no início da refeição.

Refugiaste-te no argumento do cansaço, que ele pareceu aceitar sem objecções e que George aproveitou mais tarde para dizer que deverias viajar; um tópico que foi prontamente adoptado pelos primos Sean e Julia, acabados de chegar do Algarve.

«A Sarah nasceu em Portugal, não foi?» perguntou Julia.

«Um mero acidente de percurso.» declarou de imediato a tua mãe.

«E pertence à minoria de ingleses que nunca fizeram férias no Algarve, não é, Sarah?» provocara George.

«É verdade que nunca visitei Portugal.» admitiste, e acrescentaste: «Se excluirmos essa primeira visita, quero eu dizer.»

O riso surgiu na mesa, mas George voltou a atacar:

«Como é possível que nunca tenhas visitado a terra onde nasceste?»

«Se eu tivesse nascido no Djibuti, também acharias estranho que ainda não tivesse visitado a minha terra natal?»

«Se tivesses nascido no Djibuti, seria eu a convidar-te para visitares a tua terra natal. Não conheço o Djibuti...»

«Não foi o seu irmão que esteve no Djibuti?» perguntou o teu pai.

«Ele ainda trabalha para a UNESCO?» quis saber a tua mãe.

«Agora e sempre.» confirmou George. «Acho que ficou viciado... Nos próximos meses, vai ficar em Nova Iorque, a desenvolver um projecto para mais um plano de vacinação de crianças. Desta vez, acho que será algures no sudeste asiático.»

Sorriu. Recordara obviamente algo que, como era seu hábito, iria partilhar.

«Almoçámos juntos há dois dias atrás, antes de ele partir novamente para Nova Iorque. Estivemos a falar sobre vida e procriação.»

«Ora aí está algo perfeitamente assustador.» comentaste e Julia exclamou, com uma expressão de falso horror:

«Sinto aproximar-se uma palestra!»

Mas George voltou a sorrir, ignorou as provocações, e prosseguiu:

«Concordámos que os seres humanos, pelo menos os ocidentais, se dividem entre os que têm filhos e os que não os têm. (Foi fácil concordar: pertencemos ambos ao mesmo clube...) “J'entend plus la guitare.”, aquele filme francês, lembras-te, Sarah? Quando os dois tipos se encontram no final e um fala da sua nova exposição de pintura e, o outro, da criancinha que nem sequer planeou? A humanidade é assim. O mais espantoso é que devemos ser a única espécie que promove a reprodução dos mais ineptos. Percebe-se que Darwin não estava concentrado nos seres humanos quando escreveu “A Origem das Espécies”. De qualquer forma, também teve uma bela prole... Não sei como é que acabaram todos, mas aposto que não foram miúdos hiper-activos, viciados em televisão (que coisas são aquelas que eles vêem? para além da publicidade, quero dizer...) e consolas de jogos, perfeitos imperadores do ambiente doméstico.»

«Bom, naquele tempo, era suposto que as crianças fossem vistas e não ouvidas.» lembrou o teu pai.

«O que me parece do mais absoluto bom senso. Como é que chegámos aqui? Na Idade Média, só era aceite que os pais chorassem publicamente a morte de um filho, se fosse o único.»

«Que crueldade!» exclamou Julia.

«Não era crueldade, era a vida. E, de qualquer forma, era muito mais justo para com a prole sobrevivente. O que é que deveriam fazer perante a morte de um irmão convertida em tragédia insuperável?»

Arrastar para o resto da vida a culpa de não terem sido eles a morrer, ou optar pelo suicídio imediato? Seja como for, as histórias de pais (e mães) são todas iguais — a não ser que as crias sejam geniais ou psicóticas; o que, no primeiro caso, é raro e, no segundo, começa a parecer assustadoramente habitual. Fará parte da evolução da tribo, ou será mera consequência da inépcia dos progenitores? Escolhemos ter filhos como parte do nosso plano de vida, ou por falta de um? O Mark diz que é capaz de ser puramente genético: uns, nascem com o gene “vamos fazer criancinhas, independentemente de tudo o resto” e, outros, com o “talvez seja melhor deixar isso das criancinhas para uma outra vida”. Haverá também aqueles que nascem com o fantástico gene “vamos fazer as coisas de modo a ajudarmos a desenvolver seres humanos decentes”, mas ele acha que acabam todos como engenheiros genéticos. Sem filhos, claro.» Fez uma pausa para beber um pouco de vinho e concluiu: «Reprodução de Homines sapientes sapientes dignos dessa designação: uma verdadeira raridade.»

«Pensa desse modo, certamente porque pode ter filhos e apenas decidiu não os ter. Se não pudesse tê-los, a sua opinião seria diferente.» assegurara a tua mãe.

A frase fora dita com tal seriedade que George se sentiu forçado a admitir que ela tinha provavelmente razão.

«Acho que o George foi uma criança tímida.» comentou o teu pai, tentando aligeirar de novo a conversa, no que foi ajudado por Sean:

«Acho que nunca foi criança. Nasceu já advogado, o que, convenhamos, não abona muito a seu favor.»

Riram todos, ou quase, porque a tua mãe permaneceu incomodada com o tema da conversa. Aparentemente, George não percebeu, ou estava demasiado entusiasmado com a sua própria teoria, porque se virou para Julia e perguntou:

«Vá lá, confessa: por vezes, não tens vontade de afogar os teus monstrosinhos?»

«Não! Mas posso sentir vontade de afogar quem me faz perguntas dessas...»

«Falou como uma verdadeira mãe.» sentenciou ele, com se estivesse em tribunal.

«Penso que podemos passar para a sala.» sugeriu Mrs Townsend, num tom que indicara querer ver o assunto terminado, ou simplesmente porque pretendia falar uma vez mais sobre a vitória do

seu grupo de amigos sobre aqueles que tinham pretendido desfigurar os Kensington Gardens.

Mas o tema só morre verdadeiramente porque a campanha anuncia a chegada de Trevor.

«Venho raptar a Sarah.» comunica ele, após um breve cumprimento.

«Pensei que regressasses comigo...» lamenta George.

«Fica para uma outra vez.» asseguras, sem a menor convicção.

Quando se despedem, ele tenta um convite: «Se quiseres ir ao Djibuti...»

«Já sei: telefono-te primeiro.» e acenas aos primos Julia e Sean e aos teus pais, tentando ignorar a expressão escandalizada da tua mãe.

13.

No carro, Trevor quer saber que história era aquela do Djibuti.

«Não era sobre o Djibuti, era sobre Portugal.» explicas.

«Que rapaz tão engraçado...» ironiza ele.

Respondes à provocação com um cigarro, que acendes utilizando o isqueiro do carro, e esperas por uma reprimenda que não chega.

«Nunca te perguntas por que motivo a tua mãe parece tão empenhada em empurrar-te para os braços do jovem George?»

«Não preciso. Sei a resposta: um tio par do reino. Um tio par do reino sem filhos, para ser mais precisa.»

«O jovem George tem um futuro brilhante à sua espera.» volta a ironizar Trevor. «Todos animais sabem reconhecer indivíduos da mesma espécie... ou subespécie.»

«O que queres dizer com isso?»

«Quero dizer que a tua mãe consegue ver muito bem quem é o jovem George e o que ele pretende obter na vida.»

«Não me pareceu que ela estivesse particularmente encantada com a conversa dele ao jantar... Resolveu começar a bater na pulsão para ter criancinhas. A Júlia quase o estrangulou...»

«As palermices que ele diz para te impressionar são irrelevantes. Ela sabe bem o que ele é.»

«Que é o quê?»

«Um futuro político, com uma mulher troféu, três filhos e uma amante, ou várias, dependendo do número de secretárias que lhe passarem pelo gabinete.»

«O George? Estás doido!»

«É óbvio para mim e para a tua mãe também, por razões diferentes claro.»

«Claro...»

«Espera uns anos... e vais ver.»

«Vou ver o George no parlamento, com uma mulher troféu, três filhos e várias amantes? Acho que vai ser divertido!»

«Desde que não faças parte do quadro...»

«Não estou a pensar iniciar uma carreira de secretária... nem de esposa troféu.»

«Já chega de George, não te parece? Em tua casa ou na minha?»

Pensas durante um segundo.

«Tenho vodka no frigorífico; tu só tens vinho em casa. Vamos para o meu apartamento.»

Ele acelera. Passados alguns minutos, estão à porta do teu prédio e Trevor afirma que é melhor saíres.

«Vou procurar um lugar para enfiar o carro.»

Sais e sobes para o estúdio. Aproveitas para lavares dois copos, porque sabes que ele detesta beber por coisas plásticas e não estão ainda suficientemente bêbedos para partilharem a garrafa. Ouves o som da campainha, carregas no botão e aguardas que ele suba os três

lanços de escadas que separam a tua porta da entrada do prédio. Ele chega um pouco ofegante.

«Confesso que teria mais prazer em visitar-te se o teu senhorio investisse num elevador... Ah! Copos de verdade.»

Ris e fecha a porta, enquanto ele se dirige para o frigorífico, de onde retira a prometida garrafa de vodka.

«Música?» perguntas, ao colocares os copos sobre o tampo para que ele sirva. «Depende. O que é que andas a ouvir?»

Apontas o comando para a aparelhagem e esperas que voz de Sting invada a sala — «*You could say I lost my faith in science and progress...*» — antes de te sentares no chão, usando a cama como apoio para as costas.

A voz de Trevor sobrepõe-se à música: «Então, vais contar-me o que se passou? Não me digas que foi qualquer coisa que o apêndice fez...»

«O George, outra vez? Por que é que ele te irrita tanto? Eu não fico assim por causa das tuas amigas... Pensando bem, raramente conheço uma amiga tua.»

«Isso é porque eu, sendo mais velho, tenho o bom senso de não andar pelo mundo a pavonear as minhas conquistas.»

«O George não é uma conquista.» protestas.

«Talvez seja apenas ele a considerar a coisa por esse prisma: jovem advogado bem sucedido *come* pintora em ascensão. Admite que fica bem no *curriculum* de um futuro político da nova geração...»

«Estás parvo?! Se vai ser esse o único tema de conversa, podemos terminar a noite por aqui mesmo...»

«Desculpa. Não era essa com essa intenção...»

«Qual era, exactamente, a intenção?»

«Saber o que se passou para estares com essa cara. Foi essa que usaste ao jantar? Amanhã, vou receber uma chamada do teu pai, com o objectivo de obter uma confirmação de diagnóstico...»

«Não acho que ele tenha percebido. Disse-lhe que estava cansada.»

Ele torce o nariz e enche os copos.

«Não há limão, nesta casa?»

«Devíamos ser primos.» respondes, sabendo que pisas terreno perigoso, mas Sting começa a cantar «*You'll remember me when the West wind moves / upon the fields of barley...*» e Trevor pára, com os copos na mão.

Olha-te da forma como gostas, como precisas que te olhe, aguarda que seja cantada a frase que não poderão dizer e admite:

«Não me importava de ser um apêndice...»

«Tu não és da matéria de que são feitos os apêndices.» declaras.

«Vou tomar isso como um elogio.»

«Confesso que preferia que o tomássemos com vodka.»

Ele entrega-te os dois copos e senta-se a teu lado.

«Não costumo concordar com a tua mãe, mas acho que devias mesmo comprar um sofá.»

«Porquê? Gosto de me sentar no chão.»

«Claro, ficas mais perto dos livros...»

Retira um da pilha mais próxima e observa:

«Italian Renaissance Painting... É novo?»

«Não. Tu é que não passas aqui tempo suficiente para saberes que livros tenho.»

Ele olha em redor e comenta num tom jocoso: «Devias transformar isto numa filial da Waterstone's.»

Repõe o livro na pilha de onde o retirara e aceita o copo que ainda seguras.

Depois de beber um primeiro trago, pergunta:

«Queres falar sobre o que aconteceu?»

Não olha para ti, estão ambos de frente para a enorme tela ainda em branco.

Bebes metade da vodka que ele te serviu e começa:

«Na véspera da inauguração, quando estava a terminar a disposição das telas, entrou um homem na galeria e fez uns comentários...»

«Agressivos?» pergunta, preocupado, virando-se para ti.

«Não. Não lhes chamaria agressivos... Disse que via sangue e batalhas e sei lá mais o quê.»

Não consegues falar ainda toda a verdade.

«Mas tentou agredir-te?» insiste ele.

«Não. Desapareceu antes que eu pudesse saber quem era.»

Omites a vertigem e as náuseas. Não pretendes vê-lo mais preocupado do que já aparenta estar.

«E foi isso que te perturbou? Uma paciente minha tinha um sonho recorrente que a deixava apavorada. Sonhava com um quadrado branco que se convertia num quadrado negro que, por sua vez, se convertia noutro quadrado branco, e sempre assim, indefinidamente.»

«Tinha algo contra o abstraccionismo geométrico?» perguntas, sem conseguires evitar rir.

«Quem sabe? Ela dizia que aquela imagem representava o diabo. Não faças essa cara... O que eu estou a tentar dizer é que os teus trabalhos são um pouco como testes de Rochard; o significado das manchas está no cérebro de quem as vê.»

«Ele parecia um padre. Um padre católico.» referes.

«Então, está explicado. Um padre católico fez uma leitura apocalíptica do teu trabalho.» conclui Trevor e sorri para te mostrar que a questão não tem importância.

«E tu, o que vês no meu trabalho?»

Ele tenta identificar o que está pintado nas telas que continuam encostadas à parede num dos cantos da sala, escurecidas pela penumbra em que o estúdio se encontra.

«Se tivesse de analisar o teu trabalho... Provavelmente, diria que há nele explosões de energia, violentas, e também, por vezes, uma profunda tristeza...»

«Vês isso naquilo que pinto?» interrompes, surpreendida, porque nunca tinham falado verdadeiramente sobre o assunto.

«Vejo. Tu não?»

«Não sei... São como ilustrações dos meus sonhos, entendes? Dos sonhos que sempre tive... São sonhos muito reais. Bem, eram sonhos muito reais. Acho que deixei de sonhar...»

«Deixar de sonhar. Pois... Duvido que isso te tenha acontecido. Podes ter deixado de recordar os teus sonhos, mas de sonhar...»

«Seja como for, o horrível foi ouvir aquele homem descrever os meus sonhos. Aquilo que ele disse foi... Tudo o que ele disse estava certo, percebes?»

«Uma coincidência.» assegura Trevor. «Acredito que seja perturbador descobrir que alguém pode olhar para uma coisa que criámos e aparentemente perceber de uma forma quase precisa o que nos levou a criá-la. Faz-nos sentir despidos, sem segredos.»

«Essa não foi a parte mais horrível.» confessas.

«Houve uma parte *mais* horrível?»

Bebes o resto da vodka, antes de continuares.

«Ontem, pedi à Hilary para ver as filmagens da câmara de vigilância. Queria ver aquela personagem, tentar perceber o que me tinha acontecido...»

«O que te tinha acontecido?» interrompe Trevor.

«O que tinha acontecido quando o homem estava na sala.» emendas, mas não vais a tempo.

«Exactamente, o que é que te aconteceu, quando o homem apareceu e disse aquelas coisas que te perturbaram?»

«Acho que desmaiei.» respondes baixinho, sem olhares para ele.

«Achas que desmaiaste...»

«Não foi nada de especial.» asseguras. «Foi uma vertigem, uma quebra de tensão, ou uma coisa assim, por causa do cansaço.»

«Não será melhor ser eu a fazer o diagnóstico? Afinal, sempre sou o único médico presente na sala.»

«De verdade que não se passou nada de transcendente... Bem, passou-se, mas não foi isso.»

«Então, o que é que consideraste transcendente?»

Contas-lhe que o homem que viras não se encontrava nas imagens, tendo o cuidado de juntar a opinião generosa de Ewan Thomas. Ainda assim, não consegues deixar de perguntar: «Achas que estou a enlouquecer?»

«Não.» é a resposta imediata.

Anima-te o facto de ele não ter pensado antes de responder.

«Mas, provavelmente, estás muito cansada. Queres que te receite alguma coisa?»

«Não, por favor. Não transformes esta conversa numa consulta. Embora ache que já é tarde para isso...»

Trevor sorri, levanta-se e serve mais duas doses de vodka. Depois, não se contém e diz:

«Aquilo que tu viste, ou que julgas ter visto. O nosso cérebro não é apenas uma câmara de filmar; também projecta toda a espécie de coisas.»

Levantas-te e aceitas o copo que ele te devolve.

«Mas por que é que projectei um padre católico a dizer-me aquelas palavras? Ontem, quando dei por mim, estava à porta da Brompton Oratory. Nem sei bem como fui lá parar...»

Subitamente, uma ideia surge na tua mente. É uma ideia absurda, mas, naquele momento, sentes que a lógica talvez não possa explicar o que te aconteceu.

«Lembras-te da história de “O Fim da Aventura”?»

«De Graham Greene? Sim, mas não vejo qual é a relação.»

«Ela era católica, mas não o sabia. Quero dizer, não o sabia de uma forma consciente.»

«E...?»

«Eu nasci em Portugal, um país católico, certo?»

«Bem, acho que, desde a revolução, eles não utilizam propriamente esse termo para se descreverem.» ironiza Trevor.

«Não brinques e ouve: o pai sempre contou que estava muito frio e que nem sequer puderam fazer o parto no hospital, porque era longe e porque tudo aconteceu demasiado depressa. Teve de ser mesmo lá onde estavam alojados, em casa daquele conde português, ou visconde, ou lá o que era, amigo do pai. Chegaram a temer que eu não sobrevivesse...»

«Eu conheço a história. Fico muito contente por teres sobrevivido. Não sei o que seria a minha vida sem ti.»

Ignoras o tom falsamente jocoso e continuas:

«E se me baptizaram?»

Trevor abre muito os olhos e responde com outra pergunta:

«O teu pai, permitir que fosses baptizada na Igreja Católica Apostólica Romana?» abana a cabeça. «Nunca. Não estou a dizer que ele seja um homem intolerante, mas quando se chega a estas questões de religião... Nunca, acredita.»

«E se ele não soube?»

«Agora, é mesmo desvario...»

«Vais ver que não é. Tu até costumavas brincar com isso... Quando eu era pequena, lembras-te? Brincavas comigo sempre que a mãe dizia que me tinham posto o nome Sarah, porque eu nascera num castelo, rodeada por uma corte: um conde e...»

«... um padre.» completa Trevor. «Nobreza e clero. Sim, eu recordo. Mas não vejo por que razão a presença de um padre na casa terá de implicar obrigatoriamente o teu baptismo na Igreja Católica.»

«Se a minha vida esteve realmente em perigo, um padre católico não iria deixar que eu morresse sem ser baptizada. Seria sua obrigação

garantir que eu entraria de imediato no Céu. Portanto, pode muito bem ter feito o baptismo, sem que ninguém tenha percebido.»

«Isso é uma perfeita loucura! E podes tomar isto como uma opinião profissional.»

«Preciso de encontrar aquele padre.» declaras, deitando mais vodka no copo.

Trevor retira-te a garrafa das mãos e coloca-a dentro do pequeno frigorífico.

«Acho que já estamos suficientemente alcoolizados. O que tu precisas, não é de descobrir um padre, mas, sim, de encontrar um pouco de calma.»

Talvez ele tenha razão, mas a vodka deixa-te com vontade de argumentar, por isso, acrescentas com ironia: «Como tu encontraste.»

Ele aproxima-se e podes ver perfeitamente o azul profundo dos seus olhos. Sempre achaste que se poderia mergulhar naquele azul e é o que te apetece fazer: mergulhar e esquecer, por uma noite, e talvez sonhar.

«Por que dizes isso?» pergunta Trevor e há algum receio no tom da sua voz.

«Não encontraste? A calma da racionalidade? A mente prevalecendo sobre a matéria, e tudo isso?» questionas, sabendo que será como reabrir totalmente uma ferida, que nenhum dos dois permitiu que fechasse por completo.

Observas a tela em branco, e tocas-lhe como se nela encontrasses retratada uma história por contar. Conheces de cor a letra da música que começa a ouvir-se. Continuas ao lado da tela e quase murmuras quando finalmente cantas: «*And if I told you that I loved you; you'd maybe think there's something wrong...*»

«Não vamos jogar este jogo, Sarah.» pede Trevor e, em seguida, bebe a vodka que ainda se encontra no seu copo.

Ignoras o pedido.

«Sabes quanto tempo passou, desde o dia em que percebi que todos os outros seriam insuportáveis?»

Ele não resiste a lançar-te uma pequena farpa:

«Bem, não todos, certamente. O George ainda te diverte...»

Olha-lo com incredulidade.

«Sim e queres saber em quem penso, quando vamos para a cama?»

«Não, por favor! Poupa-me...»

«Sabes quanto tempo se passou?» voltas a perguntar.

«Doze longos anos.» responde Trevor.

«E mudou alguma coisa? Hoje, tens trinta anos e eu quarenta e três, mas as circunstâncias são as mesmas.»

«Não. Hoje, aceito pior os teus motivos. As tuas racionalizações podem estar certíssimas, mas já não me satisfazem. Por que é que não podemos simplesmente viver, sem nos preocuparmos com tudo o resto?»

Ele afasta-se na direcção de uma das janelas e observa a rua, quando diz:

«Já conversámos sobre isto, Sarah... Nenhum de nós saberia viver com a culpa de um relacionamento que não conseguiríamos justificar perante os teus pais. Isso, sim, iria destruir-nos.»

«É o teu velho diagnóstico; o teu velho medo.» acusas num tom sarcástico. «E esta farsa que vivemos, o que é que nos faz?»

«Não é uma farsa.» protesta Trevor, voltando a olhar para ti. «Achas que os nossos sentimentos valem menos, só porque não são expressos de uma forma sexual?»

Procuras o tabaco sobre a cama, mas não acendes o cigarro que retiras do maço.

«Tu és o psiquiatra. Diz-me tu! O facto de não dormirmos juntos diminui o sofrimento, torna-nos mais felizes...? Apaga o que sentimos?»

Não gritas, mas as palavras são ditas de uma forma quase irada.

Ele aproxima-se até ficar muito próximo do teu rosto e começa a falar num tom aparentemente calmo: «Queres saber se sonho acordado como será beijar-te, sentir a tua pele, o teu cheiro, estar dentro de ti? A resposta é: todos os dias. Adormeço a pensar como seria se estivesses ao meu lado e acordo a tentar lembrar-me se sonhei contigo...»

A tua boca impede que continue. Trevor corresponde ao teu beijo de uma forma ávida, quase febril. Deixam-se cair na cama. Sentes a enorme vaga de desejo que promete abater-se sobre ti. Queres que tudo aconteça naquele momento e que te leve para lá dos sonhos, ou da sua ausência, e de todas as dúvidas, mas ele termina o beijo e, quando tentas recomeçar, afasta-te suavemente.

«Porquê?» perguntas. «Em nome de que moral?»

«Desculpa, mas não quero que aconteça assim... Esperámos demasiado tempo para que se passe deste modo; como uma fuga... Se tiver de acontecer, então, que seja num momento em que já tenhas obtido as respostas que procuras. Numa altura em que me queiras, realmente; como um fim e, não, como um meio para fugires do que te perturba.»

Levanta-se, compõe as roupas com displicência e encaminha-se para a porta.

«Preciso que fiques comigo... Só por hoje.» confessas.

«Não posso...»

Pára, com a porta já ao alcance da mão, e tenta completar a frase, mas não consegue. Fita-te, por momentos, como se uma outra parte da sua mente pudesse dominar aquela que o obriga a abandonar o estúdio. Acaba por sair. Ficas sozinha. Nem a voz de Sting se ouve já. Apenas o azul dos olhos de Trevor, escurecido pela tristeza, e a pressão do seu corpo contra o teu teimarão em permanecer, dolorosamente vívidos, na tua memória, até ao momento em que a vodka e o cansaço te empurrem para esse sono que não desejas.

É assim que imaginas que seria. Talvez pudesse acontecer realmente desse modo, mas não será ainda esta noite. Trevor pergunta se não foi ele quem te ofereceu aquele CD. Quebra-se o encanto e respondes afirmativamente. Ele sorri, olha para o relógio de pulso afirma que já está a fazer-se tarde.

«De qualquer forma, podemos conversar mais sobre este assunto amanhã. O que achas de transformarmos o nosso jantar em almoço?»

Aceitas.

«Essa história de procurares um padre em Portugal...» não termina a frase e abana a cabeça.

Não te beija quando se despedem e tu perguntas-te se será por medo.

«Tenta descansar.» aconselha, com uma voz mais terapêutica do que paternal.

Começa a descer as escadas, mas antes de chegar ao final do primeiro lanço vira-se. Quer dizer-te algo. Acaba por se limitar a um aceno de adeus.

*Disseste-me que tenho um rosto antigo,
digno de um guerreiro medieval.*

14.

Respirou fundo e a dor propagou-se a todo o corpo. Estava vivo.

«Água.» pediu, e essa simples palavra desencadeou um tumulto de vozes à sua volta, com exclamações de alegria e agradecimentos a Deus.

Manteve os olhos cerrados, enquanto bebia a água que lhe ofereciam cuidadosamente. Parecia-lhe que havia feito uma grande viagem por terras distantes. Talvez tivesse sido apenas um sonho, mas permanecera com ele o cansaço que segue as grandes jornadas feitas apenas com a mente. Sentiu que alguém tomava a sua mão e ouviu a voz do irmão murmurar-lhe ao ouvido:

«Bem-vindo ao mundo dos vivos, meu senhor.»

Sorriu e apertou a mão que se fechara sobre a sua. Abriu os olhos e reconheceu de imediato o rosto de Ludovico, que sorria também. O quarto encontrava-se na penumbra, iluminado apenas por algumas velas, mas o conde conseguiu facilmente distinguir o vulto do seu filho mais velho, Eurico, que o observava encostado a uma parede, com os olhos ainda dilatados pelo pânico. Estendeu-lhe a outra mão e o jovem, pouco mais do que uma criança, ajoelhou-se a seu lado. Aceitou a ajuda de ambos para se sentar no leito. Assim, podia ver melhor quem mais se encontrava no seu aposento: Teobaldo e Roderico, parentes e os mais bravos de entre os seus homens, com um misto de satisfação e de alívio reflectido nos seus rostos; Berengária, a velha aia de sua mãe, que chorava de alegria; e, por trás do irmão, vislumbrou Frei Pelágio, que se aproximou e declarou que iria rezar cem missas de agradecimento pelo milagre da sua recuperação.

«Foi o mouro quem vos salvou, Mendo.» esclareceu Ludovico em voz baixa. «Com a ajuda de Deus, isso é certo, mas foi ele quem coseu a vossa ferida e velou noite e dia para que pudésseis voltar para nós.»

O conde procurou Muamad com o olhar, mas ele não se encontrava ali, e tão pouco o seu filho mais novo, Vasco. Quis saber onde se encontrava a criança e o peso da ansiedade alterou a expressão dos presentes. Foi Ludovico quem lhe revelou que a criança, com tão poucos anos, ao ver o pai chegar como morto, fora acometida por uma febre e o mouro velava agora por ela. O rosto do conde crispou-se num esgar de dor.

«Guarda as tuas rezas para o meu filho, frei!» ordenou.

A criança era tudo o que lhe restara de Berenice e não estava disposto a perdê-la. Teria sido sobre isso que sonhara?

15.

A criança dormia. O conde acariciou os seus cabelos, ruivos como os da mãe, o mais suavemente que sabia, tentando não perturbar esse sono que lhe parecia calmo.

«O pior já passou, senhor.» garantiu o mouro, atrás de si. «Amanhã, já andará por aí, a brincar como se nada se tivesse passado.»

«Não sei como te hei-de agradecer, Muamad.» confessou.

O mouro ergueu para ele os seus olhos escuríssimos e a expressão de extrema seriedade.

«Haveis salvo a minha vida, senhor. A dívida para convosco é maior e nunca poderá ser paga. Serei vosso servidor até ao final dos meus dias.»

A memória do campo que para sempre ficaria com o nome de matação surgiu entre ambos. Ali, salvara-o Mendo Vasques de uma morte a golpes de zambujo depois de aprisionado, por conhecimento da fama que ganhara a curar quantos lhe pediam ajuda. O conde baixou ligeiramente a cabeça em sinal de reconhecimento pelas palavras do mouro e deixou a criança entregue aos cuidados do médico e da ama, não sem que, antes, Muamad lhe dissesse para evitar esforçar-se. Embora tratada, a ferida era recente e, apesar dos três dias que passara adormecido, o corpo ainda não tivera tempo para recuperar totalmente. O conde sabia que o mouro temia que resolvesse acompanhar os seus homens na expedição que preparavam às terras dos Ouriques. Era a mesma preocupação que Ludovico demonstrara, quando o vira levantar-se do leito, com o peito e um braço ainda imobilizados por faixas apertadas, depois de Teobaldo e Roderico lhe terem contado como pensavam atacar as terras férteis do seu inimigo, em desforra pelo golpe que quase lhe roubara a vida, já que tomar o castelo de Ordonho, feito muitas vezes intentado, implicava melhor preparação. As reticências de Ludovico iam para lá da saúde do irmão. Discordava que se combatessem aqueles vizinhos, que considerava mais importantes como aliados. Vezes sem conta tentara convencê-los do seu ponto de vista, utilizando um mapa onde desenhara de forma simples os territórios das duas casas, e foi assim que o conde o encontrou, no salão principal da Torre, discutindo com os primos o melhor rumo a tomar naquela questão.

«Ajudai-nos, senhor.» pediu Roderico. «O vosso irmão insiste em fazer-nos acreditar que os vossos inimigos darão melhores aliados do que escravos. Talvez vendo as vossas feridas mude de ideias.»

«Ousais pensar que não me doem as feridas de meu irmão e senhor?» insurgiu-se Ludovico.

Com um gesto, o conde pediu-lhes calma e sentou-se no enorme cadeirão de madeira que, sob as armas dos Vasques, dominadas por corvos, presidia à mesa onde o irmão colocara o mapa. Mantiveram-se em silêncio, enquanto o conde observava a obra do irmão. Apesar de ter olhado para ele em tantas outras ocasiões, pareceu-lhe que o via realmente pela primeira vez. E, pela primeira vez também, não contrariou de imediato as ideias do irmão.

«É verdade que eu quase perdi a vida,» acabou por dizer, «mas Ordonho perdeu o único filho que lhe restava às minhas mãos. Não sei qual de nós terá mais contas a ajustar.»

«Ordonho tem uma filha.» lembrou Ludovico.

«Eu sei que ele tem uma filha, mas com quem proporei que se case? Com Eurico, que ainda pouco mais é do que uma criança? Ordonho poderá até relevar as nossas diferenças, mas apenas em troca de um herdeiro. Um herdeiro que o possa ser de ambas as casas. Vós os dois já tendes mulheres, mas mesmo que não as tivésseis, ele não vos aceitaria como genros, como não aceitará Ludovico, ainda que ele seja, como eu, viúvo.»

«Está decidido, então.» concluiu Teobaldo. «Atacamos.»

O conde não confirmou. Estava preso ao olhar do irmão, que parecia querer dizer-lhe algo. Por fim, percebeu.

«Não. Abandona o que pensas.»

«Mas é a única forma...» tentou argumentar Ludovico.

«Não!» repetiu o conde, exasperado, e acrescentou: «Vamos pensar noutro modo de resolver esta querela.»

Felizes com a decisão do primo, Teobaldo e Roderico relançaram-se em conjecturas sobre a melhor forma de surpreenderem os Ourigues. O conde não lhes prestou grande atenção, nem sequer aos comentários que o irmão ia tecendo sobre as várias falhas de que enfermavam os seus planos – umas, reais; outras, simples

provações. Na sua mente havia apenas uma certeza: não queria voltar a casar-se.

16.

Berenice. A doçura do nome continha a dor aguda da saudade, que o tempo ainda não conseguira atenuar. Mendo contemplou a paisagem que se estendia desde as muralhas da Torre até ao horizonte, onde o Sol principiava a esconder-se. Tudo o que via, e mais, lhe pertencia, mas nem todas as terras e almas que se encontravam sob o seu domínio lhe tinham podido valer contra o império da morte. Perder Berenice deixara-lhe uma revolta, uma sede de vingança e de sangue, que apenas o filho que ela abandonara na sua partida conseguia parcialmente apaziguar. Apesar dos conselhos de Ludovico, estava decidido a conquistar as terras dos Ouriques, mergulhando novamente as mãos no seu sangue, se necessário. Um pensamento cruzou, então, a sua mente; uma imagem de destruição acompanhada por um nome produzido numa língua que não era a sua. Agarrou com força a pedra da muralha, tentando prender-se à realidade. À medida que o Sol mergulhava na terra, um exército parecia assaltar o seu espírito, composto por imagens e sons desconhecidos. Gritou, esmagado pela súbita avalanche e deixou-se escorregar encostado à muralha, até ficar sentado. Atraíra a atenção dos homens que faziam a ronda, mas foram Ludovico e Muamad que o ajudaram a regressar ao seu aposento.

«Pedi-vos que descansásseis, senhor.» repreendeu o mouro. «Acreditei quando vos digo que o vosso corpo ainda não teve tempo para sarar estas feridas.»

O conde não respondeu. Via o olhar de Ludovico que lhe implorava contenção. Deus dera-lhe o mais leal dos irmãos, pensou. Ludovico poderia ser conde e, para isso, teria bastado muito menos do que aquilo que ele fizera para o trazer de volta à Torre e aos cuidados do médico mouro. Talvez tivesse sido melhor. Talvez estivesse escrito que deveria ser assim. No momento em que a espada penetrara a sua carne, um suspiro antes de mergulhar na escuridão, pensara em Berenice, mas, depois, o que acontecera?

«Senhor...» começou Ludovico.

O conde impediu-o de continuar.

«Vai.» disse. «Muamad cuida de mim.»

O irmão obedeceu, deixando o médico a observar o estado da costura que fizera no peito de Mendo.

«O que foi que me fizeste, mouro?» perguntou, assim que ouviu fechar-se a porta.

O mouro olhou-o com espanto.

«Tratei da vossa ferida, senhor.» e acrescentou: «Nada temais. A dor que sentistes não foi causada pela destruição da costura. Mas os vossos músculos sofreram e é natural que tenhais dores. Especialmente, se não descansardes como vos pedi.»

O conde abanou a cabeça.

«Não falo disso, homem!» exclamou, exasperado. «Estou a falar-te da minha cabeça.»

O médico fez tenção de lhe observar o crânio, mas Mendo deteve-o.

«O meu espírito, Muamad, a minha alma! Que pacto fizeste para me salvar a vida?»

Muamad ajoelhou-se, abriu os braços e baixou a cabeça.

«Senhor, juro-vos pelo Profeta que não fiz mais do que lavar e coser a vossa ferida e dar-vos infusões de ervas para vos fortalecer o corpo. Ervas puras, senhor, que os médicos e aqueles que as conhecem usam para benefício do seu semelhante e não para pactos com o indigno.»

O conde suspirou.

«Levanta-te, Muamad.»

O mouro obedeceu.

«Perdoa-me por ter duvidado da tua lealdade. Sempre deste provas dela e muitas vezes me pergunto se não poderias ter salvo...»

Não continuou.

«Acreditai que me penitencio todos os dias por os nossos caminhos não se terem cruzado a tempo de salvar a mãe do vosso filho menor.»

«Deus assim o quis.» disse o conde, sem total convicção.

«Deus assim o quis.» repetiu o mouro e afastou-se um pouco para atijar o lume que ameaçava apagar-se.

«Acreditas que se pode sonhar acordado?»

Muamad sorriu.

«Parece-me que muitos de nós o fazemos, senhor.»

«Estes sonhos são diferentes. São como...» Hesitou, antes de dizer a palavra, mas o mouro não era Frei Pelágio. «Visões. São como visões. É como se, enquanto dormia, tivesse viajado para muito longe e, agora, a visão desses lugares regressasse quando estou acordado. Foi isso que me aconteceu na muralha.»

Muamad deixou o fogo e voltou a aproximar-se da cama.

«O meu mestre falava de homens que, depois de terem sido tomados por mortos, regressaram à vida dizendo terem visitado locais longínquos, quase sempre o paraíso, ou então estado com os seus antepassados. Alguns, afirmaram ter visto o inferno...»

«Eu acho que vi o futuro, Muamad.»

«O futuro, senhor?»

O conde tentou ordenar algumas das imagens que ainda permaneciam na sua mente.

«O futuro, sim, mas não o nosso. O que vejo está para lá do nosso tempo e dos nossos espíritos também. Vejo coisas que não entendo, ou se entendo não sei por que o consigo; oiço vozes em línguas que me são estranhas e que, ainda assim, percebo; leio palavras desenhadas em...»

«Ledes, senhor?» interrompeu o mouro e Mendo percebeu por que o fazia.

Ao contrário de Muamad, que escrevia correctamente árabe, grego e latim, o conde, como a maioria dos seus pares, nunca aprendera a ler.

«Leio.» confirmou Mendo. «E penso que também sei escrever, mas uma língua estranha, diferente daquelas que usamos.»

Se Muamad fosse cristão, ter-se-ia benzido. Assim, invocou a protecção do Profeta na sua língua materna e remeteu-se, depois, a um silêncio que o conde não lhe permitiu manter.

«Esses homens, Muamad, de quem o teu mestre falava, encontravam cura para as suas visões?»

O mouro levou algum tempo até responder:

«Só na morte, senhor.»

Não sei por que tento encontrar-te no corpo de outras mulheres. É uma busca estéril, um tropeção, do qual me levanto com uma náusea, apenas para tropeçar novamente.

17.

Cautelosamente, para não acordar Marta, levantou-se da cama, que pouco mais era do que um colchão com um estrado baixo a separá-lo do chão de tábuas corridas, vestiu-se e desceu as escadas em caracol que conduziam ao primeiro andar. As três enormes janelas da sala, com as portadas abertas que permitiam a entrada da luz branca e intensa daquela manhã, obrigaram-no a semicerrar os olhos. Quando finalmente se adaptou à luminosidade, abriu uma delas e saiu para a estreita varanda protegida por balaústres em ferro forjado. Ergueu o olhar e observou o castelo, que emergia, imponente, por cima do restante casario.

«Foi por essa vista que resolvemos comprar esta casa.» ouviu Marta dizer, atrás dele.

O plural referia-se ao ex-marido. Durante o jantar, após terem evocado Hemingway, Steinbeck e Faulkner, quando o nome Fitzgerald surgira, Marta contara-lhe a história do seu breve casamento com um colega de trabalho. Talvez o tivesse feito na esperança de ouvir a história dele, mas Jack limitara-se a dizer: «Não sou casado.» algo que, não sendo mentira, continha apenas uma pequena parte da verdade.

«Estava a dormir... Não quis acordá-la.» referiu Jack, tentando justificar assim o facto de ter abandonado a cama de uma forma que poderia sugerir uma fuga.

Marta sorriu e perguntou:

«O que é que gosta de tomar ao pequeno-almoço?»

«Qualquer coisa, desde que inclua café.» respondeu Jack.

Ainda considerou mencionar que lamentava o que se passara na noite anterior, mas não tinha a certeza de haver algo a lamentar. Talvez tivesse sido melhor assim. Ela afastou-se na direcção da cozinha, levando consigo a garrafa de vinho e os copos vazios, testemunhas silenciosas de um final de noite imprevisto. Enquanto a ouvia na cozinha, inspeccionou os livros que se acumulavam nas prateleiras das estantes que ocupavam grande parte das paredes. Já reparara neles na noite anterior, quando entrara pela primeira vez na sala, disciplinadamente ordenados por nome de autor: uma miríade de títulos, muitos deles na língua original, atestando os hábitos de leitura de Marta. Um deles, no entanto, encontrava-se fora de ordem, colocado sobre um suporte que ela lhe dissera ser uma réplica daqueles que os monges beneditinos usavam no século XIV. «Gonzalo Torrente Ballester.» lera Jack, e perguntara: «Espanhol?» «Galego.» respondera Marta. «É diferente?» «Eu acho que sim.» declarara ela, e

acrescentara: «Link, um botânico alemão que visitou Portugal no século XVIII, escreveu que os portugueses eram sóbrios por necessidade e os galegos por natureza.» «Estava a compará-los convosco, não com os outros espanhóis.» pensara Jack, mas não o dissera, limitando-se a apreciar o vinho tinto alentejano que ela lhe oferecera. Ao lado de uma das estantes, num pequeno intervalo de parede livre, havia um quadro que escapara à sua observação; uma reprodução de "La Mariée" de Marc Chagall. Foi-lhe impossível deixar de pensar em Sarah, com o estúdio caótico, semeado de livros e telas, reflectindo a desordem da sua vida. O caos que precede a ordem, talvez.

Marta regressou à sala, trazendo uma bandeja, que colocou sobre a mesa, onde também se encontrava o computador portátil, e esticou uma das abas para lhes proporcionar mais espaço.

«Espero que aprove o meu café...»

Jack garantiu que estava ótimo, antes mesmo de o ter provado. Sentaram-se e começaram a comer.

«Tive de descongelar o pão, espero que não esteja horrível. O microondas e eu temos alguns conflitos.»

Uma vez mais, Jack assegurou que estava tudo excelente. Não entendia por que se sentiria ela insegura, quando fora ele a comportar-se de uma forma menos aceitável. Era, pelo menos, assim que via as coisas. Talvez a perspectiva dela fosse diferente. Talvez pensasse que, de alguma forma, fora ela quem provocara a situação.

«Ontem...» começou Jack.

«Não precisamos de falar sobre isso.» interrompeu Marta, mas ele não desistiu.

«O que eu quero dizer é que... O vinho e eu... Digamos que, por vezes, também temos os nossos conflitos.»

Não mentia. Não completamente. Ela sorriu, o sorriso que fizera com que Jack tivesse ficado contente por vê-la surgir por trás do empregado na esplanada do hotel da Praia Grande.

«Estou muito contente por ter ficado aqui esta noite.» afirmou Marta, e ele questionou-se se o adjectivo esconderia também surpresa.

Correspondeu ao sorriso dela e elogiou o apartamento.

«Ele levou grande parte dos móveis, eu fiquei com a vista.»

«Acho que fez melhor negócio. A vista é realmente agradável.»

«Daqui a pouco, vou ter de fechar as portadas, por causa do calor. Devia comprar um aparelho de ar condicionado, mas ainda não consegui habituar-me à ideia de ter uma daquelas caixas inestéticas na janela...»

«Tenho de passar pelo hotel, para mudar de roupa.» informou Jack, em parte, para evitar a pergunta que ela acabou por fazer:

«Tem planos para hoje?»

«Para já, só mesmo passar pelo hotel...»

«Eu levo-o.» propôs de imediato Marta. «Depois, se quiser, podemos almoçar juntos. Estou de férias... Podia mostrar-lhe a cidade. Não toda...» Riu. «E só se quiser, claro...»

Não havia, portanto, fuga; ou talvez houvesse e Jack simplesmente não soubesse se queria optar por ela.

«Provavelmente, também terei de fazer alguns telefonemas, mas parece-me uma ótima ideia.» ouviu-se dizer, para aparente satisfação de Marta.

18.

Na recepção do hotel, aguardavam-no várias mensagens de Todd Carver, na última das quais se lia simplesmente: «Arranje um telemóvel.»

«Sabe onde posso comprar um telemóvel?» perguntou a Marta.

Ela disse-lhe que o Fórum Picoas ficava do outro lado da avenida, como se isso significasse alguma coisa para ele. Acabou por lhe explicar que se referia ao monstro laranja que ocupava quase um quarteirão: um edifício de um dos operadores de telecomunicações nacionais, onde poderia facilmente comprar um telemóvel. Agradeceu e combinou encontrar-se com ela na cafetaria desse fórum assim que fosse possível. Ainda no elevador, olhou para o relógio que continuava com a hora de Nova Iorque e decidiu tirar o velho Carver do sono dos justos, se é que isso se poderia dizer da forma de dormir de um homem como aquele. Marcou o número logo que chegou ao quarto, sentou-se na cama por desfazer e aguardou que ele atendesse.

«Jack, meu rapaz!» exclamou Todd Carver, no momento em que percebeu com quem falava. «Não me diga que já o encontrou?!»

«Não. Ainda não... Mas almocei com o professor.»

«Que histórias é que esse crápula lhe contou?» interrompeu o pai de Michael.

«Deu-me a morada de uma rapariga com quem o Michael viveu...»

«Eu sei da rapariga, Jack!» voltou a interromper Todd Carver. «Acha mesmo que, se o Michael ainda estivesse com ela, eu lhe teria pedido para ir a Lisboa? A rapariga não interessa, Jack. Concentre-se no velho Nigel Haslam. É ele quem sabe onde está o Michael. Tenho a certeza que lhe anda a dar dinheiro. De outra maneira, como é que ele podia estar na Europa sem usar os cartões de crédito, nem mexer no seu *trust fund*?»

Recordando as palavras do professor, Jack esteve tentado a perguntar se não seria Mrs Carver quem estaria a financiar as férias prolongadas do filho, mas, por qualquer motivo ainda não completamente consciente, conteve-se.

«Vou tentar entrar novamente em contacto com o professor.» declarou.

«Faça isso.» ordenou Mr Carver. «Já tem telemóvel?»

«Vou comprá-lo ainda hoje.» respondeu Jack.

«Ótimo! Ótimo! Telefone depois, para me dar o número.» e desligou em seguida, deixando Jack a olhar para o telefone subitamente silencioso, tentando organizar as palavras do velho Carver.

Ele tinha conhecimento da existência de Catarina Mascarenhas e do seu envolvimento com Michael. Saberia também que ela tentara suicidar-se quando ele desaparecera? Era provável. Por algum motivo, isso parecera não lhe interessar. Uma vez mais, lembrou as perguntas do professor: «Por que foi que o meu meio-irmão o escolheu? Se nem sequer é um profissional...» Todd Carver enviara obviamente profissionais para vigiar o filho. Estaria a partilhar com algum deles a missão de encontrar Michael? Tentou perceber se o tom da voz do velho Carver denotara alguma surpresa perante as informações que ele lhe fornecera. Não conseguiu chegar a uma conclusão. Talvez os profissionais tivessem falhado, ou simplesmente Todd Carver não quisesse utilizar os serviços deles. De novo, a voz de

Nigel Haslam surgiu na sua cabeça: «Porquê você, Jack?» Enfiou-se no duche, mas a pergunta perseguiu-o mesmo debaixo de água.

19.

Escolheu o mais caro telemóvel que encontrou na loja, para contentamento do funcionário que o atendeu e correndo o risco de Marta começar a considerá-lo um típico novo-rico americano. Afinal, o dinheiro continuava a ser do velho Carver... Deixaram o edifício, voltaram a atravessar a avenida e Jack seguiu Marta na direcção de um centro comercial a poucos metros dali, no meio do qual um inesperado jardim com lago abrigava as esplanadas de vários restaurantes. Decidiram-se por uma das casas especializadas em bifés — na verdade, a decisão foi de Marta — e sentaram-se, rodeados por vários outros clientes, que certamente trabalhavam em empresas próximas e pareciam acorrer àquele local para desfrutarem a pausa para o almoço numa atmosfera menos urbana. Apesar do ambiente aparentemente descontraído, o serviço era rápido e não demorou muito até que Jack pudesse experimentar o bife com molho de Roquefort que pedira. Elogiou a escolha de Marta — protegidos pela sombra do edifício e pelo enorme toldo do restaurante, nem o calor parecia tão intenso — e ela agradeceu com um dos seus melhores sorrisos, mas nem esse conseguiu evitar que ele tivesse dificuldade em permanecer atento à conversa. Pensava nas palavras de Todd Carver e, sobretudo, nas questões que gostaria de colocar ao professor Nigel Haslam. O telemóvel era ainda inútil; necessitava de colocá-lo a carregar. Talvez pudesse perguntar a Marta se ela, ou a família, tinham tido algum contacto com o pai de Michael, mas não lhe apetecia abordar de novo a história de Catarina e da sua provável depressão.

«Não está completamente aqui.» observou inevitavelmente Marta.

Jack desculpou-se e admitiu apenas que estava a pensar telefonar ao professor. Ela disponibilizou de imediato o seu próprio telemóvel e não aceitou as reticências de Jack em utilizá-lo. Viu-se obrigado a retirar da carteira o número de telefone de Nigel Haslam e a marcá-lo no telemóvel que Marta colocara na sua frente. Na presença de Marta, a conversa teria de ser apenas uma tentativa para conseguir encontrar-se a sós com ele e, após um breve cumprimento, achou por bem informá-lo que estava a almoçar com ela.

«Deveras? Sempre pensei que iriam dar-se bem.»

Não conseguiu decidir se o tom era irónico ou puramente paternalista.

«Gostaria de me encontrar novamente consigo, professor.»

«Deixe-me adivinhar: estive a conversar com o irmão Carver e ele insistiu que se mantivesse nos meus calcanhares.»

«Não foi exactamente assim...»

«Claro que não. Perguntou-lhe por que motivo está em Lisboa?»

«Não. Pensei que pudesse ajudar-me a obter uma resposta.»

«Pensou... Pensar é sempre um bom sinal, do ponto de vista cartesiano, claro.»

Seguiu-se um pequeno silêncio, no final do qual o professor perguntou:
«Onde é que está?»

«Num centro comercial, perto de um edifício que se chama Fórum Picoas.»

«Não é muito longe de onde vivo.» informou o professor. «Agora, tenho de sair, mas posso encontrar-me consigo dentro de uma hora. Peça à Marta para o deixar à porta do prédio, ela sabe onde fica.»

Jack agradeceu.

«Não me agradeça, pode ser prematuro.» avisou, desligando o telefone.

Marta observava-o com uma expressão inquiridora.

«Fica muito aborrecida se deixarmos a visita guiada para amanhã?» perguntou Jack. «O professor concordou em receber-me esta tarde e eu preciso realmente de falar com ele.»

«É alguma coisa sobre o Michael?»

Percebeu que a pergunta surgira involuntariamente.

«Infelizmente, não.» respondeu, sem saber se realmente mentia. «São outros assuntos...»

«Desculpe, não tive intenção de me intrometer.»

«Eu é que peço desculpa por estar a mudar os nossos planos, assim, de repente.»

«Não tem importância.» garantiu Marta e acendeu um cigarro. «Aproveito para passar por Colares. Quando fica sozinha com os meus pais, a Catarina...»

Não continuou. Retirou um cartão da carteira e entregou-lho.

«Está aí o meu número de telemóvel.»

Jack agradeceu, especialmente o facto de ela não se mostrar demasiadamente decepcionada com a súbita mudança de planos.

«Telefone-lhe hoje à noite.» prometeu.

Continuaram a refeição, mas, a partir daquele momento, foi Jack quem teve de manter acesa a conversa. «Onde é que vamos amanhã? O que é que considera mais importante que eu veja? A cidade mudou muito desde a última vez que aqui estive...» Marta respondeu sempre, mas sem o entusiasmo que demonstrara anteriormente. Terminaram o almoço e abandonaram o centro comercial. Jack acompanhou-a até ao lugar onde o carro ficara estacionado e preparava-se para se despedir, quando ela lhe disse:

«Entre, eu levo-o a casa do professor.»

Pensou recusar, perguntar-lhe o endereço e apanhar um táxi, mas temeu que ela tomasse a sua atitude por algo que realmente não era — não, naquele momento — e aceitou. O percurso foi breve. Nigel Haslam não exagerara quando dissera que vivia próximo. Desceu do carro, agradeceu a Marta e prometeu-lhe novamente um telefonema no início da noite. Só quando viu desaparecer o pequeno automóvel vermelho no final da rua, se lembrou que não trazia consigo o livro que Catarina lhe dera.

20.

O apartamento de Nigel Haslam era uma velha casa a precisar de algumas obras, com divisões que, em tempos, certamente teriam albergado uma numerosa família. Agora, livros e quadros tinham tomado o lugar das pessoas.

«Alguns dos meus alunos teimam em oferecer-me os seus trabalhos.» comentou o professor, justificando o elevado número de telas que se encontravam por pendurar ao longo do corredor que atravessava a casa.

Acabaram por entrar numa sala espaçosa onde o professor guardava os seus tesouros. Ali, não havia quadros por pendurar; tinham sido

todos cuidadosamente emoldurados e identificados com pequenas placas douradas, e os nomes que ostentavam eram portugueses. José Malhoa, Sousa Pinto, Veloso Salgado, Abel Salazar, Eduardo Viana, Aurélia de Sousa, Carlos Reis e Alfredo Keil adornavam as paredes e, para além das telas, também o mobiliário e os objectos decorativos relembavam parte do passado de um país: um contador indo-português, duas mesas em pau-santo, taças de porcelana da China, imagens religiosas em madeira policromada e uma arca japonesa em laca com embutidos de madrepérola — tudo o que se encontrava na sala testemunhava os gostos do professor, mas também o seu poder económico, que Jack, sem saber bem porquê, imaginara reduzido. Apenas a escrivaninha e duas das poltronas eram decididamente vitorianas e foi numa delas que Nigel Haslam o convidou a sentar-se.

«Importa-se que coloque o meu telemóvel a carregar?» perguntou ele, antes de aceitar o convite, olhando em volta na tentativa de encontrar uma tomada.

O professor afastou a cadeira de pau-santo que servia a escrivaninha e deixou à vista aquilo que ele procurava.

«Prometi telefonar a uma pessoa...» justificou, um pouco incomodado por colocar naquela sala algo tão fora do seu contexto.

«Prometeu telefonar à Marta. Claro que pode colocar o telemóvel a carregar.»

«Por que é que diz que foi à Marta que prometi telefonar?»

O professor sorriu, como se Jack acabasse de lhe colocar uma questão sem sentido.

«Passou a noite em casa dela, é normal que lhe telefone.»

«Como sabe que passei a noite em casa dela?» voltou a questionar Jack.

«Não estava no seu hotel ontem à noite, nem hoje de manhã, e almoçou com ela... Não é necessário ser Sherlock Holmes para desvendar esse mistério, meu caro amigo.»

«No hotel, não me disseram que tinha telefonado...» retorquiu Jack.

«Algo que aprendi há muito tempo: quando telefonamos para um hotel e não deixamos o nosso nome, é pouco provável que a pessoa por quem perguntámos venha a ouvir o rececionista dizer-lhe que lhe

telefonou alguém, mas que não deixou o nome. Demonstra incompetência; uma coisa que os profissionais do ramo hoteleiro gostam muito pouco de admitir.»

«E telefonou-me, porque...?»

«Lembrei-me de uma coisa que talvez lhe interessasse saber...»

Depois, sem dar tempo para que Jack fizesse a pergunta óbvia:

«Como é que correu a sua visita a Colares? Sem entrar em pormenores no que diz respeito à Marta, claro...»

Jack retirou o telemóvel e o carregador da caixa, juntou-os e introduziu a ficha na tomada, deixando o aparelho sobre a cadeira. Depois, sentou-se finalmente na poltrona, no par da qual já se encontrava Nigel Haslam, e resumiu: «Quase fui expulso pelos pais dela.»

«Bem, é normal que os pais não tenham grande tolerância para com os amigos de quem eles julgam que provocou a tentativa de suicídio da filha. Não podiam estar mais enganados.»

«Vi a Catarina.» revelou, então, Jack.

«Viu?» Pela primeira vez, o olhar do professor reflectiu surpresa.

«Apanhou-me no jardim, quando ia a sair. Não disse nada. Limitou-se a entregar-me um livro.»

«Um livro... De Jorge Luís Borges?» quis saber o professor.

«Exactamente... Como é que...? Acho que o deixei em casa da Marta.»

Nigel Haslam abanou a cabeça.

«Não tem importância onde deixou o livro, ou talvez tenha, mas não para esta história... Julgo saber de que livro se trata.»

«O que acha que ela me queria dizer com aquilo?»

«Tenho as minhas suspeitas,» admitiu o professor, «mas parece-me que, brevemente, teremos uma confirmação.»

«Suspeitas?»

«Que tipo de relação mantém com Todd Carver?» perguntou então Nigel Haslam, sem responder à questão que Jack tentara colocar-lhe. «Carver, que nome mais apropriado, não lhe parece? Sabe que os Carver chegaram no Mayflower? Claro que sabe, estudou História na universidade. Foi lá que conheceu o Michael, não foi?»

«Fomos companheiros de quarto.» explicou Jack.

«Sim, é verdade: companheiros de quarto. Como foi ser companheiro de quarto do Michael?»

«Movimentado.»

«Acredito. Mas não foi só companheiro de quarto, não é assim?»

Jack franziu as sobrancelhas.

«O que quer dizer com isso?»

«Quero dizer que também passou férias com a família, não é verdade? Todos aqueles Verões com os Carver...»

«Passei realmente algumas férias na casa de Verão dos pais do Michael.» admitiu ele.

«E o Todd, era um bom anfitrião?»

«Era simpático, sim. Um pouco agressivo com o Michael...»

«Isso incomodava-o?»

«Era um bocado constrangedor, sim... Mas ele tentava ser simpático comigo, sim.»

«Sabe que ele teve um filho a quem pôs o seu nome?»

«Sei.» confirmou Jack. «Robert e Jack, os irmãos mais novos do Michael. Morreram os dois antes de atingirem cinco anos de idade. Mr Carver mantém fotografias de ambos no seu escritório, ainda hoje.»

«Sim, é compreensível... Morreram ambos devido a uma qualquer malformação congénita... Aparentemente, o Jack iria resistir, mas também acabou por... É qualquer coisa genética. O Michael parece ter sobrevivido miraculosamente... Sabia que o pai do Todd teve sete filhos e que apenas ele sobreviveu?»

«Não, não sabia. A genética é um pouco como uma roleta...»

«É, não é?»

Havia algo de irônico naquele comentário, que Jack não conseguia perceber.

«O Todd era simpático consigo... E manteve-se sempre assim?»

«Não.» confessou Jack.

«Não? O que é que você lhe fez, Jack, para acabar com toda aquela simpatia?»

«Recusei trabalhar para ele.»

«Recusou trabalhar para ele.» repetiu Nigel Haslam, abrindo os olhos numa expressão de falso espanto. «Isso não me parece ter sido muito sensato da sua parte.»

«Eu não quis seguir Direito; não queria passar o resto da minha vida a defender o indefensável.»

«É um romântico, Jack!» exclamou o professor, rindo. «Recusou o conforto da Carver e Associados, para... O que é que faz agora, Jack?»

Sabia o que ele queria que respondesse, mas disse apenas: «Ensino inglês.»

O professor fez o seu habitual sorriso Cheshire e continuou: «De qualquer forma, não foi uma atitude muito sensata, pois não? Ganhou um inimigo poderoso.»

«Ganhei um inimigo? Nunca vi as coisas desse modo.»

«Claro que não. É esse tipo de pensamento que faz de si um romântico, Jack. Percebi isso quando me contou aquela história sobre o seu pai... Um romântico perdido, talvez; mas, ainda assim, um romântico. O Todd também percebeu isso, claro. De outra forma, não teria... Por que é que aceitou o pedido daquele idiota?»

Jack pensou durante algum tempo, antes de responder: «Não sei. Honestamente, não sei. Talvez...»

«Talvez...?»

«Talvez quisesse fugir, por um tempo.»

«Da rotina, presumo.»

«Sim, da rotina. Podemos dizer que foi isso.»

«E o velho Todd disponibilizou-se para lhe financiar uma escapadela à Europa.»

«Também fiquei preocupado com o Michael.» esclareceu, Jack.

«Claro que sim... Mas não muito, certamente. Afinal, não é a primeira vez que ele desaparece, pois não?»

Jack confirmou com um aceno de cabeça.

«E depois, estamos a falar de um adulto e não de uma criança que se perdeu no parque... De qualquer forma, não lhe passou pela cabeça perguntar-lhe por que diabos não pedia às autoridades portuguesas para encontrarem o Michael?»

Foi a vez de Jack sorrir.

«Não. Presumi que ele não estivesse interessado em escândalos...»

«Sim, foi uma dedução lógica. Escândalos não são o prato favorito do irmão Carver... Acho que preciso de uma bebida. E você, Jack, aceita um whiskey? Comprei whiskey irlandês a pensar no seu lado O'Maley...»

«Comprou whiskey a pensar em mim? Esperava que eu viesse visitá-lo?»

«Esperar? Não. Tinha a certeza. É um pouco como a história que o impressionou tanto, Jack: na vida, há algumas coisas que são inevitáveis.»

O professor abandonou a sala, para regressar pouco depois, com uma garrafa e dois copos, que pousou sobre um tabuleiro que se encontrava no tampo da arca japonesa. Serviu duas generosas doses de whiskey irlandês e entregou uma delas a Jack.

«Uma amiga disse-me, certa vez, que a maioria das pessoas só bebe scotch, porque nunca provou whiskey irlandês.» comentou Nigel Haslam, acrescentando: «Tendo a concordar com ela... E você, Jack, escocês ou irlandês?»

Jack levantou-se sem provar a bebida e olhou para o professor com uma expressão de incredulidade.

«A Sarah costumava dizer essa frase sobre o whiskey...»

«Sim? E quem é essa Sarah?» perguntou Nigel Haslam.

«A minha mulher.» respondeu Jack.

«A sua mulher é irlandesa?»

«Não. Inglesa. Bem... Tem nacionalidade inglesa.»

O gato de Cheshire reapareceu na sala, ou, pelo menos, o seu sorriso.

«Recorda-se de lhe ter dito que, na próxima vez em que estivéssemos juntos, gostaria de ouvir uma história original? Bom, talvez não exactamente original, mas...»

«Não entendo.»

«Não entende? Você é um escritor, Jack. O Michael disse-me que era...»

«Fracasso editorial, seria o termo mais correcto.»

«Acha que é o sucesso editorial que define se alguém é, ou não, escritor? Isso parece-me muito americano da sua parte... Onde está o seu romantismo, Jack?»

Não respondeu. Limitou-se a beber uma boa dose do whiskey que se encontrava ainda intocado no seu copo, sem se sentar.

«De qualquer forma, eu vou ajudá-lo...»

«Ajudar-me?»

«Vou dar-lhe a primeira frase da história. A primeira frase de uma história é muito importante, não é verdade, Jack? Pode determinar se o leitor continua a ler, ou se abandona de imediato o livro. Não concorda comigo?»

«Por vezes, talvez seja assim...»

Nigel Haslam voltou a pegar na garrafa, encheu o seu copo, que se encontrava já vazio, e, sem olhar para Jack, começou a falar:

«Era uma vez um homem que, depois de alguns anos a ensinar imbecis para pagar as contas, conseguiu que uma editora se interessasse por um dos seus manuscritos...»

De imediato, Jack soube qual a história que ele pretendia ouvir.

«A Sarah esteve aqui, não esteve?»

A pergunta era quase uma afirmação.

«Por favor, Jack. Eu sou um velho. Os velhos costumam gostar que se lhes faça as vontades. Portanto...»

Fez um gesto que incitava Jack a continuar a história. O jogo era aquele e Jack percebeu que não poderia fugir-lhe. Sentou-se na poltrona e bebeu o resto do whiskey. Respirou fundo.

«A história não começa exactamente assim.» argumentou.

«Não?»

«Não. Isso poderia ser o prólogo. A história começa no dia em que o homem regressa de uma reunião com a directora editorial da casa que acabara de publicar o seu livro...»

«Uma reunião de trabalho?» perguntou, de forma insidiosa, Nigel Haslam.

«Não. Nem sequer fora exactamente uma reunião. O homem envolvera-se com essa mulher...»

«O homem voltava, portanto, de um encontro com a sua amante.» corrigiu o professor.

«Amante? Eu não lhe chamaria isso. Era uma... Distracção? Fuga? Ironia? Nem sei bem o que lhe chamaria. As coisas tinham acontecido sem que ele percebesse exactamente o que se estava a passar e nem sequer estava a correr muito bem. De qualquer forma, ele regressava desse... desse encontro, quando viu a sua mulher. Ela atravessou a rua na sua frente, sem sequer reparar nele, e entrou numa dessas lojas que servem café de mil e uma maneiras.»

«Ele seguiu-a?»

«Imediatamente, não. Era estranho encontrá-la ali, percebe? Tão próximo da casa da... da outra pessoa.»

«Ele pensou que ela tivesse descoberto alguma coisa?»

«Talvez, por segundos... Mas, depois, pensou que ela poderia ter combinado encontrar-se ali com alguém.»

«Foi, então, que resolveu entrar, para verificar se ela estava a fazer-lhe aquilo que ele lhe estava a fazer a ela.» acrescentou o professor.

«De certa forma...» admitiu Jack.

«E estava?»

«Aparentemente, não. Estava a beber café e a ler um livro qualquer. Não parecia estar à espera de outra pessoa. Ele já a vira assim, muitas vezes, alheada de tudo... A ler, ou a pintar. Era nesses momentos que mais a desejava...»

«E, no entanto, esse homem tinha uma amante.» interrompeu Nigel Haslam.

«Não era uma amante...» defendeu Jack.

«Sim, já me disse: era uma ironia. Sinto-me tentado a concordar... O que é que aconteceu depois?»

«O telemóvel dele tocou e ele teve medo que ela o descobrisse ali, a observá-la...»

«Até porque ela iria certamente perguntar-lhe o que fazia naquele local, tão próximo da casa de uma certa pessoa?»

«Também. O resto da tarde passou sem que ele conseguisse esquecer a imagem dela, sentada no café, perdida num mundo ao qual ele não tivera acesso.»

«Isso é muito romântico, Jack.»

«Ele também pensou noutras coisas: decidiu acabar o relacionamento com aquela mulher.»

«Decidiu, portanto, retirar a ironia da vida. É algo impossível, não lhe parece, Jack?»

«Naquele momento, ele ainda não o sabia.» comentou Jack, tristemente.

«Estou a perceber. E essa outra mulher, a amante, aceitou bem que ele não quisesse voltar a encontrar-se com ela?»

«Não foi uma coisa que ele lhe dissesse no exacto momento em que tomou a decisão.» O professor franziu o rosto numa expressão jocosa. Jack ignorou-a e continuou. «Mas combinou encontrar-se com ela depois do jantar. Não queria passar mais uma noite com aquele assunto por resolver. Jantou com a mulher num restaurante de que ela gostava bastante e falou-lhe dos planos que tinha para o futuro de ambos. Chegou a propor-lhe terem um filho.»

«E ela? Concordou?»

Jack levou algum tempo até responder.

«Não concordou, nem discordou. Limitou-se a ouvir atentamente.»

O professor ofereceu-lhe a garrafa e Jack deitou whiskey até encher meio copo. Bebeu um trago, antes de continuar.

«Depois do jantar, deixou-a em casa, com a desculpa de ter de falar com um jornalista por causa do livro, e foi encontrar-se com...»

«... a amante.» completou o professor.

«Encontraram-se num bar próximo de casa dela.»

«A velha história do local público para evitar um escândalo? Sinceramente, esperava algo um pouco mais original, considerando que se tratava de um escritor e da responsável por uma editora, ambos a conviverem diariamente com arte...»

«Woody Allen disse uma vez que a vida não imita a arte; imita televisão de má qualidade.»

Nigel Haslam riu.

«Estará provavelmente certo... Como correu o encontro?»

«Mal. Ela resolveu iniciar as hostilidades com uma bomba: informou-o que estava grávida.»

«Interessante, não acha? Afinal, ele parecia querer um filho.»

«Mas não com ela!» exclamou Jack. «Ele nunca pensou em ter um filho com ela.» acrescentou, num tom mais calmo.

«A vida está cheia de surpresas.» comentou o professor, de uma forma que parecia aplicar-se a algo para além da história de Jack. «Foi isso que ele disse à amante, que nunca pensara ter um filho com ela?»

«Não exactamente com essas palavras, mas... Na verdade, começara a sentir uma enorme vontade de voltar para casa. Acabar aquela conversa e regressar a casa. Esquecer que tudo aquilo se passara.»

«Isso parece-me complicado. Não disse que a amante detinha um cargo importante na editora que estava disposta a publicar o trabalho desse homem?»

«Disse, mas ele não pensou nisso naquele momento. Queria apenas acabar com aquilo e regressar a casa. Foi o que fez; deixou-a sozinha no bar e correu para o metro, mas quando chegou a casa...»

«Ela, a mulher, já lá não estava.» completou o professor.

«Ela já lá não estava.» repetiu Jack. «Tinha levado as roupas e as poucas coisas que trouxera de Londres. Deixara apenas um livro, como se fosse uma mensagem. Um livro que ela quisera que ele... Um livro que ela quisera que eu lesse...»

Parou de falar e Nigel Haslam perguntou: «Um livro de Jorge Luís Borges?»

Jack levantou-se como se tivesse sido impulsionado por uma catapulta.

«Sim! Um livro de Jorge Luís Borges... Foi por isso que a Catarina Mascarenhas me deu aquele livro? Ela era a mulher naquela noite, na exposição da amiga da Marta... A mulher que estava com o Michael.»

«Ela não estava com o Michael.» corrigiu o professor. «Estava comigo.»

Jack encarou o velho professor, de aspecto apenas aparentemente frágil, que o fitava com o olhar de um azul quase cinzento. Não sabia o que lhe apetecia fazer, ou dizer. Apenas lhe ocorreu uma pergunta que não conseguiu articular.

«Mas o irmão Carver julgava que ela estivesse com o Michael, claro.» acabou por dizer Nigel Haslam, quebrando o silêncio. «Acho que, de outra forma, não lhe teria pedido para vir até Lisboa.»

«Foi por isso que ele me pediu para...? É por isso que eu estou aqui?»

«Para saber que o seu casamento acabou com a ajuda do Michael? É indiferente, porque não corresponde à verdade. Você sabe disso. Ela estava apenas de passagem... Acho que sempre soube disso.»

Jack ignorou a questão que a última frase continha.

«Sabe onde ele está, não sabe?»

«Ele, ou ela? Exactamente, o que quer saber neste momento?»

«Não sei bem... Acho que quero saber por que raio estou aqui.»

O professor sorriu.

«Suspeito que esteja aqui, porque, um dia, teve a audácia de recusar uma ordem de Todd Carver.»

«O pai de Michael nunca me deu ordens.» argumentou Jack, sem grande convicção.

«O pai de Michael nunca lhe... Achou que o convite que recebeu era o quê?»

«O convite para ir trabalhar com ele? Por amor de Deus! Ele já nem se deve lembrar que alguma vez me convidou para ir trabalhar com ele.»

«Pelo contrário, meu caro Jack.» declarou o professor. «Os Carver não estão habituados a serem contrariados e, por isso mesmo, sentem muita dificuldade em esquecer aqueles que têm a ousadia de o fazer.»

«Ousadia?»

«Não considera uma ousadia, recusar um convite de Todd Carver? Especialmente, alguém como o Jack...»

«Alguém como eu? O que quer dizer com isso?»

«Quero dizer que os Carver chegaram no Mayflower para se transformarem na aristocracia de um novo mundo e que os seus avós foram para os Estados Unidos para escapar à miséria, o que faz de si...»

«Um miserável neto de emigrantes.» completou Jack. «É isso?»

«Pensou mesmo que ele iria esquecer a sua atitude?»

Jack abanou a cabeça.

«Continuo sem entender o que pensa que ele fez para...»

O professor verificou que o seu copo se encontrava de novo vazio e serviu-se de mais whiskey antes de responder.

«Talvez devesse perguntar o que é que ele não fez...»

«Isso quer dizer o quê? O velho Carver perseguiu-me a vida toda?»

«Digamos que houve alguém por trás do seu fracasso editorial, não foi assim que definiu a sua única experiência como autor publicado?»

«Isso é disparate!»

«Disparate... Escreve assim tão mal? E mesmo que escrevesse, quantos iletrados são publicados quase diariamente? Não achava estranho que nenhuma editora lhe tocasse?»

«Por favor! Tem ideia de quantos escritores são rejeitados, quase diariamente?»

«E o súbito aparecimento de uma editora interessada em publicar o seu livro?»

«Isso também foi obra do Todd Carver? Então, o velho queria ajudar-me.»

«Não. O velho nunca quis ajudá-lo. Foi o Michael quem moveu alguma influência para que um dos seus manuscritos fosse aceite. Ele tinha conhecido muito bem uma certa Gwen Hart. Julgo que o nome lhe seja familiar...»

Jack não respondeu.

«O Michael convenceu-a a publicar o seu livro.»

«O Michael...» repetiu Jack, e acabou com o que restava do segundo whiskey.

«Digamos que subiu na consideração do Michael, depois de ter feito aquilo que ele só há muito pouco tempo conseguiu fazer: virar as costas ao dinheiro dos Carver.»

«Foi para fazer isso que ele precisou de desaparecer?»

«Desaparecer é um termo muito relativo. Mas, voltando ao seu livro, não considerou estranhas algumas críticas? Por aquilo que o Michael me contou, estou certo de que o velho Todd convenceu alguns *simpáticos* críticos a fazerem uns comentários *agradáveis* sobre o seu livro. Nada de escandaloso, claro, porque poderia ter o efeito contrário, mas o suficiente para o ridicularizarem. E essa pobre Gwen também deve ter recebido recados dos proprietários da editora, no sentido de corrigir o erro cometido, aos quais certamente obedeceu, independentemente de estar, ou não, envolvida consigo.»

«Tem aí uma bela teoria de conspiração.» escarneceu Jack.

«É livre de acreditar no que quiser, claro, mas, para o Todd, você é um insecto e, convenhamos, nenhum animal consegue irritar-nos mais... Às vezes, a irritação é tal, que somos levados a correr riscos que, noutras circunstâncias, pura e simplesmente não correríamos. Um pouco como o condutor que vai contra um muro, apenas por querer esmagar a mosca que entrou no carro.»

Um telefone começou a tocar no outro extremo da casa e impediu Jack de perguntar que riscos eram esses que Todd Carver estivera disposto a correr. O professor levantou-se, pediu licença e abandonou a sala. A campainha deixou de se ouvir pouco tempo depois, mas a distância não possibilitou perceber qualquer fragmento da conversa. Nigel Haslam regressou, alguns minutos depois.

«Era a Marta Mascarenhas.»

Jack pousou o copo e consultou o relógio. Considerou que era ainda bastante cedo para que Marta estivesse já a cobrar o telefonema prometido. O professor percebeu as suas dúvidas.

«Não, ela não telefonou para saber de si. As coisas estão bastante complicadas em Colares, neste momento...»

«A Catarina tentou...?»

Um gesto do professor impediu-o de continuar.

«A Marta telefonou para me dizer que a Catarina desapareceu.»

Jack soltou uma exclamação de espanto.

«Estava a falar do carro, por isso, deve aparecer aqui dentro de pouco tempo.»

«Quando ela chegar, vamos procurar a Catarina? Acha que ela veio para Lisboa?»

Nigel Haslam bebeu o líquido que restava no copo.

«Quando ela chegar, vamos até Espanha.»

Hesitou um momento, antes de dizer: «O Jack pode acompanhar-nos... se encontrar o Michael ainda for importante para si.»

Faltou-nos mistério e drama, uma mentira monstruosa que nos avassalasse a vida. Faltou-nos a irracionalidade dos gritos, que se adivinham por baixo da crueldade dos silêncios

21.

O almoço acaba por ser no Mango Tree, talvez porque Trevor procure o equilíbrio de um ambiente Feng-Shui, mas o facto está longe de te incomodar: gostas de comida tailandesa. Trevor investiga a selecção de vinhos do restaurante, enquanto tu passas os olhos pela lista. Ele decide-se por um Sauvignon e tu pedes galinha *satay*, bolinhos de peixe, salada de marisco e o inevitável caril vermelho de gambas, que Trevor não dispensa. A noite anterior só surge na conversa no momento em que já estás a meio da galinha *satay*, quando ele pousa um dos bolinhos de peixe e te fita como fizera nas escadas, antes de se decidir por um simples aceno de adeus.

«Ontem...» começa, mas tu intervéns de imediato:

«Ontem, eu tinha bebido um bocado.»

Trevor sorri, olhando para os copos onde brilha o Sauvignon que escolheu.

«In vino veritas...»

«Pois... Mas eu bebi vodka, recordas?»

A pergunta destina-se a tentar encerrar o assunto, mas Trevor não parece ter intenção de desistir.

«Ainda assim... Aquilo que me contaste aconteceu e preocupa-te.»

«Preocuparia, sim, se achasses que eu estava a ficar completamente louca.»

«Talvez deva reformular a minha opinião.» brinca Trevor.

«Achas que estou...?»

«Não. Mas tens de admitir que pode ser indício de cansaço. Talvez umas férias, uma viagem...»

«A ideia não é muito original.» comentas, com ironia. «Foi a receita da Hilary.»

Não referes que George também sugeriu uma viagem, embora não exactamente pelos mesmos motivos, ou com a mesma intenção.

«A Hilary, de verdade? Talvez seja mais sensata do que aparenta.»

«Talvez deva incluir uma verba para psicanálise nas comissões dela.»
dizes, com ar provocador.

«Talvez não devas viajar.» retorque Trevor, fingindo-se escandalizado.

«De qualquer forma, agradeço a tua sugestão, mas eu já estava a pensar viajar.» informas.

«Bem, foi o meu conselho inicial. Não vou alterá-lo apenas porque uma idiota fez a mesma sugestão. Onde pensas ir?»

«Portugal.» respondes, ciente do impacto que a afirmação irá causar.

«Portugal?! Sarah...»

«Eu sei aquilo que vi, Trevor.» «Talvez.»

«Independentemente de ter alucinado, ou não, aquilo que vi tem que ter algum significado.»

«E achas que vais encontrá-lo em Portugal?»

«E por que não? É o país onde nasci... E que nunca visitei. Não consideras estranho que nunca tenha visitado a minha terra natal?»
perguntas, recuperando a questão que George te colocara.

Trevor encolhe os ombros.

«Não. É a proximidade do local que te faz dizer isso. Se tivesses nascido na Nova Zelândia, provavelmente considerarias normal chegares aos trinta sem teres conhecido a tua terra natal.»

Ris e ele insiste em saber o motivo.

«Djibuti.»

«O que tem o Djibuti que ver com esta história?»

«Foi o que eu respondi ao George quando ele me disse que achava estranho o facto de eu nunca ter estado em Portugal.»

Percebes que Trevor quer fingir-se aborrecido por resolveres incluir George na vossa conversa, mas também que a ideia de terem usado o

mesmo argumento o diverte demasiado para que realmente se aborreça. Bebe um pouco de vinho e pergunta: «Por que é que não conversas com os teus pais sobre o assunto?»

«Qual assunto?»

«Essa história ridícula de baptismo...»

«Não.»

«Porquê?»

«Talvez por ser isso mesmo: uma história ridícula.»

Um empregado aproxima-se e coloca na mesa o caril e a salada de marisco. Trevor contempla o grande prato onde a tigela de caril se encontra rodeada por salada e por um perfeito semicírculo de arroz e inspira com uma expressão de prazer.

«Em vez de medicamentos anti-depressivos, devia receitar isto aos meus pacientes.»

Concordas e a conversa segue por outro caminho durante alguns minutos, mas Trevor pousa subitamente os talheres e retoma o assunto.

«Se não queres falar com os teus pais sobre esse assunto, por que é que não conversas com a tia Margot? Ela estava com eles em Portugal, quando tu nasceste. Certamente, conheceu esse padre que...»

«Não.»

«Porquê?»

Fazes uma careta e confessas: «Porque ela sempre me olhou como se eu fosse uma espécie de alienígena.»

«Isso é apenas porque tu começaste a pintar muito cedo.»

«Que cómico...» ironizas.

Trevor ri e regressa ao caril.

«Continuo a pensar que podias conversar com ela. Tenho a certeza que gostaria de recordar os bons velhos tempos. Que mal poderia

haver em conversar com ela? Se quiseres, posso perguntar-lhe se nos recebe hoje.»

«Se *nos* recebe?» repetes, com um arquear de sobrancelhas.

«Estás a pensar ir com outra pessoa?» pergunta Trevor, com uma expressão de surpresa.

«Não estou a pensar em ir de todo! Até quando vais continuar a insistir nesse assunto?»

«Até tu aceites o meu conselho, ou até acabar de comer este fantástico caril. O que acontecer primeiro.»

«Já percebi que vai ser um almoço longo.» declaras, com ar falsamente aborrecido. Picas a salada sem conseguires comer. «A verdade é que...»

Ele volta a pousar os talheres e fita-te, incitando-te a continuares.

«A verdade é que, sempre que a vejo, me lembro de Miss Marple.» revelas.

«Miss Marple.» repete Trevor, com ar divertido.

«Némesis, para ser mais exacta.»

22.

Há muito que não pisavas o chão da velha casa jacobina, que o cuidado e o amor pela tradição de gerações da família Darlington preservaram da decadência e dos excessos vitorianos e eduardinos que vitimaram tantas outras. Apesar de apreciares a propriedade, que visitavas com os teus pais e, por vezes, também com Trevor, em datas especiais, sempre te incomodou o ar que nela se respira, talvez por em todo ele se sentir a presença da tia Margot. Ela, Almsteed apenas pelo seu casamento com um coronel do exército, que nunca chegaste a conhecer, aguarda pelos dois na sala cheia de fragmentos de outras épocas, onde passou as tardes durante grande parte dos seus quase oitenta anos, sentada numa das poltronas decoradas com almofadas *Kilim*, que combinam com o tapete persa. Cumprimentam-se de um modo formal, como sempre fizeram, e Trevor descobre uma súbita vontade de rever os jardins, para vos deixar sozinhas.

«Costuma beber café, não é verdade?» pergunta a tia Margot, olhando para o tabuleiro que a velha Barker, quase tão velha quanto

ela, acabara de pousar sobre uma pequena mesa ao seu alcance.
«Infelizmente, é algo que nunca temos em casa.»

«Não tem qualquer importância. Também aprecio chá.» mentes, forçando um sorriso.

«Deveras? Que bom.»

Serve o chá e entrega-te uma chávena.

«Ao telefone, o Trevor disse-me que gostaria de me fazer algumas perguntas. Na verdade, sempre pensei que aparecesse por cá, um dia.»

«Por que é que pensava isso?» questionas, surpreendida.

«É a natureza das coisas, se quisermos chamar-lhe assim.»

«A natureza das coisas?» não resistes perguntar.

«Há certas questões que não podem ser respondidas por aqueles que nos são mais próximos. E nós nunca fomos muito chegadas, não é verdade?»

«Sim, é verdade.» admites. Quase ficas contente por ela ter consciência disso. «Sabe o que quero perguntar-lhe?»

«Exactamente? Não. Claro que não.»

«Mas supunha que, um dia, eu viria perguntar-lhe alguma coisa...»

A velha senhora sorri.

«Minha querida, quando se chega à minha idade, a vida não nos reserva muitas surpresas.»

Achas que é uma afirmação de pura condescendência e resolves colocar a questão que te trouxe ali, sem perderes tempo com quaisquer rodeios:

«Fui baptizada na Igreja Católica?»

Margot Almsteed leva algum tempo até responder. Parece tentar compreender o significado total da pergunta.

«Bem, se o foi, nós não o saberíamos.» diz, finalmente. «Talvez tenha acontecido antes de a terem encontrado...»

«Antes de me terem encontrado?» perguntas, achando que não podes ter ouvido bem.

«Foi encontrada numa igreja.» insiste Margot Almsteed. «Não sabia? É claro que não sabia... De outra forma, por que estaria aqui?»

«Não compreendo.»

Por momentos, acreditas que a velha senhora perdeu a razão e te tomou por outra pessoa, mas ela prossegue o seu discurso com um tom de total confiança.

«Foi encontrada no interior da igreja de um velho mosteiro, próximo da propriedade de um amigo do Steven... Como era mesmo que ele se chamava?» Parece fazer um esforço para recuperar dados há muito arrumados num recanto obscuro da sua memória. «Francisco, visconde de... Visconde de Nogueira. Era esse o nome. Foi um padre que a trouxe. O nome dele era... Não consigo recordar-me neste momento. Alguma coisa romana. Bem, de qualquer forma, nós estávamos a passar uns dias em casa desse amigo do Steven. Eles tinham sido colegas em Cambridge.»

«Tem a certeza do que está a dizer-me, tia Margot?» questionas. «A mãe contou-me coisas que se passaram quando estive grávida... Foi uma gravidez complicada.»

«Sim, a Fiona esteve grávida uma vez. Correu muito mal. Perdeu o bebé. Nunca mais engravidou. Acho que o Steven, sendo médico, sabia que ela não conseguiria voltar a engravidar.»

Pousas a chávena sem teres tocado no chá.

«Importa-se que eu fume?»

«Claro que não. Tive uma prima que fumava horrivelmente...»

Acendes um cigarro e adivinhas uma historia moralizante.

«Morreu afogada. Uma história terrível.»

Segue-se a narrativa de um dia num lago que acabou em desgraça. Este é o momento de sair dali, de considerar que a velhota foi finalmente conquistada pela doença de Alzheimer, e de tentar

esquecer aquele episódio; mas algo parece prender-te ao cadeirão onde te sentaste.

«Estava a falar da minha mãe.» relembras, no final da história trágico-familiar.

«Sim, claro. A Fiona passou muito mal, depois dessa gravidez. Emocionalmente, percebe? A saúde física leva sempre menos tempo a recuperar, digam o que disserem... O Steven achou por bem que fizesse uma viagem.»

«Panaceia universal.» comentas, por te recordar os conselhos que tu própria tens recebido.

«De certa forma, sim. O coronel tinha morrido há pouco mais de dois anos e o Steven convidou-me para os acompanhar. Tinha medo que a Fiona se sentisse sozinha. Comigo, haveria sempre alguém com quem fazer aquelas pequenas coisas que aborrecem os homens e, depois, eu conhecia Florença tão bem como o meu jardim. O coronel e eu passámos lá a nossa lua-de-mel, sabia?»

«Não, não sabia.»

«Voltávamos a Florença todos os anos, nem que fosse para passar apenas quinze dias. Pensei muito, antes de aceitar. Não sabia como seria estar em Florença sem ele.»

«Mas não ficaram em Florença...»

«Não. O Steven teve a ideia de ir conhecer Barcelona. Gaudí, claro. Queria ver a Sagrada Família. Eu não gosto particularmente de Gaudí. Parece-me tudo tão... Desarrumado. É como se nos estivesse a contar os seus sonhos, sem tentar primeiro organizá-los. Um pouco como aquele outro espanhol... Dalí? Acho que um projectou aquilo que o outro veio a pintar... Presumo que goste.»

Terias soltado uma gargalhada se as revelações que ela estava a fazer não tivessem congelado a tua expressão.

«Foi em Gibraltar, na casa de um colega de colégio, que o Steven se lembrou de visitar aquele amigo português. Estávamos tão perto, que seria quase imperdoável não o fazer — segundo o Steven, obviamente. Assim que recebeu a sua resposta, seguimos de barco até uma cidade no norte de Portugal e, daí, para a propriedade do visconde de Nogueira, num carro que ele enviara para nos transportar. Péssimas estradas! Confesso que, por essa altura, teria regressado a Inglaterra de boa vontade. Já viajávamos há meses! Mas o Steven

fazia questão de visitar o amigo e a paisagem não era má. Muito bucólica.»

Apetece-te gritar para que ela diga o que realmente importa, mas Mrs Almsteed não parece ter vontade de abreviar a sua história que, afinal, é de certo modo igualmente a tua.

«A casa também não era má de todo, embora não pudesse comparar-se às magníficas *villae* que encontramos em Itália. Fora certamente um castelo, em tempos, porque mantinha uma torre...»

«Uma torre?» perguntas, como se alguém acabasse de abrir uma porta.

«Sim, suponho que devia ter sido uma antiga torre de menagem. Seja como for, o visconde e a mulher receberam-nos muito bem. Recordo que havia muitos criados... E as mulheres usavam todas lenços garridos na cabeça. A propriedade era muito grande, mas o parque era quase todo ocupado por vinha. Não era exactamente um jardim inglês...»

Algo na tua expressão começa a revelar a impaciência com que ouves o desfiar das suas memórias e ela apressa-se a acrescentar:

«Foi na terceira noite da nossa estada que tudo aconteceu.»

«Exactamente, o que é que aconteceu, tia Margot?»

Chamas-lhe tia, mas já não sabes se deves continuar a usar esse termo.

Margot Almsteed bebe um pouco mais de chá e só depois continua.

«Houve um imenso temporal. Durante o dia, o tempo começara a piorar. Tivemos de cancelar a viagem que havíamos planeado a Santiago de Compostela, em Espanha. A propriedade ficava muito perto da fronteira e o amigo do Steven oferecera-se para nos servir de guia. A mulher parecia também ter vontade de visitar o santuário. Não podíamos ter a certeza: ela era uma mulher um pouco triste, que não falava inglês. De qualquer forma, com aquele tempo horrível, cancelámos a viagem. O visconde estava preocupado... Com as suas uvas, acho eu. À noite, o temporal tornou-se ainda pior. Se a casa não fosse tão sólida, decerto teria voado com aquela tempestade... Foi por isso que ficámos tão surpreendidos quando percebemos que havia alguém a bater à porta. Por momentos, chegámos a pensar que fosse apenas o vento... Depois, uma das criadas veio dizer que era o padre. Acho que foi isso que disse... Como é que ele se chamava? Estou

quase a lembrar-me. Era qualquer coisa que me soava a latim... Vou recordar o nome quando já não estiver a falar sobre isto, tenho a certeza. Bem, a criada deve ter dito que era o padre, porque ele entrou logo a seguir, num estado lastimável. Tão molhado que parecia ter andado a nadar com as roupas vestidas! O visconde tinha-no-lo apresentado no dia da nossa chegada. Ele não falava inglês, mas conseguira dizer duas ou três frases num francês sofrível e foi nessa língua que se dirigiu ao Steven. Pediu-lhe ajuda e foi só então que percebemos que aquilo que apertava contra o peito não era um embrulho qualquer; era uma criança. Um bebé recém-nascido!»

Não consegues evitar a pergunta: «Eu?»

«Precisamente. Bom, naquele momento não sabíamos que seria a Sarah. Era apenas uma criança a morrer de frio. Contou-nos, no seu pobre francês, que a encontrara na igreja de um antigo mosteiro beneditino, a poucas milhas dali. Vira que a criança estava roxa de frio e só se lembrara do Steven, que o visconde lhe apresentara como doutor Townsend, médico. Reunira coragem para atravessar a serra, apesar da tempestade, na esperança de salvar o bebé. O Steven pegou imediatamente em si. Tratou-a como se fosse sua filha: manteve-se acordado até ter a certeza que estava fora de perigo. Penso que decidi ficar consigo desde o primeiro momento em que a vi.»

«E a minha mãe?»

«A Fiona queria filhos. Julgo que também pensou que era a mão da Providência, embora não acredite que já soubesse que nunca mais viria a engravidar.»

«Mas eu sou filha deles!» exclamas, com uma certeza que pretende dissipar as dúvidas que ela acabou de criar. «Fui registada como filha deles.»

Margot Almsteed sorri perante os teus argumentos.

«Acha que isso é algo muito complicado de se fazer? Especialmente com um padre e um representante de uma família local importante... Apenas a viscondessa não parecia muito contente com a ideia. Acho que éramos as únicas a considerar que se estava a cometer uma loucura. Mas foi tudo feito de uma forma discreta. Quando regressámos a Inglaterra, o Steven e a Fiona contaram a versão que sempre conheceu: a gravidez na viagem, o nascimento prematuro em condições pouco normais, o perigo que correu à nascença... Misturaram verdade e fantasia até eles próprios acreditarem que correspondia à realidade. Mas nunca deixou de ser uma mentira.»

«Sim. Uma mentira.» concordas, num tom inexpressivo, e procuras um local onde possas apagar o cigarro.

Margot Almsteed indica-te um cinzeiro em prata, pousado numa mesa a teu lado, no qual certamente ninguém, com excepção do coronel, terá alguma vez apagado um cigarro.

«Pode pensar que é cruel o que acabei de fazer, ou que tenho algum ressentimento contra o Steven e a Fiona, mas não se trata disso. Sempre achei que deveriam ter contado a verdade... Pelo menos, a si.»

Levantas-te. Não consegues ficar mais um momento naquele espaço; precisas de respirar.

«Obrigada pelo chá.»

Não te ocorre dizer mais nada. Pensamentos contraditórios dançam no turbilhão em que se tornou a tua mente.

«Aurelius!» exclama subitamente a velha senhora.

«Perdão?»

«O nome do padre era Aurelius. Bem, não seria exactamente Aurelius... Devia ser o equivalente em português.»

A referência ao padre induz uma imagem no teu cérebro.

«Acha que ainda lá estarão?»

«Quem?»

«A torre, o mosteiro...»

Margot Almsteed olha em volta, para as velhas paredes da sala onde várias gerações de mulheres da sua família desenharam, bordaram, escreveram, conversaram e tomaram chá.

«É bem provável. Os edifícios tendem a sobreviver-nos, não é verdade?»

Agradeces de novo, sem saberes bem o quê, e fazes tenção de sair. Já estás no limiar da porta da sala, quando a voz dela se faz ouvir novamente.

«Espero que consigam ser felizes.»

Páras, viras-te e perguntas, sem perceberes, ou temendo ter entendido completamente:

«Felizes?»

«A Sarah e o Trevor.» responde Margot Almsted. «Espero que consigam ser felizes.»

Sais sem olhar para trás. Trevor espera-te no jardim, em frente da casa. Brinca com a velha cocker spaniel, Kelly, que apesar da idade insiste em trazer-lhe um pequeno ramo de árvore, para que ele o atire. Assim que te vê, acaricia a cabeça da cadela, indicando-lhe que o jogo acabou, e declara: «Vou só despedir-me da tia Margot.»

«Não.» dizes, e ele olha-te, perplexo pelo tom agastado que usaste. «Quero voltar para Londres agora.»

«A tia Margot vai ficar aborrecida.» começa por dizer, mas algo na tua expressão faz desaparecer a sua intenção.

«O que é que aconteceu ali dentro?»

Olhas para ele como se pudesses vê-lo realmente, pela primeira vez. Não respondes. Percebeste que apenas te preocupa aquilo que está ainda por acontecer.

23.

«Onde está o doutor Townsend?»

Nadja aponta na direcção da biblioteca e tu segues para lá sem mais palavras. Ouves Trevor cumprimentar Nadja e perguntar pela tua mãe, mas não a resposta, porque já entraste na sala forrada de livros, onde Steven se refugia quando está em casa. Acreditas na satisfação que aparenta assim que te vê, mas sabes que não irá durar por muito tempo, até porque ele se apercebe rapidamente da tua expressão e questiona:

«Passa-se alguma coisa? Está tudo bem contigo?»

Observas por momentos as duas telas da tua autoria que ocupam um lugar de destaque por trás da secretária, ao lado de um pequeno Renoir, herdado de um tio, com o qual fazem profundo contraste, antes de responderes:

«Sim e não, por essa ordem.»

Ele levanta-se e vem sentar-se na velha poltrona de orelhas onde costuma ler — a biblioteca é o único local da casa que resistiu à fúria renovadora de Mrs Townsend. Há preocupação no seu olhar quando declara: «Ontem, pensei que não estavas bem. Tinha razão.»

Aguarda que te sentes na sua frente e que lhe reveles os motivos da tua aflição, como fazias quando eras criança e regressavas da escola com uma qualquer questão mal resolvida, mas não sabes exactamente o que dizer. Fizeste toda a viagem de regresso em silêncio — tentando colocar alguma ordem na confusão de pensamentos e emoções provocados pelas palavras de Margot Almsteed - e mostrando-te insensível aos inúmeros pedidos de Trevor para que lhe contasses alguma coisa do que se havia passado. Um silêncio que apenas se quebrara para dizes «Kensington» em resposta à habitual pergunta: «Em minha casa, ou na tua?» e Trevor percebera para onde querias ir, apesar de isso apenas agravar a sua vontade de saber o que estava a passar. Não souberas dar uma resposta, como agora também te escapa a forma de começar a conversa. Não sabes se deves gritar o teu ultraje, ou simplesmente questionar: «Porquê?» E isso servirá para alguma coisa? Explicará os teus sonhos, ou a sua súbita ausência? Acendes um cigarro, mesmo sabendo que ele condena o tabagismo como se morasse em Los Angeles.

«Pensei que tivesses deixado de fumar.» afirma, num tom triste.

«Pensei que fosse sua filha.»

Ele abre os olhos numa interrogação que te irrita.

«Não vale a pena fazer esse ar. Conversei com a tia Margot. Bem, eu não devia referir-me a ela usando esse termo. Não corresponde exactamente à verdade, pois não?»

«O que é que ela te contou?» pergunta, então, o doutor Townsend, com o sorriso que usa quando pretende desdramatizar qualquer acontecimento, mas que não consegue mascarar por completo a agitação originada pelas tuas palavras.

«A verdade, presumo.»

«Não existe a *verdade*. Ela limitou-se a contar-te a sua verdade.»

«A qual, suspeito, esteja mais de acordo com os factos.»

Ele cruza as mãos, apertando os dedos, algo que só faz quando está verdadeiramente nervoso.

«O que é que te faz pensar isso?»

«As suas mãos.» respondes e ele separa-as imediatamente, pouasa-as sobre os joelhos, mas volta a cruzá-las quando afirma:

«Sei que deves estar imensamente chocada.»

«É verdade? Fui encontrada numa igreja? Não sou sua filha?»

Ele abana a cabeça.

«Foste encontrada numa igreja, mas és a minha filha.»

«Não sou, não. Não tenho o seu sangue.»

«E isso que importa? És a minha filha. Tudo o resto é irrelevante.»

Ele não sabe, nunca se apercebeu. Levantas-te, esvazias um cinzeiro que serve de porta clips e apagas o cigarro. Ponderas se deves explicar-lhe por que motivo teria sido importante saber que não eras sua filha, há doze anos atrás, mas a tua mãe irrompe na sala, seguida por Trevor.

«Estamos a conversar, Fiona.» afirma Steven, aborrecido com a interrupção.

«Acho que tenho o direito de participar nessa conversa. O Trevor disse-me que estiveram com a tia Margot e que ela... Ela falou com a Sarah.»

Olhas para Trevor, tentando perceber o que o terá levado a comentar isso com ela. Ele apenas faz um esgar que indica ter sido apanhado num jogo cujas regras, por algum motivo, o obrigam a comportar-se de uma forma que lhe desagrade.

«Sim.» confirma Steven. «A tia Margot conversou com a Sarah. Só não entendo o que a terá levado a falar sobre o assunto depois de tantos anos.» acrescenta.

«Não entendes? Não entendes?» grasna Fiona. «Pergunta ao teu irmão! A culpa é dele.»

Ela sabe. Tens a certeza que ela sabe. Viu-te sofrer e nada disse, provavelmente apenas para preservar a sua estúpida versão daquilo que deveria ser a realidade.

«Porquê?» perguntas-lhe. «Se sabia, porque é que não me disse, ou ao Trevor?»

«Não havia nada para contar, Sarah.» declara o teu pai.

Não vale a pena evitar um parentesco do qual ele nunca abdicará. Observas os três pares de olhos azuis que te fitam com um misto de pânico e comiseração e, então, só então, compreendes.

«Tu sabias!»

A acusação é para Trevor. Ele baixa o rosto numa admissão de culpa.

«Todas aquelas... Todo aquele tempo... Eu devia ter percebido.»

Queres gritar, mas há algo na tua garganta que te impede de continuar a falar. Antes que realmente percebas o que fazes, a tua mão atinge a face de Trevor. Depois, foges para a rua.

24.

«Sarah? Está tudo bem?»

Levantas o olhar e encontras Ewan Thomas que te observa com uma expressão preocupada. A mesma expressão preocupada e generosa que te ofereceu no dia em que descobriste que os fantasmas não são filmados por câmaras de vigilância.

«Está tudo bem contigo?» pergunta ele de novo. «Estiveste a chorar?»

Não te recordas de ter chorado, mas ao passares a mão pelo rosto, sentes as lágrimas que ainda escorrem pela face. Também não sabes há quanto tempo estás a andar. Olhas em redor, para tentar reconhecer onde te encontras. Reconheces os jardins de Saint Luke.

«Preciso de uma bebida.» afirmas.

«Queres tomar alguma coisa no The Builders Arms? É já ali...»

«Não!» exclamas e explicas: «Não me apetece ver gente.»

«Não. Claro que não.» concorda Ewan e parece pensar por segundos, antes de dizer: «Eu vivo aqui perto. Quero dizer, vivo com um casal amigo...» Fazes um expressão de repulsa e ele apressa-se a acrescentar: «Mas eles não estão esta semana. Foram visitar a família, em Cardiff. Queres vir tomar qualquer coisa a minha casa?»

Aceitas. Percorrem duas ruas até chegaram à casa que Ewan partilha com o casal de Cardiff. O hall não combina com ele, presume-se que seja o cartão de visita dos amigos, mas a sala para onde entram tem computadores encostados à parede, para além daquele que ocupa uma das mesas que, em tempos, terá sido de jantar.

Ele desculpa-se:

«Os meus amigos têm a mania de os trazer para ver se consigo arranjá-los. A Jane queixa-se todos os dias, mas não é como se eu pudesse pô-los no lixo.»

Sorris, apesar de nada daquilo te interessar verdadeiramente e sentas-te no único sofá da sala, uma coisa enorme forrada a veludo escarlate, já bastante coçado, onde acabas por te afundar.

«Preciso de uma bebida.» voltas a dizer.

«Sim, claro.» Ewan desaparece e regressa, logo em seguida, com uma garrafa quase cheia de whisky e dois copos. Então, pára, com uma expressão um pouco aflita.

«Se calhar, querias dizer café...»

Tiras-lhe a garrafa da mão e bebes, sem esperar pelo copo.

«Não.» informas, logo após o primeiro trago. «Querias dizer uma bebida.»

Ele senta-se no chão, em frente ao sofá onde te afundaste, coloca os copos sobre um dos computadores, aceita a garrafa de volta e bebe também — um gesto que ambos repetem várias vezes, sem trocar uma única palavra. Quando o whisky não é mais do que uma ténue linha antes do fundo de vidro, Ewan arrisca falar.

«O meu irmão e eu apanhámos a nossa primeira bebedeira quando tínhamos sete anos. Bem, ele tinha sete... Eu tinha cinco. Atacámos o armário das bebidas. Não sei onde é que ele encontrou a chave... Não morremos por milagre!»

Ri, bebe a linha que escorre velozmente e coloca a garrafa no chão.

«Acho que tenho o coração partido.» dizes, consciente do nojo que expressões patéticas como aquela te provocam.

«Já passei por isso.» afirma Ewan.

«Não. Literalmente partido. Acho que vou morrer.»

A expressão dele altera-se.

«Queres que te leve para o hospital?»

«Não vale a pena.»

«Não? Estou a ver... Queres falar sobre isso?»

Talvez seja a sua expressão de absoluta e alcoólica bondade, o sotaque galês, que te remete para um outro mundo, onde água e verde se misturam, ou simplesmente o whisky acrescentado ao turbilhão de ideias que varre a tua mente; a verdade é que sentes uma súbita vontade de contar tudo, ordenadamente ou, pelo menos, sem omissões, como se de um livro, ou de um filme, se tratasse. Falas dos sonhos que te levaram a pintar e de Trevor, do homem que te pareceu um padre, na galeria, e que, aparentemente, levou com ele a tua capacidade de sonhar, do Brompton Oratory, de Graham Greene, da história que te contaram sobre o teu nascimento, em que sempre acreditaste, e da verdade descoberta, primeiro, numa velha casa jacobina e, depois, na biblioteca daquela que, durante anos, foi também a tua residência. E voltas a falar de Trevor. Ewan ouve sem fazer outros comentários que não sejam aqueles que se podem deduzir pelo arquear ou franzir das suas sobrancelhas.

Quando finalmente páras de falar, limita-se a repetir uma das tuas frases, como se meditasse:

«Deve haver alguma coisa em Portugal, algo que dê sentido a esta história...»

Não respondes e o silêncio instala-se. Ewan parece observar a parede. Pensas que ele deve estar mais bêbedo do que julgavas. Por fim, emerge da aparente letargia e pergunta:

«E sonhavas tudo aquilo que pintavas?»

Acenas afirmativamente.

«Então, podes dizer-me o que está ali?»

Indica a parede contra a qual se encontra encostado o sofá e, quando te viras, descobres uma tela que pintaste há muito tempo. Não sabias quem a tinha comprado. Nunca imaginaste que pudesse ter sido ele. Sorris tristemente.

«Aquilo... Foi quando ele perdeu a mulher.»

«O senhor da torre?» «Sim.»

«Ele gostava muito dela, acho eu.»

«Sim, muito.»

«Sempre me pareceu que era um quadro triste.» conclui ele.

Ficam novamente em silêncio durante algum tempo. Agora, sabes que Ewan olha para a tela. Observa-a como se nela pudesse confirmar algo pessoal. Depois, diz:

«Um amigo meu talvez possa ajudar-te. Vive em Portugal. É professor de inglês num instituto qualquer... É americano.»

O último dado foi acrescentado como se tivesse alguma relevância para o caso. Ewan apercebe-se do que fez e ri.

«Isto foi estúpido. O que é que interessa que ele seja americano, verdade?»

Acabas por rir também.

«Não sei... É completamente idiota?»

«Não, bolas! Não... É meio irlandês.»

Riem novamente.

«Não era bem isso que eu queria dizer... Ele chama-se Jack.»

Começa a contar-te como se conheceram. Adormeces no sofá de Ewan, embalada pela música de histórias de bebedeira contadas com sotaque galês.

Se pudesse, um dia, regressar a ti, ou mergulhar no esquecimento...

25.

«Fala-me de Berenice.»

O mouro pousou a tigela da qual o conde acabava de beber a infusão que lhe preparara e hesitou.

«Não tive a honra de conhecer vossa mulher, senhor.» lembrou.

«Mas falaram-te certamente dela. Conta-me o que te disseram. Ouvir falar de Berenice faz-me melhor do que as tuas beberagens.»

Muamad sorriu e acedeu. Puxou um escabelo para junto da cama, sentou-se e começou a falar:

«Contaram-me que a encontrastes nas margens do rio que os romanos temeram, durante uma caçada em que vos perdestes de vossos companheiros, e que lhe chamastes Berenice, porque não tinha um nome de seu.»

«Chamei-lhe Berenice, porque me ensinaram que, na língua antiga, queria dizer “aquela que traz a vitória”.» corrigiu Mendo Vasques.

A imagem de Berenice, emergindo nua das águas, sobrepôs-se a todas as outras que teimavam em invadir a sua mente.

«Dizem que a sua beleza estava para além do que o pobre discurso dos homens pode descrever. Falam que os seus cabelos se assemelhavam a ouro e, por vezes, ao fogo do sol quando se ergue pela manhã...»

O conde parecia apaziguado e Muamad continuou:

«Contam que era esposa amantíssima para vós e mãe dedicada para o filho que a vossa primeira mulher vos deu.»

«Amantíssima...» repetiu Mendo Vasques, numa voz que indicava estar já sob o efeito da infusão que o mouro lhe dera e este parou de falar, julgando que o conde fora finalmente conquistado pelo sono.

Manteve-se imóvel durante algum tempo, por temer que um movimento seu pudesse perturbar o descanso do homem a quem devia a vida, mas a voz do conde fez-se ouvir novamente, quase assustando o mouro:

«Quando morreu, foi como se me tivessem arrancado o coração. Ordenei que a sepultassem na capela que o meu pai mandou erigir junto da muralha. Não o devia ter feito. Não é esse o seu lugar.»

«O que quereis dizer, senhor?» perguntou Muamad. «Não é solo sagrado para vós outros?»

«Não é solo sagrado para ela.» respondeu o conde.

26.

A noite fora atormentada por pesadelos. O conde preferia chamar-lhes assim, embora, no fundo da sua alma, soubesse serem mais do que apenas isso. Sentou-se no leito e, se pensara estar sozinho, depressa percebeu que o mouro velara por ele toda a noite, sentado no escabelo, onde agora dormia, com a cabeça pendendo para a frente. Levantou-se lentamente, em parte pela dor que sentia no braço, mas também para não perturbar o merecido descanso de Muamad, enrolou-se num manto de peles e desceu em busca de Ludovico. Encontrou-o onde esperava, velando pelas provisões da Torre. Espantou Ludovico ver o irmão de pé, mas o conde cortou-lhe as palavras de preocupação com um simples: «Vem.»

O irmão seguiu-o até à sala de armas, onde o conde se sentou na cadeira que dominava a grande mesa. Ordenou a Ludovico que se sentasse também e o irmão obedeceu. A velha Berengária, com o privilégio que a idade e os serviços de uma vida lhe proporcionavam, entrou sem pedir licença, e colocou na frente do conde a comida que considerava necessária para um bom *ientaculum*, e afastou-se, resmungando que um homem não podia recuperar apenas com mistelas de infieis. Mendo esteve quase para a repreender, mas o sorriso de Ludovico mudou-lhe as ideias.

«O que farias, se fosses conde?» perguntou, assim que terminaram de comer.

«Senhor...?»

«Ouviste o que te perguntei.»

«Não sou conde, senhor. Por que me fazeis essa pergunta?»

Ludovico parecia não saber compreender os seus intentos e o conde decidiu ser mais claro nos seus pensamentos:

«Não és conde, apenas porque eu nasci primeiro.» afirmou. «Quem poderá dizer que não serias melhor senhor?»

Ludovico abanou a cabeça e pediu-lhe que parasse de falar palavras de desvario.

«Ouve-me.» ordenou o conde e o irmão remeteu-se a um silêncio aflito. «Em breve, serás conde.»

Ludovico pretendeu levantar-se para retorquir, mas Mendo tomou-lhe um braço e impediu-o de o fazer.

«Ouve-me até ao fim.» voltou a ordenar. «Poderás enviar Frei Pelágio a Ordonho com uma proposta de casamento, dizendo-lhe que morri. Por muito grande que seja a sua ira contra nós, ele não se permitirá abatê-la sobre um primo do bispo de Lugo. Ordonho também não recusará uma proposta de casamento que unirá as duas casas sob o domínio de um neto seu. Serás conde, e viverás em paz com os Ouriques como sempre me pediste, mas quero que me prometas isto: tratarás os meus filhos como se fossem teus e, quando crescerem, darás a Eurico as terras do dote de Dona Soeiro.»

«E a Vasco?»

O conde hesitou. A criança era o único espinho na decisão que tomara durante o sono conturbado. Nada mais lhe custava abandonar.

«A Vasco, se Deus não te abençoar com um filho varão, farás conde. Se Vasco não puder ser conde, dar-lhe-ás todas as terras que a vista alcançar do lugar onde encontrei a sua mãe.»

«Não serão muitas...» argumentou Ludovico.

«Serão aquelas que, antes de partir, irei outorgar ao mosteiro que ali mandarás construir.» respondeu o conde. «Um mosteiro, onde Berenice e eu descansaremos em paz, no lugar onde primeiro nos vimos. Promete-me que farás como te ordeno.»

«Farei tudo o que quiserdes, senhor.» prometeu Ludovico, com a voz transtornada pelas intenções do irmão. «Mas por que falais assim? São as vossas feridas? O que vos disse o mouro?»

Mendo Vasques libertou o braço do irmão e encostou-se ao espaldar da cadeira que recebera o pai de ambos e o pai deste, antes dele.

«O mouro nada disse que, em sonhos, não me houvesse já sido revelado.» acabou por afirmar.

27.

A viagem fora longa e, sem os cuidados de Muamad, Mendo Vasques sabia que dificilmente teria sobrevivido. Chegou finalmente ao local que procurava, acompanhado pelo mouro, que prometera servi-lo até ao final dos seus dias. Seguíam-nos criados e um monge que já fora beneditino, de nome Isidoro. O carro de bois, que transportara o sarcófago de Berenice, tivera de ficar a meia légua dali, por culpa do arvoredado que apenas permitia a passagem de cavalo, ou mula, e ainda assim habituados a pisar terrenos íngremes. Seis homens fortes haviam substituído o carro e carregado o sarcófago até ao lugar onde Mendo pretendia que fosse enterrado. Mais homens viriam, em breve, para começar a construção do mosteiro. Depois de ver parte do terreno desbastada e Berenice de novo colocada em solo que Frei Isidoro benzera, Mendo Vasques pediu a Muamad que lhe retirasse as faixas para que pudesse banhar-se livremente. O mouro acedeu, contrariado, e ele dirigiu-se sozinho para o areal que emergia do rio. Mergulhou nessas águas que alguns temiam serem de esquecimento e tudo o que vira e ouvira desapareceu: nem mais imagens, ou sons, ou vozes falando-lhe nas línguas de Babel lhe atormentavam os pensamentos. Nunca, como ali, fora tão feliz, no momento em que Berenice se lhe entregara pela primeira vez. Quando, por fim, a libertara do seu abraço, dissera-lhe: «Quero que vos caseis comigo e que sejais a mãe do meu filho.» Mas ela respondera, rindo: «Gostaria de vos dar também uma filha.» E Mendo, por momentos, imaginara uma criança à imagem de Berenice. Alguém para, quando a velhice chegasse e os espelhos de prata, ou de água, devolvessem uma imagem distorcida dos seus jovens rostos, lhes recordar como haviam sido felizes.

Talvez, muitos séculos após a memória da existência de Mendo Vasques, senhor da Torre, se ter desvanecido por completo, e os seus ossos, juntos aos de Berenice, não passarem já de mero pó, alguém, passeando nas margens do rio que assustou os romanos, olhe para o local onde ambos repousam e, observando a rosácea solitária, julgue imaginar uma outra lenda para a construção de um mosteiro. Ou, talvez, alguém pinte a sua história.

Não sei por que estou aqui. Talvez seja verdade que tentamos regressar aos locais onde fomos felizes, mas eu não sei se aquilo que sentimos aqui foi felicidade. Ainda não sei. Precisava de uma palavra tua, um sinal. Nada. O silêncio é a única certeza que me ofereces.

28.

«Este é Jack.» pensas. O amigo de Ewan aguarda por ti no aeroporto, ostentando um cartaz onde se lê o teu nome em letras bem visíveis. Pensas que é algo que só um americano faria.

Diriges-te a ele e perguntas:

«Eu sou a Sarah; esse cartaz é para mim?»

Ele sorri, relê o cartaz e propõe: «Bem, podemos ficar aqui e ver se há mais alguma neste voo.»

Depois, faz uma careta divertida e estende-te a mão.

«Talvez num outro dia?»

Correspondes ao seu sorriso, bem como ao cumprimento, e concordas: «Talvez num outro dia.»

«O meu nome é Jack, mas suponho que já tivesse percebido quem eu sou.»

Abanas a cabeça afirmativamente.

«O amigo do Ewan... Ou deveria dizer o desgraçado que aceitou fazer de minha ama-seca durante este fim-de-semana?»

«Confesso que prefiro Jack.» afirma ele, rindo. «De qualquer forma isso de ama-seca foi puramente voluntário.»

«Obrigada. É muito simpático da sua parte dizer isso.»

«Não é simpatia. Estou há algum tempo para voltar àquela região... Com companhia, é mais agradável.»

Voltas a agradecer. Não sabes quanto da história Ewan lhe terá contado, mas supões que tenha sido muito pouco, porque ele apresenta uma expressão despreocupada, como se a tua visita tivesse por único objectivo satisfazer uma velha curiosidade — e talvez tenha razão. Ao abandonarem o aeroporto, ele tenta levar o teu pequeno saco de viagem, mas consegues convencê-lo que está demasiado leve para justificar essa cortesia. No parque de estacionamento, espera-vos um velho jipe, cuja camada de poeira faz prova da forma como o amigo de Ewan gosta de passar os tempos livres. Ele coloca o teu

saco na parte de trás do carro, enquanto tu entras e, quando se senta ao volante, parece preocupado.

«Há só uma coisa...»

Questionas Jack com o olhar.

«Não me vai dizer que quer dar uma volta pelo Porto.»

«Não sei... Deveria?»

«Sim, claro. Mas não hoje... Hoje é sexta-feira e, daqui a pouco, vamos pensar que estamos em Nova Iorque... ou em Londres.»

«Está a tentar dizer-me que é preciso fugir para os montes, é isso?» perguntas, em tom de brincadeira.

«Quase. O trânsito vai mesmo ficar caótico... Ou, então, fui eu que perdi o hábito de lidar com ele.»

Coloca a chave na ignição e sorri de uma forma que se destina apenas a ele próprio.

«Sabe para onde eu quero ir.» afirmas.

«Pois sei.» admite Jack.

Encolhes os ombros e ele faz o carro avançar. Afastam-se do aeroporto e mergulham na auto-estrada em direcção a norte — onde a intensidade do trânsito, como Jack previra, parece crescer a cada quilómetro. O jipe é desconfortável, mas, ainda assim, acabas por adormecer. Só acordas, quando percebes que o carro está a parar.

«Chegámos?»

«Não exactamente. É apenas uma estação de serviço. Acho que preciso de um *espresso*.»

«Eu também.» afirmas, e acrescentas: «Adormeci. Peço imensa desculpa. Detesto que isso me aconteça quando vou de carro.»

«Não tem importância.» e acrescenta, ironicamente: «É com certeza do *jet-lag*.»

Não respondes à provocação e segues Jack até ao edifício onde funciona a cafetaria e o restaurante. Lá dentro, há pessoas que fazem

fila no balcão do *self-service*. Jack aconselha-te a escolheres uma mesa, enquanto ele trata do resto. Sentas-te e esperas que ele chegue com um tabuleiro onde fumegam dois pequenos cafés, acompanhados por bolos de aspecto excessivamente doce. Jack observa a tua expressão e confirma:

«São realmente doces, mas ainda nos faltam umas duas horas até chegarmos ao local onde vamos jantar, por isso...»

Aceitas provar um bolo.

«Conhece bem aquela região?» perguntas.

«O Minho? Razoavelmente... O meu avô nasceu na aldeia onde vamos ficar.»

Por segundos, pensas que podem ser primos... ou irmãos.

«Foi por isso que voltou?»

«Não sei. Talvez... A verdade é que descobri que me sinto em casa neste país.»

Olhas em redor. Também gostarias de te sentir em casa algures.

29.

Há muito que deixaram a auto-estrada, trocada por uma via secundária, onde casas e muros de pedra se conjugam com o contínuo verde de vinhas e árvores.

«Tem fome?» pergunta Jack.

Respondes afirmativamente.

«Ainda bem.» comenta ele, e faz o jipe curvar para a direita, na direcção do centro de uma pequena povoação, onde acaba por estacionar. Começas a perceber o que ele quis dizer logo que descobres a casa que se ergue na vossa frente e que é obviamente um restaurante.

«A Toca do Lobo.» traduz Jack, ao notar a tua expressão de curiosidade perante a tabuleta por cima da porta. «E bem podiam alimentar uma alcateia. Se é vegetariana, este é o momento de o dizer.»

Abanas a cabeça dissipando as dúvidas de Jack. Entram para o restaurante, decorado de forma simples, com mobiliário moderno e toalhas de xadrez azul-escuro e *bordeaux*, que contrastam com as paredes brancas. Ao fundo, vê-se uma mesa de bilhar, e dois rapazes param de jogar, por momentos, para vos observarem. Há também uma escadaria em madeira para o piso superior, mas Jack escolhe uma das mesas da sala do rés-do-chão, onde duas famílias animadamente terminam de jantar, e afasta uma cadeira para que te sentes. De imediato se aproxima um homem de cabelos negros, aparentando pouco mais de quarenta anos, que vos sorri e diz algumas palavras que não entendes, mas às quais Jack responde alegremente.

«Carne ou peixe?» pergunta-te.

Encolhes os ombros.

«Acho que vou deixá-lo decidir.»

Jack sorri e faz o pedido ao homem, que regressa, pouco depois, com uma garrafa de vinho.

«Vinho verde.» declara Jack e traduz as palavras. «Verde, apesar de ser uma cor, não é exactamente o motivo para o nome deste vinho.»

Entendes a frase, quando o vinho sai da garrafa e enche os copos de carmin. Provas e saboreias por momentos.

«Então, que tal?» quer saber Jack.

«É diferente.» admites.

«Pode crer que é diferente. Na estrada, à nossa volta, só há deste vinho. Bem, nem todo exactamente igual a este... Este é bastante bom.»

Bebe com satisfação, como se saciasse uma sede antiga.

«Há algum tempo que não vinha aqui.» afirma, mais para ele do que para ti, como já percebeste que costuma fazer.

«Onde estamos? O nome da terra, quero dizer...»

Ele parece regressar à realidade.

«Aboim da Nóbrega.»

Repetes o nome, lutando para respeitar o som do erre que Jack aprendeu a dominar.

«Já foi vila romana e os muçulmanos passearam por aqui. Durante muito tempo, prestou tributo à Ordem de Malta.»

A tua surpresa fá-lo rir.

«Parece-lhe estranho, haver tanta história num lugar perdido na serra? Há coisas ainda mais engraçadas, como o Dente Santo, ou o Corno da Peçonha...»

É a tua vez de rir, quando Jack traduz os nomes para inglês.

«Dente Santo?!»

«É verdade. Ainda hoje existe uma fonte com esse nome. O povo acreditava que o dente pertencera a um santo e que curava a raiva. Na verdade, nunca se chegou a uma conclusão sobre o santo a quem teria pertencido, mas o certo é que há um São Frutuoso cuja cabeça é ainda hoje guardada e à qual falta realmente um dente.»

«Essa história das relíquias sempre me pareceu um bocado macabra...»

«O Corno da Peçonha é diferente. Quero dizer, não me parece que tenha pertencido a um santo...»

Riem.

«Há quem diga que ainda existem dois, muito antigos, que têm de ser permanentemente mantidos em azeite.»

«Também curam a raiva?»

«Não exactamente, mas é suposto curarem os efeitos das mordeduras de animais peçonhentos. Daí o nome.»

O jantar chega num gigantesco prato de barro e interrompe a conversa: dois enormes bifés, acompanhados por batatas assadas e feijão verde.

«Carne barrosã, frita em azeite, batatas a *murro* e feijão verde salteado com alho.» enuncia Jack.

«Vamos conseguir comer isto tudo?» perguntas, assombrada pela quantidade de comida.

Ele ri novamente.

«Ainda é cedo. Depois, damos um passeio para ajudar a fazer a digestão.»

«O que é que chamou à carne?»

«Barrosã. Hoje, já não o vemos, mas amanhã vamos encontrá-lo na estrada... Ao gado barrosão, claro.»

Começa a servir-te com um à-vontade que te agrada e espera que aproves a comida, antes de começar a comer.

«Excelente! Qual é o segredo?»

Jack sorri com satisfação.

«Eu acho que é a alimentação do gado e o facto de esta gente considerar que congelar carne barrosã podia muito bem ser o oitavo pecado mortal. O resto fica por conta do talento da cozinheira.»

O homem de cabelos negros, que Jack te revela ser o proprietário do restaurante, volta a aproximar-se e, depois de uma troca de palavras com ele, afasta-se visivelmente agradado.

«Pedi-lhe para dar os parabéns à mulher.» explica Jack.

«Foi a mulher dele quem cozinhou isto?»

«Claro. Nesta parte do país, a maioria dos negócios é gerida pelas famílias. Bem, gerir é dizer pouco. Os negócios são, muitas vezes, totalmente assegurados por membros do clã.»

«Pensando bem, nem sequer é muito diferente da história de muitos casais que resolvem abrir um *pub*, em Inglaterra.»

«Acho que somos os mesmos, para onde quer que vamos.»

O comentário de Jack recorda-te o motivo pelo qual ali estás, e que conseguiste manter em segundo plano durante as últimas horas.

«O que é que o Ewan lhe contou?» perguntas.

«O Ewan...» Jack observa por momentos os reflexos do vinho no copo. Depois, encara-te, sorrindo: «O Ewan está apaixonado por si. Pela forma como me obrigou a jurar que a tratava como se fosse minha irmã, presumo que não seja uma novidade.»

Abres muito os olhos e ele recomeça a rir.

«Já percebi: é uma novidade.»

«Não é uma novidade.» declaras. «É uma ideia completamente absurda!»

Ele tenta conter o riso, mas não parece muito preocupado com a tua expressão escandalizada.

«Bom, pode muito bem ter acontecido que eu tenha interpretado mal as palavras dele. Afinal, só conversámos por telefone... O que ele me disse, concretamente, é que a Sarah tinha nascido nesta região.»

«Os meus pais sempre me contaram que nasci em casa do visconde de Nogueira.» informas, não chegando a mentir, mas longe de revelares a verdade, contente por abandonarem um assunto que te pareceu idiota. «Acho que é uma casa senhorial com uma torre...» acrescentas.

«Por estes lados,» interrompe Jack, «há muitas casas com torres, mas eu conheço o solar de Nogueira. Está em ruínas. Parece que o último proprietário perdeu o interesse pela propriedade.»

«Perdeu o interesse?»

«Interesse é apenas uma expressão. Digamos que foi mais uma história de Menino de Ouro. Não sabe de que se trata... Há muitas histórias de meninos de ouro por estes lados. São relatos da bondade de um senhor local, que distribui pão pelos pobres. Normalmente, vêm associadas a outra coisa...»

«Outra coisa?»

«Outra coisa.» repete Jack. «Estes meninos de ouro são também invariavelmente grandes perdulários e as propriedades acabam em mãos alheias.» «Foi o que aconteceu à casa de Nogueira?»

«Aparentemente, depois da queda do antigo regime político, a família vendeu o que pôde e mudou-se para o Brasil, como tantas outras. Mas acredito que a propriedade já pertencesse mais aos credores das dívidas de jogo do visconde do que propriamente à família.»

«Então, ele era um jogador...»

«E um mulherengo. O *droit du seigneur* é algo que nunca morreu completamente por estas partes. O Minho está cheio de filhos bastardos...»

«Abandonados em igrejas?»

O comentário parece causar-lhe estranheza.

«Abandonados em igrejas, sim, também.»

«E, desse visconde, havia bastardos?»

«Decerto que sim... Posso perguntar por que motivo estamos tão interessados na vida amorosa do visconde de Nogueira?»

«Não sei bem...» mentes. «Foi o Jack que disse que ele era mulherengo.»

«Estava a generalizar...»

«Ele também fugiu para o Brasil?»

«Não me parece.» afirma ele e pensa durante alguns segundos, antes de dizer: «Acho que morreu um ou dois anos antes do vinte e cinco de Abril. Parece que foi um acidente de caça.» Depois, pousa os talheres e pergunta: «*Crème brûlée*?» Perante a tua hesitação, acrescenta: «O leite creme destas paragens tem tanta história como o Corno da Peçonha e, provavelmente, os mesmos efeitos.»

O argumento é difícil de contrariar, por isso, aceitas o leite creme que aparece na mesa, pouco tempo depois, acabado de queimar e não voltam a falar do visconde de Nogueira. Terminam a refeição com café que, como tu, Jack gosta de tomar forte, independentemente do momento do dia. Tentas pagar, mas ele informa-te de imediato que és sua convidada.

«Não concordo com esse estatuto.» argumentas.

«O Ewan deu-me instruções precisas.» retorque Jack, num tom de ligeira provocação. Sabes que é mentira, mas o teu cérebro está demasiado ocupado a tentar perceber como irá explicar ao estômago que terá de digerir a quantidade obscena de carne que ingeriste ao jantar para se preocupar em refutar o que quer que seja. Saem para a rua, onde o sol se prepara para desaparecer e encaminham-se para o

jipe, quando te apercebes de algo que já viras antes, de relance, a partir da estrada.

«O que é aquilo?» perguntas. «Parece um monumento funerário.»

«É um espigueiro.» informa ele.

«Um espigueiro?» «Serve para guardar cereal.»

«Parece um monumento funerário.» voltas a dizer.

Jack ri e destranca o carro.

«Isso é mesmo uma questão de percepção... Com o que é que costumam dizer que se parece aquilo que pinta?»

Fitas Jack, tentando encontrar o significado escondido naquela pergunta. Ele continua a olhar para ti, com o mesmo sorriso bem disposto, aguardando por uma resposta.

«Albert Irvin.» acabas por responder. «Costumam dizer que se parece com Albert Irvin.»

«Podia ser pior.» comenta Jack, enquanto se senta ao volante. «Eu gosto de Albert Irvin.»

«Eu também.» confessas; mas apenas isso, porque não te apetece dizer que foi igualmente a resposta de Trevor, quando pela primeira vez lhe apresentaste essa queixa.

30.

A estrada quase não tem iluminação pública. Por vezes, após uma curva, a luz dos faróis capta uns olhos que rapidamente desaparecem na escuridão.

«Lobos?» perguntas.

Jack responde, sem desviar o olhar da estrada.

Cães, com certeza. Mas há outros animais por estes lados...»

Conta-te a história de uma noite de Outono em que a bateria do jipe resolveu pregar uma partida e o deixou apeado em plena serra. Decidiu pegar no saco e fazer o resto do caminho a pé; três quilómetros até à casa onde irão ficar nessa noite, sob uma Lua cheia

que facilitava a caminhada. Não fizera mais de metade do percurso, quando ouviu o chamamento de um javali. Estacou de imediato, tentando manter-se completamente silencioso, e aguardou. Não teve de esperar muito tempo até ver a fêmea de javali que irrompeu da vegetação, poucos metros à frente dele. Ela voltou a fazer o seu chamamento e, pouco depois, surgiram quatro pequenos javalis, que atravessaram a estrada para se embrenharem de novo na vegetação, do outro lado do caminho, seguidos de perto pela mãe. Jack voltou a pegar no saco e continuou o seu percurso, satisfeito por não ter tido de explicar a uma senhora javali, mãe de família, a razão pela qual se encontrava a passear por aqueles lados a meio da noite.

«Acho que o incidente foi apenas para me lembrar que há motivos para este sítio fazer parte de um espaço que se chama Parque Nacional da Peneda-Gerês... Bem, agora vamos descer.»

Mal acaba a frase, curva para a esquerda e abandona a estrada, iniciando uma descida muito íngreme. O caminho entre os muros é bastante estreito e apenas a perícia de Jack parece impedir que o jipe raspe na pedra. Por fim, surge um largo ladeado por casebres de pedra, cujo cruzeiro Jack contorna, antes de parar o carro.

«Onde estamos?» perguntas, assim que descem do jipe.

«Santa Maria de Ermelo.» responde ele, enquanto tenta alcançar os vossos sacos.

Reparas, então, na igreja iluminada pelos poucos candeeiros públicos. Há algo nela que imediatamente te atrai, como se já a tivesses visto, talvez em sonhos.

«O que é aquilo?»

«Aquilo? Aquilo é o que resta de um mosteiro beneditino que aqui houve, em tempos... A casa fica do outro lado, mas o carro vai ter de ficar aqui.»

A razão é óbvia; o troço de pedra irregular que contorna a igreja é ainda mais estreito do que o caminho que dá acesso à estrada, comprimido entre o muro que delimita o adro e uma grande casa de dois pisos que parece em ruínas.

«Chamam-lhes casas brasileiras.» explica Jack. «Foram construídas com o dinheiro que os portugueses trouxeram do Brasil durante o século XIX e o princípio do XX. Mesmo que o dinheiro não tivesse tido origem no Brasil, o que interessava é que eram diferentes das outras.»

Percebes o que ele quer dizer ao compará-la com as restantes, que não se encontram em melhores condições, mas cujo estilo é definitivamente diferente. O caminho termina num outro largo, onde se erguem duas casas que, ao contrário das outras, apresentam sinais óbvios de restauro. Jack dirige-se a uma delas e abre a pequena cancela que dá acesso aos degraus que conduzem ao primeiro piso.

«É aqui que vamos ficar. Não é um hotel de cinco estrelas, mas...»

Sorris e sobes as escadas até ao pequeno patamar onde aguardas que ele abra a porta. Enquanto esperas que ele encontre as chaves, olhas em volta para a aldeia, ou o que resta dela, imersa numa escuridão apenas quebrada pelas poucas luzes públicas e pelo rectângulo branco de uma outra janela.

«Corremos o risco de encontrar javalis aqui?»

Jack olha-te com um ar divertido.

«Gatos, sapos, um ou outro cão... E morcegos. Também há dos ratos que não voam, mas são do campo... Parecem *hamsters*.»

«Não tenho medo de ratos.»

«Ótimo. De qualquer forma, eles também não costumam fazer visitas. Bem, a não ser que sejam convidados...»

«Convidados?»

«Há algum tempo, os meus primos, que usam esta casa para passar férias e alguns fins-de-semana, resolveram deixar um presunto inteiro pendurado na cozinha. Quando regressaram, algum tempo depois, havia um rato que o tinha requisitado como habitação. O presunto já tinha túneis e várias divisões... O rato devia estar contentíssimo com o seu novo condomínio. Só conseguiram apanhá-lo com chouriço. Convenhamos que já devia estar um bocado enjoado de presunto... Seja como for, aquilo que os meus primos fizeram foi aquilo a que eu chamaria um convite.»

«Presumo que, agora, não haja presunto em casa.»

«Por acaso, até há.» Espera pela tua expressão de sobressalto, antes de completar a frase: «Mas não está propriamente pendurado à espera de inquilinos. De qualquer forma, pensei que não tivesse medo de ratos.»

«É não tenho.» asseguras. «Só não acho que esteja preparada para acordar a meio da noite com um rato a convidar-me para conhecer o seu novo apartamento.»

«É justo. Ah, aqui estão elas!»

Exibe um molho de chaves, do qual escolhe aquela que lhe permite abrir a porta. Entram, mas ele pede-te que esperes enquanto desaparece na escuridão do interior da casa com o objectivo de ligar o quadro da electricidade. Quando as luzes finalmente se acendem, descobres que te encontras numa antiga cozinha, convertida em pequena sala de entrada. Ainda restam a lareira, à qual apenas falta uma porta para que pudesse ser chamada forno, e a bancada de pedra, sobre a qual se vê um microondas. Há também um frigorífico, duas mesas vestidas e escaparates com louças rústicas, decorados com folhos de tecido aos quadrados verdes e brancos, iguais àqueles que se encontram por cima das portas, por uma das quais reaparece Jack, que se apressa a encerrar aquela que dá acesso à rua.

«Esqueci-me de referir dois outros elementos importantes da fauna local: mosquitos e traças.» explica ele.

«Parece-me que vou começar o *tour* da casa por aqui.» anuncia e revela a casa de banho por trás de outra porta que existe na cozinha. Depois, passam à divisão seguinte, uma sala dominada por uma longa mesa de jantar, do outro lado da qual se abrem as portas de dois quartos.

«Pode escolher entre uma cama de casal e um beliche.» informa Jack. «Há mais um quarto, mas é no piso de baixo, onde costumavam guardar o gado. Um bocado complicado quando se quer ir à casa de banho a meio da noite, porque só existe aquela.»

Ris e acabas por escolher o quarto com o beliche, evidentemente decorado a pensar em duas crianças.

«Os pestinhas dos filhos dos meus primos.» confirma Jack.

Experimentas o beliche de baixo, onde cabes perfeitamente.

«Os seus primos compraram a pensar no futuro.» comentas. «Mobiliário não é um problema para eles. Mas acha que fica bem aí? Tem a certeza que não prefere a cama de casal?»

«Detesto camas de casal.» confessas.

«Também eu.» declara Jack.

31.

Não consegues dormir. Talvez seja a igreja lá fora, mutilada mas sobrevivente, que te impede de adormeceres. Levantas-te e vestes-te o mais silenciosamente que consegues, assim que ouves o canto do primeiro galo anunciar o dia que se aproxima, e atravessas a casa na direcção da casa de banho. Surpreendes Jack na cozinha, já aparentemente pronto para sair, com uma caneca fumegante nas mãos, da qual se desprende um forte aroma a café.

«Acordei-a?» pergunta ele com ar culpado.

Dissipas a sua culpa declarando que te encontravas acordada há muito tempo.

«Não dormiu bem?»

«Como um bebé.» garantes.

Um bebé com insónia, certamente, mas não consideras que isso interesse ao teu anfitrião.

«Aqui, também acordo sempre cedo.» afirma Jack. «Não sei exactamente porquê. Talvez seja do ar...»

Oferece-te café, mas acrescenta que seria interessante tomarem o pequeno-almoço num local com o nome de Soajo, a poucos quilómetros dali, antes de seguirem para o solar de Nogueira. Aceitas a ideia, mas não dispensas o café, que bebes sobre o pequeno patamar que encima as escadas de acesso ao primeiro andar. Escondido por trás das montanhas, o sol ainda não se vê, mas a sua luz permite já observar claramente os casebres de pedra que envolvem a casa, alguns cobertos por vinha, que parece tê-los consumido, bem como um outro desses mausoléus de cereal que recordas chamarem-se espigueiros.

«As pessoas foram-se quase todas embora.» comenta Jack, que te seguiu e acaba o café encostado à ombreira da porta. «Só ficam os velhos e, os outros, quando voltam, constroem casas novas mais próximas da estrada.»

«Aquilo é o que eu estou a pensar?» perguntas, apontando para a varanda de uma casa, que aparentemente serve de palheiro.

«Uma coluna do mosteiro? Com toda a certeza. Um dos meus primos disse-me uma vez que, se alguém resolvesse reclamar todas as

pedras do mosteiro que foram levadas para construir as casas da aldeia, não ficaria uma única de pé.»

Viras-te para a direita e observas a igreja, mas sentes que te falta coragem para lá entrares. Ainda.

«Acho que vou tomar um duche rápido.» afirmas e voltas a entrar em casa, procurando refúgio na segurança de um ritual diário, enquanto o relógio da igreja enche a aldeia com a música que precede o anúncio das horas.

32.

«Quero mostrar-lhe uma coisa.»

Acabaram de tomar o pequeno-almoço — *espresso* com leite e pão cozido em forno de lenha, com queijo, que não conseguiste acabar — num restaurante do Soajo, que funciona também como café. A terra, ao contrário da aldeia onde pernoitaram, tem as casas restauradas e apresenta os sinais óbvios de um desenvolvimento proporcionado pelo turismo. Jack conduz-te até a um largo, dominado por uma estranha escultura, quase antropomórfica, encimada por uma pedra triangular. Por momentos, poderias jurar que a figura te sorri.

«Parece uma espada com algo na ponta.» comentas.

Jack faz uma expressão divertida.

«Ou talvez uma lança? Este pelourinho está associado a uma lenda segundo a qual houve um rei que decretou que só os nobres possuidores de terras no Soajo poderiam aqui ficar por mais tempo do que aquele que um pão quente leva a arrefecer na ponta de uma lança.»

«No inverno ou no Verão?» perguntas, em tom jocoso.

«É uma boa pergunta.» responde Jack e, em seguida, observa o relógio. «Temos tempo.» declara.

Percebes que te quer mostrar algo mais. Segues as suas passadas largas, mas páras, ao avistares aquilo que te parece um cemitério: sobre um imenso pedestal rochoso — um número indefinido desses mausoléus construídos para proteger as colheitas perfila-se, ergue as suas cruzes, e saúda o sol.

«Impressionante, verdade?»

Uns degraus improvisados permitem aceder ao maciço onde foram colocados e Jack sobe-os, estendendo-te a mão e incitando-te a imitá-lo. Concordas com alguma relutância, como se Jack te tivesse convidado a penetrar num território mágico que apenas tolera a presença dos iniciados. Os espigueiros, vinte e quatro no total, foram dispostos em volta de um grande espaço, que Jack te explica ser uma eira comunitária. Está obviamente entusiasmado com o facto de ter um público com quem partilhar os seus conhecimentos e descreve animadamente a forma como o povo se juntava para trabalhar o cereal. Há algo de religioso em todo aquele cenário que não sabes se Jack também conseguirá ver. Trevor entenderia o que queres dizer, se o disseses, se ele estivesse contigo e, acima de tudo, se tu ainda aceitasses estar com ele. Tentas afastá-lo da tua mente e empurrá-lo para esse canto escuro que talvez nunca venhas a querer iluminar. Jack aproximou-se sem que te apercebesse.

«Estou a dar-lhe uma seca...» diz, com o tom em que costumam fazê-lo as pessoas que se entusiasmaram a falar sobre um assunto que as fascina, mas que duvidam que possa ser fascinante para os outros.

Limitas-te a abanar a cabeça e a sorrir.

Jack decide que a aula de etnografia acabou e refazem o caminho até aos degraus, que ele te ajuda a descer, embora o gesto seja novamente motivado mais por simpatia do que pela dificuldade da descida. Voltam a percorrer as ruazinhas delimitadas pelas casas de pedra, na direcção do jipe, e estão quase a alcançá-lo, quando se cruzam com uma velha mulher, que se imobiliza ao olhar para ti. Dirige-te algumas palavras em português, num tom de surpresa exaltada, das quais apenas consegues entender um nome, Pilar, que ela repete várias vezes. Jack intervém e, aparentemente, consegue acalmar a mulher, que ainda assim permanece parada enquanto os dois se afastam, continuando o caminho até ao carro.

«O que foi que ela disse?» perguntas, ao entrarem no jipe.

«Nada de especial. Foi uma confusão.»

«O que foi que ela disse?» insistes. «Eu só percebi *Pilar*...»

Jack parece sentir alguma pena pela velha mulher.

«Coitada, confundiu-a com alguém que se chamava assim.»

33.

«Estamos tão próximo da fronteira, que poderíamos dar um salto à Galiza.» comenta Jack.

Vão a caminho da casa de Nogueira e ele continua a falar, sem tirar os olhos da estrada cheia de curvas, delimitada por muros de pedra, por onde a vegetação espreita e já por várias vezes encontraram esse gado que ele garantira passear sozinho pelos caminhos: com as longas hastes e o pêlo ruivo brilhando ao sol, aparentemente impassíveis perante o jipe.

«Acho que havia de gostar de Lugo.»

«Lugo?» perguntas.

«Fica na Galiza. É uma das capitais de província. Eu sei que o tradicional é visitar Santiago de Compostela, por causa do apóstolo e tudo isso, mas Lugo... A história do apóstolo, por acaso, também é interessante. Ainda hoje há quem defenda que a cabeça guardada em Compostela poderá muito bem ser de Prisciliano.»

Não sabes quem foi Prisciliano e Jack conta-te a história de um líder religioso do século IV, um homem aparentemente de grande carisma, defensor de uma igreja ibérica não submetida ao dogma romano, atraído e executado, injustamente para alguns, mercedamente para outros.

«Mesmo que a cabeça seja de Prisciliano, penso que Compostela não perde com isso.» declara ele. «Acho até que me agrada a ideia de um fluxo interminável de peregrinos prestando homenagem a um homem que, se virmos bem as coisas, deu a vida pelo direito à determinação religiosa da sua península.»

«Falava de Lugo.» relembra.

«É verdade. Lugo tem uma muralha circular, que sobrevive desde os tempos da ocupação romana. Na verdade, a primeira muralha devia ser ainda mais antiga. O mais engraçado é que as pessoas continuam a usá-la para se deslocarem na cidade velha. É uma sensação estranha, como se andássemos sobre um anel mágico... É mais estranho ainda quando há nevoeiro. Uma tarde, entrei por pouco tempo num dos cafés da praça principal, para tomar um chocolate. Não devo ter estado mais de meia hora... Quando saí, tinha desaparecido tudo, engolido pelo nevoeiro. Só não me perdi, porque acabamos sempre por encontrar a muralha.»

«A muralha circular.» repetes.

«Sim, a muralha circular, o anel mágico que encerra a cidade.»

«Acho que gostaria de conhecer Lugo.» admites.

O jipe sai da estrada e entra num caminho estreito, que contorna aquilo que percebes ser uma enorme propriedade — abandonada, a avaliar pelo péssimo estado de conservação dos muros. No final do muro, há um portão gigantesco, mas o caminho continua para cima, após uma curva, e é por aí que Jack segue. Pára e estaciona o carro a pouco metros da curva, frente a uma casa de aspecto humilde.

«Tenho de ir buscar as chaves. Para todos os efeitos, somos potenciais compradores...» explica e desce do jipe, no que é imitado por ti.

Ele dirige-se à pequena casa e bate à porta, enquanto tu observas a paisagem: vinha até onde a vista alcança. A voz de um homem obriga-te a virar a cabeça. É um velho homem que fala com Jack, desaparece no interior, regressa e lhe entrega algo que presumes serem as chaves pretendidas.

«Podemos ir a pé.» diz Jack e percorrem os poucos metros que vos separam da curva e do portão, que se encontra fechado com uma corrente, da qual pende um cadeado. Ele abre o cadeado, retira a corrente e faz um esforço para abrir o portão, que resiste e chia, até permitir espaço suficiente para a vossa passagem.

Assim que entras na propriedade e ultrapassas a barreira criada por arbustos a necessitar de poda, reparas no edifício de traça oitocentista que se estende por vários metros e, acima do telhado em mau estado, naquilo que resta de uma torre medieval. No espaço frente à casa, ergue-se uma árvore de aspecto imponente que Jack identifica ao perguntar-te se gostas de diospiros. Preparas-te para fazer o caminho conquistado por ervas que te separa da casa, quando reparas na pequena capela que se encontra à direita, encostada ao muro. Jack observa as chaves e tenta descobrir uma que sirva na velha fechadura da porta da capela, mas sem sucesso.

«Não está aqui.» conclui, após várias tentativas.

Seguem para o edifício principal, onde as chaves voltam a ter utilidade. Ele abre uma das portas, entra e segura-a, para que passes.

«Bem-vinda à casa de Nogueira.» diz, com solenidade teatral, quando transpões a soleira.

Esperas encontrar um ambiente bafiento e escuro, mas isso não acontece. A divisão onde se encontram é varrida pela luz que entra pelas inúmeras portas-janelas e sentes que o ar circula, provavelmente graças aos muitos vidros que não foram substituídos.

«Este foi, certamente, o salão principal.» garante Jack.

Concordas. A área da sala e os frescos que ainda resistem nas paredes não permitem grandes dúvidas. Perguntas-te se teria sido ali que tudo teria acontecido. Imaginas o padre, molhado até aos ossos, mostrando a criança recém-nascida, acabada de encontrar na igreja de um mosteiro próximo.

«Vamos ver os quartos?» pergunta Jack. «Final, nasceu num deles...»

Não o corriges e aceitas o convite. Sobem por uma escadaria de aspecto pouco seguro. Jack vai à frente, testando os degraus e dizendo onde deves pisar.

«É uma pena não recuperarem esta casa.» comenta, quando chegam ao piso superior.

As portas encontram-se abertas. Espreitam várias salas, mas não se detêm. Jack parece procurar algo. Por fim, entram numa divisão que ocupa um canto da ala oeste.

«Se os seus pais eram convidados importantes, é possível que tenham ficado instalados aqui.» opina Jack, e acrescenta: «Talvez estejamos no quarto onde nasceu.»

Sorris. Talvez estejas no quarto onde Sarah Townsend nasceu, realmente, mas não da forma como Jack foi levado a pensar. Olhas em volta. Faltam vidros nas janelas e a porta de uma das varandas foi retirada dos gonzos. Perto dela, no chão, há alguma coisa escura. Jack observa o mesmo, aproxima-se e declara: «A casa, afinal, tem um morador.»

Aproximas-te também, para perceberes de que se trata.

«São os restos das refeições de uma ave de rapina.» explica Jack. «Talvez uma coruja.»

Olhas para cima, para o tecto, em busca do *squatter*, mas apenas encontras os barrotes de madeira quase apodrecida pela chuva.

«Será que conseguimos entrar na torre?» pergunta Jack.

A pergunta é, obviamente, um convite para que o sigas por corredores cujo chão geme sob os vossos passos, até ao local por onde se acede à torre. Mas o acesso parece demasiado perigoso; a escadaria de madeira perdeu alguns degraus e ameaça ruir. Jack ainda experimenta iniciar a subida, mas desiste perante a evidente falta de estabilidade da estrutura.

«Pela base, também deve ser impossível. Mesmo que lhe tenham feito uma porta, deve estar bloqueada com entulho.» afirma, desiludido.

Refazem o caminho de regresso ao piso térreo, com Jack sempre a lamentar que tenham deixado a casa chegar a um estado de quase total degradação.

«Se não lhe colocam um telhado novo, não resiste a mais um Inverno.» afirma, exasperado, como se falasse de um parente.

Atravessam de novo o grande salão e ele propõe uma investigação das restantes salas, mas não te apetece permanecer mais tempo dentro daquela casa. Afirma precisares de um pouco de ar e pedes-lhe que continue sem ti. Ele sorri e afirma saber que, por vezes, se entusiasma demasiado com aquelas velhas casas. Acabam por sair ambos e contornar a casa, na direcção do parque, que sabes prolongar-se até ao início do caminho que dá acesso à propriedade, mas cujos limites se encontram escondidos pela vegetação que se apoderou do lugar. Encostadas aos muros, permanecem ainda construções de aspecto muito diferente da casa, que Jack julga terem servido de lagar e de habitação para os criados. Avançam um pouco mais ao longo da casa principal, ultrapassam o edifício oitocentista e reencontram a torre. Ali, a residência construída para ostentação do poder da vinha e do ouro não envolveu por completo a velha construção medieval e, ao veres as suas paredes graníticas, imponentes, apesar do tempo e do abandono, sentes que a náusea regressa subitamente, obrigando-te a procurares apoio num dos muros baixos que dão acesso ao parque. Jack, que tentou encontrar uma chave que pudesse servir na fechadura enferrujada, mas que acabou por tentar forçar a pequena porta de madeira recortada na base da torre, só se apercebe do que se passa, quando se vira para trás e comenta: «Desisto.»

Aproxima-se de ti e pergunta, preocupado: «Sarah, não se sente bem?»

Garantes que foi apenas uma tontura, talvez provocada pelo calor. Jack consulta o relógio e discorda.

«Deve ser fome. Não comeu quase nada ao pequeno-almoço.» E acrescenta, num tom jocoso: «Sempre pensei que os Ingleses fossem

adeptos de grandes pequenos-almoços... e que gostassem muito de chá.»

«Talvez eu não seja muito britânica.» dizes, sorrindo, e levantas-te sem recusar a ajuda de Jack.

«Quem deve conhecer bem a história desta casa é o padre Aurélio.» assegura ele, quando já se prepararam para abandonar a propriedade.

«Aurelius?» perguntas, incrédula.

«Aurélio.» corrige Jack. «É o padre da freguesia onde nasceu o meu avô; um velhote simpático, que gosta de conversar sobre História. Em português, claro, porque não fala uma palavra de inglês e o seu francês...»

Faz um gesto para substituir o adjetivo que lhe merece a fluência do padre na língua de Molière.

«Deve ter sido realmente um sonho, porque ele falou em inglês.» comentas, com um sorriso triste.

«Um sonho... Sonhou com o padre Aurélio?»

«De certa forma... Vi... Sonhei com um padre católico.»

Procuras, na confusão de palavras que te assalta, aquelas que poderás dizer.

«Seja como for, preciso falar com esse padre.» afirmas, por fim.

«Precisa? O que é que veio fazer a Portugal, Sarah? Isto não é apenas uma visita motivada por simples curiosidade, pois não?»

Observa-te atentamente, enquanto aguarda por uma resposta, que tardas em dar. Hesitas, antes de responderes: «Não tenho a certeza, mas acho que foi ele quem me encontrou.»

«Foi ele quem a encontrou? Acho que perdi essa parte da história quando falei com o Ewan...»

«Esse padre... Aurélio? Penso que foi ele quem me encontrou numa igreja, quando eu estava a morrer de frio, ainda recém-nascida. Foi ele quem me levou para a casa de Nogueira, para esta casa, porque sabia que lá estava hospedado um amigo do visconde, que era médico...»

Jack olha-te de um modo estranho, o mesmo que provavelmente foi teu quando Margot Almsteed te contou a história que, agora, resolveste partilhar com ele.

«Foi encontrada numa igreja?»

«Sim. Na igreja de um mosteiro que deve existir num local próximo desta casa... Bem, talvez não muito próximo, porque parece que o padre teve de atravessar a serra durante uma noite de tempestade para me trazer até aqui.»

«Na igreja de um mosteiro?»

Desconfias que as perguntas dele reflectam apenas incredulidade e reages:

«Eu sei que tudo isto deve parecer absolutamente fantástico... Mas foi a história que me contaram. Há, pelo menos, três... quatro... pessoas que acreditam nela. Eu não sei se deva juntar-me a elas, mas...»

«E isso aconteceu há uns trinta anos?» «Sim, há trinta anos.» confirmas. Jack olha-te, perplexo.

«Não acredito! Então, a Sarah é...» cala-se, sem completar a frase.

«Eu sou... Quem?» perguntas, e há ansiedade na tua voz.

«É uma história que o meu avô contava...»

«Uma história? Que história?»

Jack abana a cabeça.

«Acho que é realmente melhor falarmos com o padre Aurélio.»

«Por favor, Jack! Depois do que lhe revelei, não me vai fazer esperar até nos encontrarmos com esse padre para eu ficar a saber algo que me pode dizer agora...»

«É apenas uma história que, como tantas outras, costumava ouvir o meu avô contar.» garante Jack, mas, perante a impossibilidade de te demover, acaba por prometer revelar o que sabe durante o almoço.

34.

A casa que Jack escolhe para almoçarem é exactamente isso: uma casa de habitação onde alguém resolveu começar a servir refeições para aqueles que a descobrem, logo após uma curva apertada na estrada serrana. A entrada é feita directamente pela cozinha, na qual trabalham a cozinheira e proprietária, uma senhora de cabelos brancos atarefada no fogão que Jack te diz chamar-se Maria Pequena, e duas raparigas. Uma delas pára o que está a fazer e conduz-vos através de um corredor com várias portas — fechadas, à excepção de uma que, entreaberta, revela o interior de um dos quartos da família — até à sala de aspecto humilde e grandes janelas, pelas quais entra a paisagem verdejante do vale onde a casa se encontra, empoleirada na rocha como tantas outras que viste naquela região, desafiando a gravidade. Na sala, almoçam já outros clientes, mas há ainda uma mesa livre que se apressam a ocupar. Jack fala com a rapariga e pergunta-te se queres peixe ou carne, porque há apenas dois pratos à escolha.

«O prato de peixe é bacalhau à minhota e, em Portugal, só o usam salgado.» avisa ele.

Nunca comeste bacalhau, fresco ou salgado, e resolves experimentar. O prato de carne é rojões, igualmente à minhota, mas Jack decide acompanhar-te no peixe. A rapariga regressa, com pão de milho e azeitonas, que coloca na mesa, e aquilo que diz a Jack faz com que ele te pergunte:

«Pedimos um jarro pequeno de vinho verde? Vou também pedir água, mas...»

Concordas. Jack fala com a rapariga e ela volta a desaparecer da sala. Esperas que ele acabe de provar as azeitonas, para lhe colocares a questão óbvia, mas Jack começa a falar, antes que o possas fazer.

«Aquele mosteiro, ao pé da casa onde ficámos... Aquele mosteiro também tem umas histórias engraçadas.»

Concluis de imediato que pretende fugir à promessa, mas nem a chegada de uma enorme travessa com bacalhau coberto com cebola e batatas fritas às rodelas, acompanhado por um jarro de barro com vinho e pequenas tigelas, pelas quais percebes que é costume bebê-lo, te proporciona a oportunidade de lhe relembrares o compromisso, porque ele não pára de falar. Começa a contar uma das lendas da fundação do mosteiro, cuja edificação inicial terá sido, provavelmente, da responsabilidade de Dona Teresa, mãe do primeiro rei de Portugal, mas que a tradição atribui a uma princesa, filha de um senhor local, que teria vivido num tempo mais remoto, muito antes de existir um país com aquele nome. O rei teria prometido à filha doar ao

novo mosteiro todas as terras que se avistassem em redor do lugar escolhido para a sua construção.

«Até aqui, tudo bem.» garante Jack. «O problema foi que, do local que ela escolheu para se construir o mosteiro, no alto da serra, grande parte das terras que se avistavam não pertenciam ao pai. Então, para poupar uma humilhação ao rei, a princesa pediu que lhe encontrassem um lugar no mais profundo vale, de onde não se pudesse vislumbrar qualquer terra que pertencesse a outro senhor. O local encontrado foi o Ermelo e lá começaram a construir o mosteiro.»

Por momentos, julgas que a história acabou, mas Jack recomeça, depois de beber um pouco de vinho.

«A construção foi outra aventura. Depois de o templo primitivo ter sido destruído, nunca houve dinheiro para concluir o projecto cisterciense, que certamente teria sido uma bonita igreja de três naves, com cabeceira e três capelas quadrangulares... Enfim, uma construção digna dos beneditinos. Por volta do meio do século XVI, já aquilo estava completamente abandonado. O que resta é o produto das obras que parece terem sido realizadas no século XVIII e que... Bem, a Sarah viu a rosácea: está por cima do telhado! Uma das naves foi suprimida — resta apenas o arco triunfal — e a outra foi convertida em sacristia... Mas, independentemente do estado em que se encontra o mosteiro, a fé das pessoas permanece inabalável. Depois, há-de ver a quantidade de ofertas que fazem a São Bento... É impressionante! E no dia do santo, a onze de Julho, a aldeia enche-se de uma forma que não parece normal. Não é uma festa, entende? Também há uma festa, em Agosto, mas nessa altura celebra-se Santa Maria. O dia de São Bento é um acontecimento estritamente religioso. O meu avô fazia questão em estar na aldeia nesse dia. Costumava dizer que o ano não lhe corria bem, se falhasse o dia de São Bento...»

Faz outra pausa, desta vez maior, para acabar o bacalhau que está certamente quase frio e, observando o teu prato, pergunta:

«Que tal estava?»

«Diferente.» respondes.

Ele não discute o teu comentário.

«Quer arroz doce? É muito bom.»

Aceitas e é só depois de comerem a sobremesa, quando já colocas açúcar no café, que consegues perguntar:

«Por que é que estive a contar a história da igreja ao pé da casa onde ficámos? Não me prometeu contar outra coisa?»

«Mas eu estou a contar a história que lhe prometi.» contesta Jack.

«Não me parece.»

«Mas é verdade. Foi na igreja de Santa Maria de Ermelo que o meu avô dizia que o padre Aurélio, há trinta anos atrás, tinha encontrado um anjo. Bem, quando ele me contou a história, não teria sido exactamente há trinta anos...»

«Um anjo?» questionas, num tom jocoso.

«A igreja estava fechada.» explica Jack.

«Não entendo.» confessas. «Era de noite, a igreja estava fechada. O padre Aurélio dera missa e deixara logo a igreja fechada, porque o sacristão, nesse dia, tinha ido de urgência para o hospital de Viana, com uma pneumonia ou coisa no género, e levava a chave com ele. Para além do padre Aurélio e do sacristão, acho que só na sede da diocese haveria outra chave da igreja... Portanto, a igreja estava fechada, e estivera assim, desde que a missa acabara. O dia tinha sido de temporal e ninguém se atrevia a andar na rua. Nem o gado saíra para pastar. Então, quando era já noite, um amigo de infância do meu avô, que regressava do Soajo, onde tivera de ir por qualquer razão inadiável, passou pelo mosteiro a caminho de casa. Não passava da meia-noite, isso é certo...»

«Como pode ter tanta certeza?»

«Porque ninguém se atreve a passar sozinho pelo mosteiro, depois da meia-noite. Houve demasiadas pessoas sepultadas na igreja, entende? Portanto, se tivesse sido depois da meia-noite, o amigo do meu avô não teria passado pelo mosteiro... e nem teria ouvido o choro de um bebé.»

«Um bebé, e não um anjo.» salientas, mas Jack ignora e continua:

«Como não havia chave na aldeia, o homem correu a pedi-la ao padre Aurélio, que estava a viver em casa de uma irmã, a pouca distância do Ermelo, e ele lá foi abrir a igreja, apesar do tremendo temporal que se abatera na serra. Quando finalmente entraram, já não se ouvia chorar, mas reparam de imediato que havia algo sobre o altar, uma espécie de embrulho...»

«E descobriram um bebé.» completas.

«Exactamente. Uma criança recém-nascida, quase morta de frio. Estamos a falar de uma aldeia do interior de Portugal, há trinta anos atrás. Aparece um recém-nascido num altar de uma igreja fechada... É claro que acharam que algo de sobrenatural se passara.» conclui Jack.

«Sabe se ele baptizou a criança?» perguntas.

Jack encolhe os ombros.

«Isso, o meu avô nunca me disse. Aquilo que o amigo lhe contou é que o padre levou a criança com ele e lhe pediu para não falar no assunto. Quando, uns dias depois, o homem perguntou pelo bebé, disse que o padre apenas lhe respondeu que fora feita a vontade de Deus.»

«E ele pensou que a criança tinha morrido...» deduzes.

«É claro.» confirma Jack.

«O amigo do seu avô ainda vive na aldeia?»

«Morreu. Há muito tempo.» informa Jack.

«Esse padre Aurélio... Disse-me que ele gosta muito de conversar... Alguma vez lhe falou nesta história?»

«Uma vez.»

«E...?»

«Aconselhou-me a não acreditar em tudo o que as pessoas da terra contam.» responde, a rir.

«Um bom conselho, certamente.» ironizas.

Ao contrário de Jack, tu conheces um motivo suficientemente forte para o padre não querer responder a questões sobre a criança que encontrou.

«Foi por isso que me disse que devíamos falar com ele?»

«Ele estava lá... É o único que pode confirmar, ou desmentir, as histórias que nos contaram.»

Depois, olha-te com uma expressão de carinho divertido e comenta:

«Nunca tinha conhecido um anjo»

«Não seja doido!» exclamas, com um ar falsamente irritado.

A verdade é que ele consegue fazer com que rias das coisas que te perturbam. Procuras na mochila o maço de tabaco que compraste num café à beira da estrada, uns quilómetros antes da casa de Maria Pequena, e acendes um cigarro. Outra ideia surge, então, na tua mente. Sorris, satisfeita com a tua conclusão.

«Estava alguém escondido na igreja.» afirmas.

Jack fita-te com um olhar interrogador.

«Alguém que se deixou ficar na igreja e que só saiu depois de o padre ter levado a criança com ele, para a casa de Nogueira.» explicas.

«Depois de o padre a ter levado a si para a casa de Nogueira, Sarah.» emenda Jack.

«Sim.» admites. «Depois de o padre me ter levado para a casa de Nogueira.» E acrescentas: «Onde me transformaram em Sarah Townsend.»

35.

Tal como Jack referira, o que resta de uma das naves encontra-se fora do corpo reconstruído da igreja e dela apenas sobrevive o arco e a coluna com o capitel desgastado pelos elementos. A porta da igreja está apenas encostada, mas hesitas. É Jack quem acaba por entrar primeiro e te incita a acompanhá-lo. Quando finalmente o fazes, Jack aponta de imediato para a imagem de São Bento, que esperavas encontrar imponente e sisuda, mas que aparenta ter sido feita à semelhança de um monge pequeno, ainda jovem e de olhos tristes. Reparas na estranha cartola que se encontra sobre a sua cabeça e Jack descreve-te o ritual com ela executado. Sorris, mas impressiona-te o número de peças em cera que foram colocadas aos seus pés: mãos, seios, cabeças, pequenas imagens de crianças, e umas velas em espiral que Jack te explica representarem intestinos. Há também cravos, muitos, vermelhos, brancos e amarelos.

«As pessoas acreditam que São Bento cura pequenas verrugas. Na verdade, julgo que acreditem não haver nada que o santo esteja impedido de curar.»

Fitas novamente São Bento, que te retribui com o mesmo olhar triste, e, então, ousas enfrentar o altar. Se aquilo que te contaram for verdade, foi sobre ele que te encontraram.

«Quando é que poderemos falar com o padre?» perguntas, sem desviares os olhos do altar.

«Telefonei para casa dele, mas ninguém atende. De qualquer forma, amanhã, ele tem de dar missa aqui, por isso...»

Coloca-se do lado esquerdo do altar e percebes que olha em frente. Reparas nos painéis que decoram aquela que terá sido a capela da nave principal e Jack pede que o sigas.

«Estive a pensar na sua ideia, sabe? É engraçado como nunca me lembrei disto antes...»

Aproxima-se de um dos painéis laterais inferiores e empurra-o. Como se fosse uma porta, o painel desliza para trás e revela um espaço imerso em escuridão. Jack retira uma pequena lanterna do bolso, liga-a, e a luz, ao incidir sobre a parede de pedra, permite descobrir vestígios dos frescos originais, mas também a real dimensão do espaço que se encontra por trás dos painéis, coberto de poeira e teias de aranha. Jack aponta para uma estrutura em madeira que se encontra a meio e parece servir de suporte aos painéis.

«É uma escada que dá para o outro lado.» explica ele. «Brinquei aqui algumas vezes, com o meu primo. Acabámos sempre expulsos pelo sacristão.»

Olham-se por momentos e ele acaba por responder à pergunta que não necessitas de verbalizar:

«Toda a gente, Sarah. É impossível identificar a pessoa baseando-nos no conhecimento deste esconderijo.»

Aceitas o seu veredicto. Jack volta a fechar o painel e afastam-se do altar. Sem saberes porquê, deténs-te por momentos em frente à imagem do monge de olhos tristes, antes de abandonarem a igreja. Já no exterior, ultrapassam o arco da nave suprimida e percorrem a passagem que contorna o mosteiro e que, no topo oriental, se converte numa espécie de varanda sobre o rio. Observas a outra margem, coberta por uma vegetação compacta, de um verde intenso.

«Dizem que, quando as legiões romanas chegaram àquela margem e olharam para esta, julgaram que o rio era o Lethes e recusaram atravessá-lo.» relata Jack. «Tiveram medo de se esquecerem de

Roma e de tudo o que haviam deixado para trás. Foi preciso que o comandante atravessasse primeiro e provasse que não tinha perdido a memória para que eles obedecessem à ordem.»

«Deve ter sido um homem muito corajoso, esse comandante.»

«Ou muito ambicioso...»

«Há alguma coisa que não saiba sobre estas terras?»

«Imensas!» admite Jack. «Quem me contava a maior parte destas histórias era o meu avô. Acho que gosto de as recordar, para não me esquecer dele. Em tempos, houve ali uma praia. Foi antes de criarem a barragem.»

Apointa para o rio e, depois, na direcção da outra margem, para um lugar que afirma chamar-se Britelo, uma freguesia de Ponte da Barca.

«Naquela terra, dizem que viveu Dom Sapo. *Lord Toad*.»

«É uma história para crianças?»

«Não exactamente. A lenda descreve Dom Sapo como um homem muito rico, dono de todo o Britelo, que gostava de usufruir de um direito feudal: dormir com todas as noivas na véspera dos seus casamentos.»

«Que simpático.» ironizas.

«É verdade. Digamos que esse acto de tanta simpatia não agradou a um rapaz, que o matou antes que ele pudesse dormir com a sua noiva.»

«Suponho que tenha sido a única forma de resolver o assunto, mas esse rapaz não deve ter ficado numa situação muito boa.»

«Claro que foi apanhado e levado a julgamento. A lenda diz que o apresentaram ao rei, que iria ser o seu juiz, mas que, antes de começar o julgamento, o rapaz quis saber se uma promessa real podia ser quebrada. Obviamente, o rei respondeu que não e, então, o rapaz perguntou-lhe se deveria ser julgado por ter morto um sapo. O rei riu e respondeu-lhe com a promessa de não haver julgamentos no reino pela simples morte de um sapo. Só então alguém terá dito ao rei o nome do nobre que fora morto pelo rapaz, mas já era tarde: ele dera a sua palavra. O rapaz voltou para casa, casou com a sua noiva, e as raparigas de Britelo nunca mais tiveram de recear aceitar um pedido de casamento.»

«Afinal, é uma história para crianças. Foi o seu avô que lhe contou também essa história?»

«O meu avô dizia que o Dom Sapo andava à procura da mulher que o transformasse num príncipe.»

Riem e contornam a parede da igreja, descobrindo uma escadaria em pedra, no cimo da qual se encontra o relógio e dois sinos, de épocas diferentes.

«Aqui, é verdade aquele velha história dos morcegos no campanário.» afirma Jack, e aponta para uma porta em metal gradeado, que protege uma espécie de armário de pedra, lugar do mecanismo do relógio. Do outro lado, podes observar de perto a rosácea, que foi deixada fora do telhado.

«É uma pena...» lamenta Jack.

«Não sei se é uma pena... Tem qualquer coisa de imperfeito, quase original, que me agrada.»

Voltam a percorrer a escadaria de pedra e continuam o percurso em torno da igreja, que ele explica fazer também parte do ritual de pagamento de promessas, até se encontrarem de novo junto à porta lateral e aos degraus por onde descem em direcção à casa, passando pela outra, que apresenta uma inscrição.

«Casa das Esmolas.» lê Jack e explica que pertence à igreja.

«Foi restaurada há pouco tempo. No dia de São Bento, recebem aqui as ofertas dos peregrinos, que são as coisas mais estranhas: dinheiro, ovos, galinhas, sal, azeite, e cravos, muitos cravos. Os homens oferecem cravos vermelhos e, as mulheres, brancos. E, depois, claro há uma quantidade enorme daquelas peças em cera, que viu na igreja...»

Parece lembrar-se de algo.

«Há uma coisa que ainda não viu.»

Leva-te, então, até às traseiras da casa onde estão alojados, que um alpendre coberto por vinha protege do sol. Ali, a poucos metros da casa, estão dois arcos semi enterrados.

«São arcadas que, com certeza, fizeram parte do mosteiro. Talvez seja o que resta do antigo claustro.»

«Então, a casa onde estamos...?»

«Foi construída onde ficavam os monges? Provavelmente. Acho que, se começássemos a escavar neste local, teríamos algumas surpresas...»

Uma voz masculina interrompe a conversa. Viram-se e Jack reconhece de imediato o homem de cabelos brancos, que segura nas mãos um cesto cheio de laranjas.

«É o sacristão.» explica e apressa-se a cumprimentar o homem.

Aproximas-te também e Jack faz as apresentações, em inglês, porque o senhor João Soldado, sacristão de Santa Maria de Ermelo, tem dois filhos emigrados e cinco netos americanos. Depois, o cesto troca de mãos. É uma oferta de boas-vindas; o sacristão percebera, pelo jipe estacionado no largo do cruzeiro, que o neto de um velho amigo de infância estava na terra.

«Estas laranjas são...» começa a dizer Jack, terminando a frase com um gesto que certifica a qualidade superior dos frutos, mas o teu olhar está demasiado concentrado na expressão de espanto com a qual o sacristão te observa.

Jack convida-o para beber um Porto e sobem os três até à sala. Percebes que lhe pergunta pelo padre, enquanto serve as bebidas, embora o faça em português, e a resposta do sacristão fá-lo soltar uma exclamação.

«O que é que aconteceu?» perguntas.

«O padre Aurélio morreu.»

«Morreu... Quando?»

«Há pouco mais de uma semana.» responde Jack, após obter a informação de João Soldado, que não pára de te observar, sentado no lado oposto da mesa. «Julgam que tenha sido um ataque cardíaco. Estava sozinho em casa. Ele já devia ter mais de setenta e cinco anos...»

O sacristão abana a cabeça, confirmando, mas o seu olhar permanece fixo em ti, e mantém a mesma expressão de espanto, como se estivesse perante um fantasma.

«Pergunte-lhe com quem ele me acha parecida.» pedes a Jack, que não chega a fazer a pergunta, porque o homem percebeu e baixou de imediato os olhos.

«Pilar?» perguntas-lhe, recordando o nome que ouviras no Soajo.

João Soldado volta a olhar para ti e responde, em inglês: «Sim.»

Queres saber quem é essa mulher e onde está. O sacristão entende as perguntas, mas responde em português, talvez por lhe faltar inglês suficiente, ou porque as memórias desse tempo só existam naquele idioma. Jack senta-se também e ouve atentamente um relato, que hesita em traduzir, quando finalmente o homem pára de falar e bebe o Porto de um só trago.

«O que é que ele disse?» perguntas, com ansiedade.

«Não vai gostar, Sarah.» avisa Jack.

«Isso é indiferente. Quero saber o que ele lhe contou.»

Jack bebe um pouco de vinho, aparentemente para ganhar coragem.

«Há muitos anos atrás, com as pessoas que costumavam vir apanhar as laranjas, chegou ao Ermelo uma rapariga da Galiza... Quando os trabalhadores sazonais se foram embora, ela ficou, a trabalhar na casa de uns senhores das redondezas. Chamava-se Pilar.»

«Chamava-se?»

Jack bebe um pouco mais de vinho do Porto, antes de responder: «Afogou-se no rio.»

João Soldado olha-te tristemente e acrescenta, num inglês hesitante: «Tempestade... Cair no Lima... Morta.»

Jack completa: «Tinha havido uma grande tempestade. Ela deve ter caído no rio... A corrente levou-a até Ponte da Barca.»

«Ela esteve grávida?» perguntas.

«Ele não sabe.» traduz Jack. «Não estava, quando a encontraram.»

«Claro que não. Já tinha tido a criança... Ele era o sacristão, nessa altura?»

João Soldado abana a cabeça e responde com frases que não entendes.

«O sacristão era um primo dele, que morreu algum tempo depois, com uma pneumonia... Ele é sacristão só há pouco mais de dez anos.»

«Portanto, também não saberá dizer-nos se havia vestígios de uma mulher ter tido uma criança dentro da igreja...» declaras, tristemente. «De onde é que ela era? Na Galiza, quero eu dizer...»

«Não sei.» responde João Soldado, e acrescenta: «Lamento.»

Sorris, apesar de teres pouca vontade de o fazer, apenas para convenceres o pobre homem que não são as suas palavras que te deixaram triste. O relógio da igreja inicia a música que antecede o bater das horas e o sacristão levanta-se e dá uma explicação.

«Tem de ir buscar o gado, que deixou a pastar na serra.» informa Jack.

Agradecem as laranjas e acompanham-no até à porta.

Já está nos primeiros degraus, quando perguntas:

«Para quem trabalhava ela, ele sabe?»

O sacristão olha para trás e responde em português, mas tu compreendes perfeitamente, quando ele pronuncia a palavra Nogueira.

36.

Estás cansada e não te apetece jantar. Jack ignora os teus argumentos, serve-te carne estufada, arroz de forno, nabiças salteadas, e avisa: «Aqui, não comer é considerado um insulto.»

Regressaram à casa onde tomaram o pequeno-almoço e, agora, estão na sala reservada a almoços e jantares.

Torces o nariz, mas fazes um esforço e provas a comida. Depois, pousas os talheres e comentas: «Resumindo: a Pilar morreu, bem como o visconde e o padre, que estava, com certeza, por dentro do assunto. Só vamos conseguir descobrir a verdade com uma sessão espírita.»

Jack ri.

«É uma ideia...»

«Também posso tentar convencer todos os habitantes da região a fazerem um teste de ADN, para saber de quem sou parente...»

Jack volta a rir.

«É uma outra ideia... Mas importa assim tanto, saber quem são, ou foram, os seus pais?»

Encolhes os ombros.

«Não sei.»

«A mim, parece-me que a história do anjo é muito mais...»

«Romântica?» perguntas, num tom irónico.

«Interessante.» corrige Jack.

Abanas a cabeça.

«Muito interessante...» murmuras. «É óbvio que sou filha dessa Pilar.»

Jack concorda.

«A não ser que seja uma enorme coincidência.» é a única ressalva que coloca.

«Agora, quem é o meu pai...»

«Eu apostaria nesse visconde.» declara Jack.

«Talvez... A pessoa que me contou a história do meu nascimento, comentou que apenas a mulher do visconde não parecia muito satisfeita com o meu aparecimento. Talvez ela soubesse... Suponho que também não esteja contactável... Brasil, não foi o que disse?»

«Brasil, exacto. Talvez a família já tenha regressado... Houve muita gente que regressou, mas... Posso perguntar-lhe o que aconteceu em casa do visconde de Nogueira? Esses senhores ingleses resolveram adoptá-la?»

«De uma forma algo tortuosa...» respondes e tentas reproduzir de forma exacta o monólogo de Margot Darlington Almstead.

Jack ouve em silêncio, mas acaba por exclamar: «Então, o padre Aurélio foi cúmplice nessa falsificação de registo de nascimento! Não admira que estivesse pouco interessado em conversar sobre o assunto.»

Sorri, com ar de quem começa a ver um *puzzle* a completar-se.

«Suponho que o tenha feito com as melhores intenções.»

«E todos sabemos como elas tendem a encher o inferno.» acrescenta Jack.

«O padre saberia que ela estava na igreja?» perguntas.

«Pilar? Talvez tenha desconfiado, quando viu o bebé.»

«Por que teria ela feito uma coisa dessas? E, depois, aquela morte no rio... Terá sido apenas um acidente?»

«Pensa que...?»

«Devia estar desesperada...» comentas e, pela primeira vez, sentes que estás a falar de algo mais do que apenas um nome.

«Mais perguntas que respostas.» conclui Jack.

«Uma, em especial, para a qual nunca conseguirei uma resposta.»

O olhar dele pede-te que a formules.

«Sou católica?»

Jack sorri.

«Tenho a certeza que sim.»

«Como pode dizer isso?» perguntas, escandalizada.

«Eu sou católico.» responde ele. «Acho que pode confiar em alguém que tem avós portugueses e irlandeses para reconhecer outro católico a milhas.»

Ris, mas abanas a cabeça.

«O assunto é sério, Jack.»

«Claro que é. Mesmo que não seja católica, pode sempre casar-se comigo e...»

«Acho que a religião não funciona exactamente como a nacionalidade.» interrompes.

«Mas devia.» afirma ele.

Surpreende-te a sua expressão, subitamente séria.

«Não está a brincar...» concluis, sem acreditar no que se está a passar.

O olhar dele contém mais confirmação do que aquela que estás preparada para aceitar.

«Conhecemo-nos há pouco mais de um dia, Jack!» exclamas. «Como pode estar a pensar...?»

«Se me explicar o que é que sentimentos têm que ver com racionalidade, talvez eu consiga responder-lhe.» argumenta ele.

Sorris e concedes-lhe o ponto que ele não sabe ter acabado de ganhar, num jogo que nem imagina existir. Trevor. Se ele estivesse ali, se tu ainda estivesses com ele... Mas nunca estiveste. Observas o rosto generoso que te sorri, com uns olhos castanhos, tão claros, que parecem quase amarelos. Nunca estiveste com Trevor. Nem alguma vez estarás. Sempre o soubeste. A empregada aproxima-se e Jack pergunta-te algo que só percebes quando ele repete a questão: «Vai querer sobremesa?»

Olhas para o prato, que ainda apresenta metade da comida que ele ali colocou.

«Acho que sim. Pode ser desse *crème brûlée* que cura dentadas de animais peçonhentos.»

Aguardam pela sobremesa em silêncio, sem desviarem o olhar um do outro.

«Foi por isso que fez aqueles comentários absurdos sobre o Ewan Thomas? Queria saber se havia alguma coisa entre nós?» perguntas, depois de a empregada ter deixado as sobremesas.

Ele pousa a colher e admite: «É verdade. Mas não foram exactamente absurdos... O Ewan gosta mesmo de si.»

Fazes uma expressão de descrença e ele pergunta: «Acredita no destino?»

«Não sei. Devia?»

«Aqui, acreditam. Chamam-lhe fado.»

37.

Voltaste ao local por trás da igreja do mosteiro, onde o muro se transforma numa varanda sobre o rio Lima, iluminado pela luz ainda suave das primeiras horas da manhã. Sentes uma estranha calma naquele lugar. Estranha, porque achas que deverias sentir apreensão, ou qualquer outro sentimento mais adequado àquilo que suspeitas que se tenha passado. Recordas o comentário de Jack sobre sentimentos e racionalidade e sorris. O ar parece-te doce. Por momentos, julgas ver o conde, esse guerreiro dos teus sonhos, passeando ao longo de um caminho traçado acima das laranjeiras que emergem da água, vítimas da barragem. Ele ergue a mão, como se pretendesse acenar-te, e queres responder-lhe, mas a voz de Jack quebra o encanto.

«Se quisermos chegar ao Porto a tempo do seu voo, precisamos de sair agora.» informa ele, sem grande entusiasmo.

«Sim, o meu voo.» recordas.

«Por que é que não fica?» pergunta Jack. «Tem alguma coisa que a obrigue a voltar?»

«E você, Jack, não tem que voltar?»

«As aulas só recomeçam daqui a umas semanas...»

«Não era a isso que eu me referia.»

«Eu sei a que é que se referia... A resposta continua a ser: as aulas só recomeçam daqui a umas semanas. Por que é que não fica?»

Aguarda por uma resposta que não dás.

«Pelo menos, por uns tempos.» insiste. «Até saber para onde gostaria realmente de ir.»

Fitas de novo a outra margem do rio, onde a vegetação é de tal forma densa que cobriu todos os caminhos alguma vez traçados por pés humanos. Não irás apanhar esse voo de regresso — talvez porque, de certa forma, sintas que já o fizeste.

Mais uma viagem em busca de uma memória. Inútil como todas as outras. A praia parece não ter fim. O mar está revoltado, anunciando o fim do Verão. Espero por ti, mesmo sabendo que não virás. Não aparecerás a meu lado, fingindo espanto por me encontrares aqui. Ainda assim, teimo em esperar.

38.

Estava de novo no lançamento do seu livro. Michael aproximava-se para se despedir e comentava algo. Não conseguia perceber as palavras e, depois, ele saía. Mas, no sonho, Michael transformava-se em Nigel Haslam e Sarah afastava-se com ele, deixando-o sozinho numa sala inesperadamente vazia. Acordou subitamente e, sem saber porquê, ouviu de forma perfeita as palavras que Michael lhe dissera «Devias ter lido Borges.», logo seguidas pelas de Marta, que conduzia o jipe do professor: «Talvez seja melhor pararmos na próxima área de serviço, para jantarmos.»

Ao seu lado, o professor anuiu e virou-se para trás, para verificar se Jack ainda dormia.

«Então, meu caro, acha que consegue jantar?»

Jack abanou a cabeça, tentando libertar-se do torpor que ainda lhe ficara do sonho.

«Foi o whiskey que me fez dormir...»

«Bem, há muito que os irlandeses descobriram as qualidades medicinais da sua água da vida, entre elas, a cura para as insónias... Mas não para os pesadelos, claro.»

Teria falado enquanto sonhara? Jack não se atreveu a perguntar. Marta não tirava os olhos da estrada e era impossível concluir o que quer que fosse a partir da expressão do professor. Acabou por garantir estar pronto para jantar, independentemente do que isso representasse numa área de serviço de uma auto-estrada portuguesa.

«Não é assim tão mau!» assegurou Marta e entrou no desvio que dava acesso ao parque de estacionamento, onde conseguiu um lugar mesmo em frente do edifício principal.

Saíram para a noite quente e ela acendeu de imediato um cigarro.

«Estava mesmo a precisar de nicotina!»

Parecia cansada, mas não demasiado nervosa. Talvez o professor lhe tivesse dado informações suficientes sobre o paradeiro da irmã, ou o simples facto de saber que aparentemente nada de grave lhe acontecera, desta vez, a deixasse mais descontraída. Entraram no edifício e sentiram de imediato a descida da temperatura provocada pelo ar condicionado. Marta informou-os que, antes de jantar,

precisava de ir à casa de banho. Os dois homens acabaram por lhe seguir o exemplo.

«Soube sempre onde o Michael estava, não é verdade?» perguntou Jack, olhando o reflexo do professor no espelho, quando já ambos lavavam as mãos.

Nigel Haslam negou.

«Soube sempre quais eram os planos dele, sim, mas não exactamente onde se encontrava.»

Acabaram de secar as mãos e saíram, aguardando um momento por Marta, que abandonou a casa de banho quase ao mesmo tempo, e dirigiram-se os três para o restaurante, onde não havia muitas pessoas. Retiraram os tabuleiros e foram inspeccionando a comida disponível, à medida que os empurravam ao longo de uma prateleira que Jack comparou a carris, no final da qual se encontrava a máquina registadora. Decidiram-se por um lombo assado com arroz árabe e o professor escolheu um vinho tinto que declarou razoavelmente bom, comentando: «Correndo o risco de o fazer dormir novamente...»

Marta mantivera-se fiel ao chá gelado e, com os tabuleiros já cheios, Jack retirou o cartão de crédito que o velho Carver lhe dera, com intenção de pagar as refeições, mas Nigel Haslam impediu-o.

«Não me parece necessário facilitar a vida ao meu meio-irmão.»

Jack compreendeu de imediato e guardou o cartão, deixando o professor pagar com dinheiro. A partir daquele momento, soube que Todd Carver só voltaria a pagar despesas, quando ele estivesse de volta a Lisboa.

Encontraram uma mesa num canto sossegado, longe da televisão e numa área para fumadores, por respeito ao vício de Marta. Para comida de restaurante de área de serviço, o lombo não estava realmente mau. Marta agradeceu com o olhar o comentário de Jack, que perguntou: «Exactamente, para onde vamos?»

A pergunta fora dirigida para o professor, mas foi ela quem respondeu:

«Matalascañas. Fica perto de Huelva. A Catarina sempre gostou muito de Matalascañas.»

Nigel Haslam limitou-se a sorrir. Estava explicado o motivo para a calma que a expressão de Marta, habitualmente tensa, parecia ter ganho. Quando terminaram de comer, ela levantou-se para ir buscar

os cafés, recusando a oferta de Jack, que tentara ser ele a fazê-lo, com a justificação de precisar também de comprar tabaco. Assim que ficaram os dois sozinhos, Jack não resistiu a perguntar:

«É o professor que está a financiar esta aventura do Michael, não é verdade? Uma das coisas que Todd Carver me disse é que o filho não estava a utilizar nenhum dos cartões de crédito, nem sequer mexera no dinheiro do seu *trust fund*.»

Pela primeira vez, desde que tinham saído de Lisboa, o gato de Cheshire reapareceu.

«Controlar as pessoas através do dinheiro é uma velha estratégia Carver.

Foi o único comentário que fez e Jack sabia que se dirigia também a ele.

Marta regressou com os cafés e colocou-os na mesa, antes de se voltar a sentar.

«Acho que conseguimos chegar a Matalascañás em duas horas.» declarou, como se alguém lhe tivesse confirmado essa ideia ao balcão.

«Sem sermos detidos pela polícia?» perguntou o professor, num tom que não era totalmente jocoso.

«Sem sermos detidos pela polícia.» garantiu Marta, acrescentando: «Nem aqui, nem em Espanha, o que seria uma situação mais complicada.»

Falava obviamente dos limites de velocidade, mas Jack percebeu que fora ele a razão para o comentário.

39.

Marta não errara nas previsões; passadas pouco mais de duas horas, depois de cruzarem a fronteira e passarem pelo exterior de Huelva, seguiram por um desvio para Mazagón e, após percorrerem uma longa estrada paralela à costa, escondida pelas dunas que lhe explicaram pertencerem ao Parque Nacional de Doñana, chegaram a uma rotunda onde se lia Matalascañas. Marta contornou a rotunda e tomou a direcção do povoado, que Jack rapidamente percebeu tratar-se de uma zona turística, pela quantidade de nomes de hotel que brilhavam na escuridão, bem acima da iluminação pública.

«Vire aqui.» disse o professor e Marta obedeceu, entrando num labirinto de ruas estreitas, ajardinadas e limpas, nas quais se alinhavam inúmeras moradias, protegidas por pequenos jardins.

«Siga as indicações para o Hotel El Flamero.» aconselhou novamente o professor.

Se o caminho fosse feito a pé, nem sequer seria necessário seguir indicações, porque bastaria olhar para cima para encontrar o nome do hotel. Jack pensou que Michael e Catarina se tivessem refugiado ali, mas, quando chegaram ao hotel, Nigel Haslam pediu a Marta que continuasse. Deixaram o hotel para trás e seguiram pela mesma estrada, onde novamente apenas se viam moradias, até que o professor declarou: «É aqui.»

«Tem a certeza?» perguntou Marta, parando o jipe.

«A certeza? Não. Mas foi aqui que estivemos, quando... O Michael conhece esta casa.»

Desceram e Nigel Haslam avançou rapidamente na direcção do portão. Quando Jack chegou ao pé dele, já o professor tinha premido o botão da campainha.

«Estão em casa.» afirmou ele, apontando para as luzes na moradia.

Voltou a tocar e não passou muito tempo até que a porta principal se abrisse e um homem aparecesse, recortado pela luz que provinha do interior, impossível de reconhecer. Só quando começou a andar na direcção deles, Jack pôde perceber que se tratava de Michael Carver. Não demonstrou admiração pela presença deles, nem mesmo quando cumprimentou Jack.

«O velho sempre acabou por te apanhar.» comentou, e Jack ficou sem saber se ele se referia a Todd Carver ou ao professor Nigel Haslam.

Atravessaram o pequeno jardim e entraram na casa, que se encontrava fresca, apesar do calor que se fazia sentir no exterior.

«A Catarina está a descansar no terraço.» informou Michael Carver.

Era óbvio que se dirigia a Marta e ela apenas esperou que ele lhe explicasse por onde se chegava lá para desaparecer à procura da irmã.

«Chegámos há pouco mais de uma hora.» explicou Michael.

Sob a luz do enorme *hall*, Jack pôde ver o quanto ele estava bronzeado, com o cabelo louro quase branco por causa do sol. Tinha bom aspecto e parecia feliz, uma emoção que Jack não recordava ter alguma vez visto no seu rosto. Levou-os para uma sala igualmente ampla, decorada com mobiliário em bambu e vime, cujos tons contrastavam com uns enormes vasos feitos de fibras naturais e pintados de vermelho. Uma janela panorâmica permitia ver o terraço, para o qual se acedia através de uma pequena porta azul e, nele, as duas irmãs que conversavam, encostadas à balaustrada de pedra. Para lá delas, adivinhava-se o mar, oculto pela noite sem luar. Nas paredes, havia várias telas e Jack reconheceu de imediato o estilo de uma delas.

«Foi a Sarah quem pintou aquela tela?» perguntou, apontando para o quadro.

Michael, que se aproximara do móvel onde se encontravam as bebidas e se ocupava a distribuir o conteúdo de um jarro por várias taças, virou-se e confirmou as palavras de Jack com um olhar.

«Não sabia que ela voltara a pintar.» admitiu Jack, observando a tela atentamente.

Ninguém lhe respondeu e o regresso das duas irmãs, animadas como Jack não pudera ainda vê-las, adiou o assunto, que certamente não fazia parte dos pensamentos de Michael, quando anunciou:

«*Margaritas* para todos!».

«Talvez seja boa ideia explicares o que estamos a comemorar.» aconselhou o professor ao aceitar a taça que ele lhe oferecia.

As irmãs Mascarenhas riram e Jack olhou com ar interrogador para Michael, que se encostou a Catarina e declarou: «Casámo-nos hoje, em Sintra.»

«Parabéns!» declarou Jack, mas apenas porque não sabia o que mais poderia dizer.

Brindaram à saúde do casal e, logo após o brinde, Catarina propôs que fossem visitar o clube, ideia que pareceu agradar a Marta.

Jack nem perguntou de que se tratava; limitou-se a seguir o grupo até ao jipe, para que Michael não tivesse de tirar o seu carro da garagem. Foi Michael quem os conduziu durante alguns minutos, até uma zona onde, aparentemente, as pessoas se concentravam para jantar, beber e apreciar a noite quente, que uma suave brisa marítima tornava ainda

mais agradável. Ao longo da avenida principal, sucediam-se bares e restaurantes, todos eles cheios de gente, que se divertia e conversava, ao som das diferentes músicas que pareciam competir pela atenção daqueles que ainda passeavam, indecisos, pelos passeios. Michael encontrou um espaço para estacionar quase no final da avenida, em frente de um pequeno edifício de dois pisos que, ao contrário dos restantes, permanecia encerrado. Na fachada principal, podia ler-se “Cyber Club” em néon apagado e Jack não precisou que Michael retirasse as chaves do bolso e abrisse a porta para compreender que se tratava do novo brinquedo do amigo. Michael ligou as luzes e Jack descobriu um espaço decorado de forma simples, mas colorida, com vários computadores e *vending machines*.

«Nas paredes, vão ficar telas da Catarina.» explicou Michael. «Lá em cima, é o escritório e uma espécie de atelier.» e acrescentou: «Para não termos de ficar separados.»

Catarina sorriu, agradecida, e Jack reconheceu no rosto dela o sorriso de Marta, que talvez tivesse sido o principal motivo para o seu envolvimento com ela.

«Quando abre?» perguntou, desviando o olhar para Michael.

«Na próxima sexta-feira. Vamos fazer uma festa à altura do evento. Estão, obviamente, convidados... Só estou à espera que os tipos da informática acabem de configurar estas coisas.» Pousou a mão numa das caixas onde os futuros clientes iriam depositar as moedas, para acederem à Internet. «Depois, é tudo controlado a partir dali.»

Referia-se ao equipamento que se encontrava sobre um balcão, no fundo da sala, próximo das escadas que davam acesso ao piso superior.

«Confesso que tudo isto me ultrapassa...» admitiu o professor.

Michael riu.

«Prometo mandar colocar o site do Louvre como *home page*.»

Nigel Haslam encolheu os ombros.

«Não é a mesma coisa, mas admito que possa ser qualquer coisa, para quem nunca ouviu falar do Louvre, ou do Prado, ou da Courtauld Gallery...»

«Ou que, simplesmente, não pode visitá-los.» argumentou Marta.

«Sim, isso também.» aceitou o professor.

«Bem, se quiserem, podemos ir lá acima, mas aquilo ainda não está apresentável...» interrompeu Michael. «O que acham de tomarmos qualquer coisa por aqui? Se tiverem fome, também podemos comer. Os espanhóis jantam tardíssimo!»

Saíram e acabaram num largo repleto de esplanadas de restaurantes, ao qual se acedia por ruas estreitas, e onde se continuava a servir comida e bebida a quem ocupava as mesas; famílias completas, com avós de bengala e carrinhos de bebé. Michael fê-los sentar na esplanada de uma casa que aparentava ter pouco mais do que uma cozinha e um balcão com balanças, ao qual ele e Catarina se foram encostar. Regressaram com gambas, lagostins cozidos e choco frito, embrulhados em folhas de papel pardo, e cervejas para todos. Michael abriu os cartuchos no meio da mesa, mas limitou-se a provar o choco frito e Jack recordou subitamente que ele era alérgico a marisco, algo que se lembrava de ouvir o velho Todd Carver considerar um sinal de fraqueza. Também o professor parecia dispensar o marisco. Marta elogiou os lagostins e perguntou a Nigel se não os queria provar, mas ele respondeu que era um homem velho, com velhas entranhas.

«Se como isso, a esta hora da noite, amanhã acordo sem vesícula.»

Riram e continuaram a comer e a beber, até Catarina se queixar de cansaço. Michael concordou de imediato que o dia tinha sido longo e o grupo refez o caminho até ao jipe e ao néon apagado do “Cyber Club”. Em poucos minutos, estavam de regresso à sala com os móveis em vime e a tela de Sarah, que Jack observou de novo.

«Lamento informar-vos disto, mas nesta casa só há três quartos...»

«Eu não me importo de dormir no chão.» declarou precipitadamente Jack, antes de perceber que Michael fizera o comentário com ironia.

Marta olhava-o de uma forma que Jack considerou escandalizada.

«Não me parece que haja necessidade de dormires no chão.» comentou Michael com ar trocista e Jack anuiu.

O olhar que lançou a Marta continha um pedido de desculpas.

40.

Acordou mal os primeiros raios de sol invadiram o quarto. Marta mexeu-se, quando Jack se sentou na cama, mas ele sussurrou-lhe que era muito cedo e aconselhou-a a dormir. Levantou-se, vestiu os

calções e a t-shirt que Michael lhe emprestara, «Para o caso de precisares de um pijama, o que duvido...», e percorreu os poucos metros que separavam o quarto da casa de banho mais próxima. Depois, atravessou o corredor na direcção da sala. O seu objectivo era observar o quadro de Sarah, sem ser perturbado pelos olhares ou pelas interpretações dos outros, mas aquilo que primeiro viu foi Michael, no terraço, vestido com uma t-shirt e uns calções não muito diferentes dos seus e igualmente descalço, que, encostado à balaustrada de pedra, parecia apreciar a paisagem. Saiu para o terraço e aproximou-se dele.

«Aqui, este é o meu momento preferido do dia.» declarou Michael e inspirou profundamente, como se quisesse captar a essência do mar que se prolongava até se confundir com o céu.

Depois, virou-se para Jack e perguntou: «Já pensaste no que vais dizer ao velho?»

«Estás com medo que eu te traia?»

«Como eu te traí a ti? É isso que queres dizer?»

«Não sei se me traíste. Afinal, sempre te esforçaste para me arranjar uma editora...»

«Essa história com a Gwen não correu lá muito bem...» lamentou Michael, voltando-se de novo para o mar. «Acho que não poderia ter imaginado que ela iria... Foi um bocado radical... Da parte dela, quero eu dizer. E, depois, perder a criança daquela forma...»

«Houve muitas coisas que eu não imaginei.» afirmou Jack, olhando também o mar.

Não se referia à tentativa de suicídio de Gwen Hart e Michael também não, quando respondeu: «Acredita que eu tentei convencê-la a falar contigo, mas tu sabes como ela é.»

«Sim. Pelo menos, sabia... Ou talvez nunca tenha realmente sabido. Já não sei.»

Ficaram em silêncio durante uns momentos e foi Michael quem finalmente voltou a falar: «De qualquer forma, não precisas de te preocupar com o outro assunto. Ontem, telefonei ao velho e ele vai ficar sossegado. Para todos os efeitos, tu cumpriste a tua parte no negócio.» Riu. «Só não garanto que ele não tenha cancelado já o cartão de crédito que te deu... Quanto ao hotel e ao teu bilhete de

regresso aos Estados Unidos, não há problema. Ele garantiu que os pagava. Se ele não tivesse garantido, arranjava-se qualquer coisa.»

«Não sei se quero regressar.» confessou Jack.

Michael fez uma expressão de assentimento.

«Também me parece uma boa ideia. Se quiseres vir trabalhar comigo...»

Foi Jack quem riu, dessa vez.

«Vou pensar nisso.»

«Não é assim tão mau negócio.» garantiu Michael. «Trabalhamos três ou quatro meses como loucos e descansamos durante o resto do ano. Podias voltar a escrever. Não serias o primeiro escritor americano a encontrar inspiração em Espanha.»

«Eu sei disso. Portanto, a Catarina pinta, eu escrevo, e tu?»

«Eu? Eu vou observar aves para Doñana e critico aquilo que vocês fizerem.»

«Rico plano...»

Michael voltou a rir e Jack perguntou:

«Como foi que conseguiste travar o teu pai? Ele não costuma desistir facilmente. A acreditar no professor, não desiste nunca.»

«Digamos que usei um trunfo. Eu sempre soube que iria descobrir um, mais cedo ou mais tarde.»

«Não deve ter sido um trunfo, deve ter sido uma bomba.» comentou Jack.

«Holocausto nuclear, meu amigo, holocausto nuclear.» respondeu Michael, sorrindo de uma forma enigmática que, por segundos, fez Jack recordar o gato de Cheshire sonhado por Lewis Carroll.

«Tenho uma coisa para ti!» afirmou Michael de repente, e desapareceu dentro da casa, para regressar pouco depois, com um livro, que lhe entregou, aberto no início de um conto.

«Lê.» ordenou.

«As Ruínas Circulares...» leu Jack e, fechando-o para ver a capa, observou: «Jorge Luís Borges, outra vez? O que é esta obsessão com Borges?»

«Lê.» insistiu Michael. «Esse está em inglês.»

«Era isto que a Sarah estava a ler, quando... Ela esteve aqui, não esteve? Sabes onde ela está agora?»

As perguntas de Jack ficaram por responder, porque Catarina apareceu no terraço, elogiando o dia, o mar, e declarando uma enorme vontade de pintar o mundo.

«Primeiro, podemos tomar o pequeno-almoço?» perguntou Michael, depois de a beijar.

Afastaram-se os dois, abraçados, e Jack poderia jurar que houvera pena no olhar que ela lhe lançara, antes de desaparecerem dentro de casa. Observou ainda, por mais algum tempo, o mar e a praia, que começava a encher-se de pessoas. Depois, sentou-se numa das espreguiçadeiras que havia no terraço, esticou as pernas, e começou a ler.

41.

O professor sentia-se um pouco indisposto, talvez por culpa do almoço que tinham comido com Michael e Catarina num dos restaurantes da praia, em Matalascañas, e Marta sugeriu que parassem em Vila Real de Santo António, para andarem um pouco e tomarem algo fresco. Tiveram sorte e conseguiram um lugar para estacionar o carro na avenida marginal, ao longo da qual se sucediam esplanadas de restaurantes e cafés.

«Há uma praça muito simpática já ali, longe do trânsito.» informou ela.

Atravessaram a rua e percorreram alguns metros, até contornarem um edifício e entrarem numa praça, onde várias pessoas apreciavam o bom tempo e a música agradável e calma que se fazia ouvir. Escolheram uma mesa numa das esplanadas e estavam prestes a sentar-se, quando Jack ouviu alguém chamar o seu nome.

«Jack? Jack Barreira!»

Apenas as pessoas da sua família materna o tratavam por esse nome. Virou-se e encontrou um rosto do passado.

«Francisco?»

O homem abraçou-o e disse algumas palavras em português, de forma entusiasmada. Depois, afastou-se e riu.

«Não percebeste nada do que eu disse, pois não?» perguntou num inglês com sotaque americano.

Jack encolheu os ombros e riu também.

«Estava a dizer que não te via há séculos! Desde que o tio...»

Não continuou a frase.

«É verdade. Agora, vives aqui?»

«Aqui? Não! Estamos só a passar férias. Esperem aí, que eu vou chamar a minha mulher e os miúdos...» pediu, mas hesitou enquanto olhava para Marta e para Nigel Haslam.

«Deixa que te apresente os meus amigos Marta Mascarenhas e o professor Nigel Haslam. Marta, professor, este é o meu primo Francisco.»

«Francisco Mendes.» completou o primo, ao estender a mão.

«Muito prazer.» afirmou o professor.

Marta também correspondeu ao cumprimento e acrescentou: «Sou portuguesa.»

Francisco Mendes iluminou o rosto com um novo sorriso de satisfação e voltou a pedir que esperassem pelo seu regresso, para conhecerem a mulher e a prole. Desapareceu no interior de um restaurante e Jack aproveitou para criticar as expressões de Marta e do professor.

«Estão divertidos?» perguntou.

«Ele parece ser boa pessoa.» comentou Marta, sem responder à provocação.

«O Francisco? O Francisco é estupendo. Era a minha companhia, quando passava férias no Minho com o meu avô.»

«É seu primo?» quis confirmar o professor.

«Filho de um sobrinho do meu avô.» explicou Jack.

«Um sobrinho que não se deixou seduzir pela terra prometida?»

«Não. Ele também se deixou seduzir, mas nunca se conseguiu adaptar. Costumava dizer ao meu avô que, nos Estados Unidos, lhe faltava o ar...»

«Raízes profundas.» afirmou Marta.

«Desculpe?»

«Há pessoas assim: com as raízes demasiado enterradas. Não conseguem sobreviver longe da sua terra.»

«Pensei que isso só acontecesse com os vampiros... Os caixões onde dormem não costumam estar cheios com terra da Transilvânia?»

«Que horror! O Jack percebeu o que eu quis dizer.»

«Percebi? Talvez... E acha que também pode acontecer nascermos num local onde nunca iremos conseguir enterrar as nossas raízes?»

O regresso do primo Francisco impediu que Marta respondesse. Vinha acompanhado por uma mulher de cabelos ruivos e por duas crianças pequenas de idades aproximadas.

«A minha mulher, Teresa, e os meus filhos, Diogo e Mariana.» apresentou, orgulhoso.

Cumprimentaram-se e as crianças foram incitadas a beijar os adultos, apesar da sua notória relutância em fazê-lo. Apenas Nigel Haslam teve coragem para as isentar dessa obrigação. Acabaram por se sentar os quatro numa mesa da esplanada mais próxima, enquanto Teresa acompanhava os filhos que queriam correr atrás dos pombos. Jack e Marta pediram bebidas frescas, o professor pediu chá e Francisco aceitou um café.

«Não sabia que tinhas voltado a Portugal...» comentou Francisco, num tom que deixava transparecer alguma recriminação.

«Foi uma coisa pouco planeada.» tentou justificar Jack.

«Seja como for, tens de nos visitar.» Abriu a carteira e procurou um cartão, que entregou a Jack.

«A morada da fábrica também está aqui e o número do meu telemóvel. Não te atrevas a voltar para os *States* sem passar lá por casa!»

Jack prometeu fazê-lo e perguntou: «Continuas no negócio do mobiliário?»

«Claro. Alguém tem de continuar o negócio da família, não é assim? Mas também me meti noutras coisas... Abri uma escola de línguas.»

A expressão de surpresa de Jack fê-lo sorrir e explicar melhor.

«É um *franchising*. A Teresa já dava aulas de inglês e eu preferi arriscar algum dinheiro a vê-la saltar de escola todos os anos, especialmente depois de termos tido os miúdos.»

Marta concordou e Francisco, assim que descobriu que ela também era professora, tratou de chamar a mulher. Teresa regressou com as crianças, que relutantemente aceitaram tomar um lugar à mesa, e iniciou de imediato uma conversa com Marta, que Jack desistiu de tentar seguir, não só por se desenrolar em português, mas porque Francisco continuava a querer falar sobre a família. Quis saber como estava a tia Helen e os tios Tony e Bert, de quem o pai se lembrava muitas vezes, e deu novidades sobre parentes cujos nomes Jack há muito esquecera. As crianças continuavam impacientes e Francisco foi obrigado a admitir que a conversa teria de ficar para outra altura, porque era o último dia que ficavam no Algarve e ele prometera aos filhos que passariam a tarde na praia. Mas não abandonou a mesa sem obter de novo a promessa de uma visita e Jack garantiu que iria procurá-los antes de regressar aos Estados Unidos — só assim Francisco Mendes se resignou a seguir os filhos que puxavam Teresa na direcção de outra promessa. Quando finalmente desapareceram, para lá dos edifícios que delimitavam a praça, Marta perguntou: «Vai mesmo visitá-los?»

Jack levou algum tempo até responder: «Acho que sim.»

Ela sorriu, acendeu um cigarro e disse: «A minha resposta à sua pergunta é: sim.»

«Sim?»

«Sim, acho que é possível sentirmos que nascemos no local errado.»

«Acho que a questão não era bem nascer no local errado...» comentou o professor.

«Não?» questionou Marta.

«Não.» respondeu Jack, sem dar hipótese de ser o professor a fazê-lo.
«Eu gosto de Nova Iorque. Sinto-me bem em Nova Iorque, mesmo apesar da tragédia...»

«Refere-se ao onze de Setembro?» perguntou Nigel.

«Também.»

«Mas não se sente em casa, não é verdade?» insistiu Marta.

«Em casa?»

«Sentimo-nos bem num local, não implica que nos sintamos em casa. O sentimento é diferente... Acho que se relaciona com a noção de pertença. Sentir que se pertence a um local, tanto quanto ele nos pertence.»

«Parece-me uma ideia demasiado romântica.» esgarçou Jack, sem se atrever a encarar a expressão que adivinhava no rosto de Nigel Haslam. «Sente-se assim em algum lado?»

«Em Lisboa.» respondeu Marta. «Sinto-me assim em Lisboa. Mais do que ser apenas o local onde moro, é a minha casa.»

«Então, a ideia de se ser cidadão do mundo...?»

«Raízes aéreas.» respondeu ela, com o mesmo tom de brincadeira em que fora feita a pergunta.

«Talvez as minhas sejam desse tipo.» considerou Jack.

«Duvido.» discordou Marta. «Acho que simplesmente nunca quis descobrir onde poderia fixá-las.»

O professor limitou-se a sorrir.

42.

«Estou quase morto.» declarou Nigel Haslam, assim que saiu do jipe, próximo da porta do seu prédio.

«Mas ainda tenho energia, ou falta dela, para apreciar um copo de bom whiskey.»

Voltou a enfiar a cabeça dentro do carro e, virando-se para Marta, acrescentou: «Compreendo que não possa aceitar o meu convite.

Afinal, tem de ir acalmar os seus pais. Diga-lhes que a filha agora se chama Mrs Michael Carver. Os pais costumam ficar calmos com essas pequenas coisas. Leve o meu carro. Pode trazê-lo só no final da semana. É o único momento em que me parece que vá precisar dele.» concluiu, referindo-se, obviamente à inauguração do clube de Michael.

Marta fez uma expressão de assentimento e afastou-se ao volante do jipe do professor, depois de ter pedido a Jack que lhe telefonasse no dia seguinte.

Caminharam os dois, lentamente, até à porta do prédio, entraram e subiram no velho elevador, que estremeceu de um modo ameaçador até atingir o segundo piso. Quando, por fim, voltaram a sentar-se, desta vez numa outra sala, repleta de livros e papéis, que certamente servia de escritório, frente a uma nova garrafa de whiskey, Nigel informou: «O seu telemóvel está lá dentro.»

«Não sei se o quero.»

O professor pareceu compreender a reacção de Jack e comentou: «Parece-me que temos uma conversa por acabar.»

Jack concordou.

O professor fitou-o por segundos e, depois, perguntou: «Tem alguma coisa para me dizer?»

«Apenas uma pergunta para lhe fazer.» afirmou Jack.

Nigel Haslam fez um gesto que o convidava a colocar a questão e ele aceitou o convite.

«Também é alérgico a marisco, não é verdade?»

O professor sorriu, mas não o habitual sorriso de gato de Cheshire, e começou a servir o whiskey. Empurrou um copo na direcção de Jack e recostou-se na velha cadeira de braços, que chiava de cada vez que rodava. Manteve o sorriso triste enquanto apreciava o dourado escuro do líquido que enchia meio copo e só depois de o beber recomeçou a falar.

«Poderia responder-lhe que há, certamente, milhões de pessoas alérgicas a marisco. Sim, é verdade: eu poderia dizer isso e não estaria a mentir, mas...»

Parou de falar e voltou a encher o copo. Jack não se atrevia a interromper, temendo que o professor desistisse de lhe contar aquilo que ele já adivinhava.

«Conheci a mãe do Michael em Lisboa. Na altura, eu ainda estava no Foreign Office e tinha sido colocado em Portugal, para trabalhar em conjunto com Sir Godfrey Heston, o adido cultural britânico, naquilo a que ele chamava “educação das bestas”. Não era, obviamente, um cargo importante, nem eu teria querido ocupar algum que me obrigasse a demasiado protagonismo, mas permitia-me passear por Lisboa e conhecer pessoas, especialmente artistas plásticos e escritores. As festas da embaixada, nesse tempo, também não eram propriamente más. Foi numa delas que me apresentaram James Knightley, que tinha interesses na produção de vinho do Porto, e a sua filha, Emma.» Bebeu um pouco mais de whiskey e continuou: «Emma Knightley... Estou certo que os pais não resistiram ao apelo de um certo charme vitoriano quando lhe deram o nome, mas ela estava longe de ser uma personagem dessa época. Era Simonetta Vespucci, pintada por Piero di Cosimo. Uma visão... Naquela noite, não houve um único homem, novo ou velho, que não tivesse ficado impressionado pela sua beleza. Havia algo de vital, nessa beleza, que nos deixou... esmagados, acho que seria o termo correcto.»

Jack recordou Mrs Carver e o único adjectivo que encontrou para a beleza dela, impossível de ignorar, foi triste.

«Eu não era exactamente um jovem naquela época...» comentou o professor e riu de imediato. «Quem é que querei enganar? Eu era um homem que acabara de fazer quarenta e, no entanto, entre todos os outros, jovens ou nem tanto, que se encontravam na festa, foi a mim que ela pediu para, no dia seguinte, lhe mostrar os monumentos mais interessantes da cidade. Fê-lo de uma forma tão natural... Como se fôssemos velhos amigos, que acabavam de se reencontrar em Lisboa. No final desse dia, passado a entrar em igrejas e museus, quis que lhe mostrasse o meu apartamento. Era apenas uma casa mobilada, que eu arrendara na Estrela, mas ela insistiu.»

Parou novamente de falar e, durante algum tempo, limitou-se a sorrir.

«Fizemos amor como se fôssemos velhos amantes, que acabavam de se reencontrar em Lisboa, após uma separação forçada... Fomos felizes, ou loucos, ou ambas as coisas, durante quase seis meses. A Emma inventou uma súbita necessidade de saber mais sobre arte renascentista e inscreveu-se num curso dado por um professor de História da Arte que eu conhecera pouco depois de chegar a Lisboa. Não creio que tenha assistido a uma única aula... Três dias por semana, eu ia buscá-la a Santa Apolónia e refugiávamo-nos na casa da Rua dos Navegantes, apenas lamentando o momento em que teríamos de voltar à estação de comboios. Sir Godfrey pensava que eu

estava a trabalhar num ensaio sobre a influência da estética britânica na pintura portuguesa...» Riu. «Foram uns tempos engraçados... Então, numa dessas festas na embaixada, para as quais James Knightley era invariavelmente convidado, por razões óbvias, um velho amigo de Eton veio dizer-me que o meu irmão americano acabara de chegar. Eu nunca sentira que Todd fosse verdadeiramente meu irmão... Quando a minha mãe se casou com John Carver, mudou-se para os Estados Unidos e eu fiquei com a família do meu pai. Na verdade, fiquei no internato, mas nisso pouco diferia dos meus amigos... Apenas convivi um pouco com ele durante um ano, porque o pai Carver achou que o filho devia passar um tempo em Oxford. Ele não se adaptou a Inglaterra; eu não me adaptei a ele. Na verdade, não nos suportávamos mutuamente... Por essa altura, há muito tempo que a minha mãe não se encontrava bem, depois de tantos filhos perdidos ainda bebés... Quando ela morreu, Todd regressou a casa e não voltou a Inglaterra. Foi, por isso, com espanto que o reencontrei em Lisboa, numa festa da embaixada britânica... Não me explicou o que estava a fazer em Portugal — mais tarde, ouvi rumores sobre a sua amizade com um dos homens fortes da CIA que, na altura, se encontrava em Lisboa — mas disse-me que tinha aceite suportar aquela seca só para conhecer a beleza de que todos falavam. Não precisei que ele me dissesse de quem se tratava... E não pude fazer nada para impedir que ele passasse toda a noite atrás de Emma. Apenas me aborreceu o facto de ela não travar completamente os seus avanços. Quando comentei isso com Emma, no nosso encontro seguinte, ela riu dos meus ciúmes e afirmou que ele era um homem muito persistente. Depois, subitamente, Sir Godfrey Heston recebeu a colocação no Cairo, pela qual ansiava há anos, e comunicou-me que intercedera para que eu pudesse acompanhá-lo. A ideia de passar algum tempo no Egipto agradava-me, é claro. Propus a Emma que nos acompanhasse, mas ela não pareceu entusiasmada perante a perspectiva de abandonar aquilo que considerava ser o mundo civilizado. Acho que me disse que não iria suportar o calor... Não nos separámos nos melhores termos, devo admitir, mas escrevi várias cartas, assim que cheguei ao Cairo. Nunca recebi resposta e, quando perguntava a Sir Godfrey pela saúde de Emma, usando a minha melhor expressão de fria cordialidade, ele respondia-me do mesmo modo, assegurando que tudo ia bem. Depois, as minhas cartas começaram a chegar, devolvidas. Tentei localizá-la através do meu amigo na embaixada, mas ele apenas me disse que ela tinha viajado para os Estados Unidos. Não era completamente imbecil: percebi de imediato o que se tinha passado e obtive a confirmação algum tempo depois, através de um telegrama que o idiota do meu meio-irmão achou por bem enviar-me, a comunicar o seu casamento com Emma. Também Sir Godfrey me comunicou o feliz acontecimento, de uma forma que indiciava não corresponder exactamente àquilo que sonhara para a filha. Perguntou-me se iria estar presente no casamento, acima de tudo por questões ligadas à organização do trabalho que estávamos a desenvolver no Egipto. Desculpei-me com a tese de doutoramento para não realizar a viagem. «Eu não tenho escolha.» foi

a sua resposta. Não regressou ao Egipto. Morreu pouco depois do casamento, em circunstâncias nunca completamente explicadas... Só vários anos mais tarde, ao ler uma revista "Time", reparei numa fotografia da feliz família, tirada quando o Todd se tornou congressista: ele, a Emma e o filho.»

«O Michael.» atreveu-se Jack a completar.

«Exactamente, o Michael.»

«E não pensou que...?» perguntou Jack, deitando mais whiskey em ambos os copos.

«Não havia nada mais a pensar. A Emma casara-se com o Todd e tinham tido um filho. A idade da criança apenas me fazia acreditar que eles se tinham envolvido em Lisboa, quando ainda... Não havia nada mais que pensar.»

Jack não insistiu. Ficaram em silêncio, durante algum tempo; cada um entregue aos seus pensamentos.

«Durante muito tempo, tentei não pensar no assunto.» disse Nigel Haslam, como se a pausa não tivesse ocorrido. «Tentar é o verbo exacto. Acho que não passou um único dia sem que... Seja como for, acabei por me mudar para Lisboa. Cheguei a pensar que se tratava de masoquismo. Talvez fosse outra coisa... Talvez eu estivesse simplesmente à espera.»

«Esperava que Mrs Carver voltasse?» perguntou Jack.

«Não.» respondeu secamente o professor, mas corrigiu: «Talvez, durante um tempo... Na verdade, sempre soube que ela não voltaria. Mas continuei à espera de algo, que não conseguia definir... Até ao dia em que o Michael apareceu, à saída de uma das minhas aulas na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Apresentou-se e perguntou se eu tinha tempo para tomar um café com ele. Era tão parecido com a Emma... Jantámos, nessa noite, e, quase no final do jantar, ele quis saber se eu aceitaria fazer um teste de ADN...» Sorriu e abanou a cabeça. «Gostaria de dizer que fiquei espantado com o pedido e com aquilo que implicava, e isso teria certamente acontecido se a pergunta tivesse sido feita no momento em que ele se apresentou, mas após três horas de conversa com Michael eu já sabia que aquele homem não podia ser um filho de Todd Carver...» Voltou a sorrir. Havia satisfação na sua voz, quando disse: «Era demasiado... Haslam.»

Levantou o copo com intenção de beber, mas voltou a pousá-lo.

«Pensando bem, deve ter sido um verdadeiro inferno para o Todd: conviver diariamente com alguém que ele sabia não ser seu filho e que, ano após ano, demonstrava cada vez mais ser parecido com... Para o Michael, foi certamente um pesadelo.»

Na mente de Jack surgiram memórias que poderiam facilmente confirmar as suspeitas de Nigel, mas apenas comentou: «Acho que o Michael se sentia culpado pela morte dos dois irmãos.»

«Não era ele o único a sentir-se culpado.»

«Acha que Mrs Carver também?»

«Pobre Emma... No final, decidi fazer aquilo que achou poder salvar o único filho que lhe restava.»

«Foi ela quem contou ao Michael?»

«Quem mais poderia ter sido? O Todd morria, ou matava, antes de permitir que alguém soubesse da história.»

«É esse o trunfo de que o Michael me falou, não é? E o risco que o professor disse que Mr Carver tinha aceite correr, quando me enviou a Lisboa... O Michael referiu-se ao assunto como sendo um holocausto nuclear.»

O professor voltou a rir.

«Não deixa de ser uma imagem interessante... Ele foi senador e continua a ser uma voz ouvida em certos círculos de Washington. Não me parece que tenha abandonado por completo as suas ambições políticas, portanto, duvido que esteja interessado em ouvir referirem-se a ele como o ex-senador cornudo, ou algo no género, apesar de isso estar um pouco longe do que realmente se passou. A verdade é que uma certa imprensa iria adorar expô-lo como o homem que partilhou a mulher com o meio-irmão... Não combinaria muito com a sua imagem de conservador.»

Bebeu finalmente o whiskey, pousou o copo, e voltou a falar, já com o seu habitual sorriso irónico:

«Numa coisa, devo admitir que o irmão Carver estava, afinal, certo: todos os homens têm um preço.»

Gostas de velhos. Irrita-me que gostes de velhos, mesmo dos mortos, como Borges. Irrita-me que gostes de fantasmas, com os quais não posso competir. Se fosse velho, um esqueleto moribundo, o resto carbonizado de uma das histórias desses fantasmas cegos, terias gostado mais de mim? Terias gostado o suficiente para lutares, em vez de partires? Quero ser aquele homem do conto de Borges, de que tanto falavas. Sabes que o li? Às escondidas, para que não soubesses que queria perceber e me julgasses fraco. A fachada da indiferença era a única arma que acreditava possuir.

43.

Anoitecera e a sala estava agora imersa numa penumbra que lhes ocultava os rostos.

«Faça a pergunta, Jack.» disse Nigel Haslam e acendeu o candeeiro que se encontrava sobre a mesa de trabalho.

«Aquela que ainda não se atreveu a fazer.»

Jack piscou os olhos por causa da súbita claridade e hesitou. Por fim, iniciou a pergunta: «A Sarah...?»

Não conseguiu concluir a frase. Levantou-se e aproximou-se da janela. Lá fora, os candeeiros públicos criavam ilhas de luz, atravessadas pelas pessoas que regressavam a casa, com passos lentos de cansaço, e por aquelas que saíam, animadas, com planos para a noite que começava. Não havia um único lugar onde estacionar e poucos carros percorriam a rua, também ela uma ilha, longe do trânsito que certamente já traria cheias as principais avenidas da cidade. Apeteceu-lhe sair dali, ir ao encontro de uma multidão desconhecida que, ao contrário dele, sabia para onde se dirigia, ou procurar refúgio no corpo de Marta. Mas Marta estava decerto em Colares e a voz do professor fez-se novamente ouvir:

«Se lhe serve de algum consolo, Jack, conheci a Sarah muito antes de vocês se terem encontrado.»

A afirmação pareceu-lhe tão lógica, que se considerou idiota por não o ter adivinhado antes. Começou a rir.

«Trevor.» pronunciou, sem desviar o olhar da rua. «O verdadeiro Trevor.»

Depois, virou-se e encarou Nigel Haslam.

«Não sabe do que estou a falar, pois não?»

«Quer saber se li o seu livro? Li. O Michael deixou-me a cópia que o Jack lhe autografou... Na verdade, foi a Sarah quem pediu que eu o lesse.»

Fez uma pequena pausa, antes de continuar:

«Quando o Michael conheceu a Sarah, na noite do lançamento do seu livro, falou-lhe no meu nome. Nem ele sabe bem porquê... Talvez

tenha sido o sotaque inglês. A verdade é que ela sabia quem eu era e onde morava. A vida é estranha, não lhe parece? Qual será a probabilidade de uma coisa assim acontecer?»

«Provavelmente, maior do que qualquer um de nós teria suposto.» respondeu Jack, com um tom sarcástico.

«Provavelmente.» repetiu o professor, sem lhe imitar a entoação.

«O verdadeiro Trevor.» voltou a dizer Jack. «A Sarah sabe por que é que nunca se quis envolver com ela? Sabe que sempre esteve obcecado com um fantasma do passado?»

«Todos nós temos os nossos fantasmas... e demónios, não é verdade? Quando o Jack escreveu a sua história, era dos seus fantasmas e demónios que estava a falar, não lhe parece? Até mesmo a forma como retratou a Sarah e a vossa relação... pensa que poderá ser encarada como algo mais do que a expressão dos seus medos e desejos?»

«Sabe onde ela está?»

Aguardou pela resposta vigiando os olhos do professor, na tentativa de vislumbrar o menor indício de fuga.

«Não, não sei.» respondeu Nigel, sem desviar o olhar. «Talvez tenha simplesmente ido à procura de um templo em ruínas. Estou certo que regressará, depois de descobrir a sua ilusão, ou verdade, ou o que quer que seja... Talvez deva reinventá-la nos seus sonhos... e escrever uma nova história.»

Jack fitou-o por segundos, antes de perguntar:

«Estamos novamente a falar de Borges?»

O gato de Cheshire reapareceu na sala, no momento em que o professor por fim respondeu:

«Meu caro Jack, exactamente quando deixámos de o fazer?»

Acabei o livro. Não sei se é um livro. Não sei o que é. Jack, Sarah, Mendo, Berenice... Poderíamos ter sido todos eles, ou outros, que ainda me faltam sonhar. Perdi-te cedo demais.

FIM

